



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

VALDIMIRO DIAS ESTEVES

ESTUDO DA MODALIDADE EPISTÊMICA NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Florianópolis - SC

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

VALDIMIRO DIAS ESTEVES

ESTUDO DA MODALIDADE EPISTÊMICA NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Defesa de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Núbia Saraiva Ferreira Rech

Florianópolis - SC

2023

ESTEVES , VALDIMIRO DIAS
ESTUDO DA MODALIDADE EPISTÊMICA NO PORTUGUÊS DE ANGOLA /
VALDIMIRO DIAS ESTEVES ;orientador, NÚBIA SARAIVA FERREIRA
RECH, 2023.
139 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Português angolano. 3. modalidade. 4.
tempo . 5. aspecto. I. SARAIVA FERREIRA RECH, NÚBIA. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Linguística. III. Título.

VALDIMIRO DIAS ESTEVES

ESTUDO DA MODALIDADE EPISTÊMICA NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 10 de outubro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Dr^a. Núbia Saraiva Ferreira Rech
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Amanda Macedo Balduino
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Membro externo

Prof. Dr. Maurício Sartori Resende
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Membro externo

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Prof.Dr. Valter Pereira Romano
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)

Núbia Saraiva Ferreira Rech
Orientadora

Florianópolis - SC
2023

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

A Jeová Deus pelo fôlego de vida;

Ao meu pai pela educação;

À minha mãe pelo amor incondicional;

Ao Jucelmo pela coragem que inspira dentro de mim em momentos de turbulência e de excessiva dúvida;

Aos meus irmãos e irmãs pelo apoio;

À aquela mulher especial da minha vida pelas visitas;

Ao Dumilde, Yuran, Nataniel e Lucas pela amizade;

A CAPES pela bolsa;

A todos participantes da minha pesquisa pela colaboração;

À minha orientadora professora doutora Núbia Ferreira Rech, que, com paciência e zelo, me proporcionou grandes aprendizados durante a elaboração deste trabalho;

À banca examinadora por aceitarem ao nosso convite e pelas maravilhosas contribuições;

A todos operários do mundo inteiro, cá, fica, minha solidariedade a cada companheiro e companheira vítima do sistema capitalista, que inferniza, diariamente, nossas vidas em benefício dos interesses da burguesia.

RESUMO

Este trabalho começa por mostrar que o território que atualmente pertence a Angola sempre foi habitado pelos povos khoisan e bantu. Contudo, em 1482, os portugueses atracaram pela primeira vez na foz do Rio Zaire. A partir daí, começaram os primeiros contatos entre os bantu e os portugueses, bem como entre as línguas de ambos os povos. Os eventos que se seguiram foram a colonização e as lutas pela independência de Angola até sua proclamação em 1975. Depois da independência, escolheu-se o português como a língua oficial de Angola. Entretanto, ao longo deste trabalho, mostrou-se que, não obstante o português seja a língua oficial, existem particularidades entre o português de Angola (doravante PA) e de Portugal, que ainda é usado como modelo de língua em Angola (Miguel, 2003). Ainda nesta senda, Mingas (2000) mostra que o português de Angola difere-se do de Portugal devido à influência das línguas bantu. No que tange à modalidade, a espinha dorsal deste trabalho, teve-se como ponto de partida o texto de Cinque (1999), que, em síntese, estabelece posições específicas para os núcleos funcionais da sentença. Assim sendo, para testar a posição do verbo modal epistêmico no PA em relação a categoria tempo, aspecto e coocorrência de modais, elaborou-se três questionários diferentes, na parte da metodologia, tendo como modelo o texto de Vander Klok (2022). No cômputo geral, este trabalho é de extrema importância no que concerne ao estudo dos verbos modais no PA, nas línguas bantu e Khoisan de Angola, visto que não há trabalhos que se debruçam sobre essa temática.

Palavras-chave: Português angolano; modalidade; tempo; aspecto.

ABSTRACT

This work begins by showing that the territory that currently belongs to Angola has always been inhabited by the Khoisan and Bantu peoples. However, in 1482, the Portuguese landed for the first time at the mouth of the Zaire River. From then on, the first contacts between the Bantu and the Portuguese began, as well as between the languages of both peoples. The events that followed were colonization and the struggles for Angola's independence until its proclamation in 1975. After independence, Portuguese was chosen as the official language of Angola. However, throughout this work, it was shown that, although Portuguese is the official language, there are particularities between the Portuguese of Angola (hereinafter PA) and Portugal, which is still used as a language model in Angola (Miguel, 2003). Still in this vein, Mingas (2000) shows that the Portuguese of Angola differs from that of Portugal due to the influence of the Bantu languages. Regarding the modality, the backbone of this work, the starting point was the text by Cinque (1999), which, in summary, establishes specific positions for the functional head of the sentence. Therefore, in order to test the position of the epistemic modal verb in PA in relation to the category of tense, aspect, and co-occurrence of modals, three different questionnaires were elaborated, in the methodology part, using the text by Vander Klok (2022) as a model. Overall, this work is extremely important with regard to the study of modal verbs in PA, in the Bantu and Khoisan languages of Angola, since there are no works that focus on this theme.

Keywords: Angola Portuguese; modality; tense; aspect.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PANORAMA HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO DE ANGOLA	12
1.1 CONSTITUIÇÃO DOS POVOS ANTES DA CHEGADA DOS PORTUGUESES.	12
1.1.1 OS PRIMEIROS CONTATOS DOS PORTUGUÊS COM OS POVOS BANTU	12
1.1.2 INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA, GUERRA CIVIL E PAZ	13
1.2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS E LINGUÍSTICOS DE ANGOLA	15
1.2.1 PANORAMA LINGUÍSTICO DE ANGOLA	18
1.3 EM DEFESA DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS DE ANGOLA	25
1.4 RESUMO DO CAPÍTULO	29
2. CAPÍTULO 2 - REVISÃO TEÓRICA DA LITERATURA DOS VERBOS MODAIS	31
2.1 NOTAS PRELIMINARES	31
2.1.1 KRATZER (1981, 1991, 2001).	32
2.1.2 CINQUE (1999)	34
2.1.3 HACQUARD (2006, 2010)	38
2.1.4 FERREIRA (2020a-b)	42
2.2 PROPRIEDADE DOS MODAIS ALTOS E BAIXOS	47
2.3 PROPRIEDADES DO MODAL EPISTÊMICO NO PB	51
2.4 ESTUDOS DOS AUXILIARES MODAIS NO PB	54
2.3.1 RESUMO DO CAPÍTULO	58
3. METODOLOGIA	60
3.1 ENTREVISTAS	60
3.2 QUESTIONÁRIOS	60
3.2.1 QUESTIONÁRIO 1 — MODALIDADE EPISTÊMICA E TEMPO	62
3.2.2 QUESTIONÁRIO 2 — MODALIDADE EPISTÊMICA E ASPECTO	64
3.2.3 QUESTIONÁRIO 3 — COCORRÊNCIA DE MODAIS	66
3.2.4 RESUMO DO CAPÍTULO	69
4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	71
4.1 QUESTIONÁRIO 1 - MODALIDADE EPISTÊMICA E TEMPO	71
4.2 QUESTIONÁRIO 2 - MODALIDADE EPISTÊMICA E ASPECTO	87
4.3 QUESTIONÁRIO 3 - CO-OCORRÊNCIA DE MODAIS	98
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
6. REFERÊNCIAS	114
7. ANEXOS	122

7.1 ANEXO 1 — Entrevista de dados do falante	122
7.2 ANEXO 2 — Entrevista de informações linguísticas	123
7.3 ANEXO 3 — QUESTIONÁRIO 1	125
7.4 ANEXO 4 — QUESTIONÁRIO 2	130
7.5 ANEXO 5 — QUESTIONÁRIO 3	134

INTRODUÇÃO

Estudos como os de Mingas (2000), Miguel (2014), Undolo (2014), Flores (2020), Kialunda (2020), Esteves (2021), Santana (2022) e José (2022) debruçam-se a respeito do PA e suas particularidades em relação às outras variedades do português. No tange à modalidade, a espinha dorsal do nosso trabalho, o português europeu (doravante PE) e o brasileiro (doravante PB) já contam com diversas pesquisas. Todavia, no PA e nas línguas bantu e khoisan de Angola, ainda não existem estudos sobre a modalidade. Em vista disso, nosso trabalho tem como objetivo geral contribuir para os estudos formais do PA e como objetivo específico tecer contribuições para a descrição dos estudos sobre modalidade e para a valorização do PA como uma variedade independente do PE. Nesse sentido, está constituído de quatro capítulos.

No primeiro, abordamos sobre os aspectos sócio-culturais e linguísticos de Angola, desde a chegada dos portugueses até a consagração do português como língua oficial do país, de acordo com o artigo 19º da Constituição da República de Angola. Além disso, através de autores como Miguel (2014), Zau, Venâncio e Sardinha (2013), Sassuco (2016) e Ezequiel (2017), discutimos o status do português como única língua oficial em relação às demais e mostramos algumas diferenças entre o PA e o PE em virtude da influência que a primeira recebe das línguas bantu.

No segundo capítulo, apresenta-se os teóricos que embasaram nossa pesquisa: Kratzer (1981; 1991); Cinque (1999), Hacquard (2006; 2010; 2012) e alguns estudos dos verbos modais no PB (Ferreira, 2009; Pessoto, 2015; Mendes, 2019 entre outros), que nos auxiliaram na descrição de algumas propriedades destes verbos nesta variedade. Isso foi feito, devido à falta de estudos sobre modalidade no PA e nas línguas bantu de Angola. Em Kratzer, abordamos a modalidade a partir da perspectiva semântica; em Cinque (1999), a partir da perspectiva sintática; em Hacquard (2006), a partir da interface sintaxe-semântica.

Os verbos auxiliares modais no PA (*poder, dever e ter que*) veiculam diferentes interpretações numa sentença. Para Kratzer (1981; 1991), a polissemia gerada por itens funcionais modais não ocorre por influência de ambiguidades

lexicais nem estruturais, mas sim porque o sentido do verbo ou o sabor modal (o tipo de modalidade) expresso na sentença, depende do contexto. Já para Cinque, os diferentes sentidos associados aos itens funcionais modais se devem a uma ambiguidade estrutural, ou seja, os verbos modais podem gerar sentidos diferentes dependendo da sua posição na estrutura da sentença. Por isso, classifica-os em epistêmicos e de raiz. Modais epistêmicos são aqueles que ocupam uma posição acima das categorias tempo e aspecto; já os modais de raiz (deônticos, teleológico, buléticos, circunstanciais etc) ocupam uma posição abaixo dessas categorias. Cinque só reconhece como modal alto o epistêmico e classifica os demais como de raiz. Hacquard (2006; 2010), por sua vez, mostra que existe uma diferença estrutural entre os verbos modais deônticos e classifica em *ought-to-do* (de raiz) e *ought-to-be* (modal alto). Contudo, não diferencia estruturalmente os deônticos *ought-to-be* dos modais epistêmicos em relação à posição que esses ocupam na estrutura da sentença. Por isso, foi de extrema importância analisar algumas propriedades do verbo modal deôntico *ought-to-be* em relação ao também núcleo modal alto epistêmico, com exemplos do PB (Rech e Varaschim, 2017).

No capítulo três, mostramos a metodologia que empregamos para o estudo dos verbos modais no PA. Neste capítulo, apresentamos três questionários. No primeiro, baseamo-nos em Vander Klok (2014) e analisamos os modais epistêmicos em relação à categoria tempo. Este ponto é importante porque autores como Cinque (1999) e Hacquard (2006; 2012) interpretam os modais epistêmicos numa posição acima da categoria tempo, enquanto autores como Rullmann & Matthewson (2018) interpretam os modais epistêmicos e os modais de raiz abaixo dessa categoria. Assim sendo, no primeiro questionário, testamos o comportamento dos modais epistêmicos em relação à perspectiva temporal presente e passada, tal como apresentada em Condoravid (2002).

No segundo questionário, testamos os modais epistêmicos em relação a algumas categorias aspectuais: AspInceptivo, AspProgressivo, AspContinuativo, AspRepetitivo e AspInterruptivo. Segundo Ferreira (2009) e Pessoto (2015), os verbos modais podem veicular significados diferentes dependendo da sua posição na estrutura da sentença de acordo com a proposta cartográfica de Rizzi (1997); Cinque (1999); Cinque e Rizzi (2008). Nesse sentido, no terceiro questionário,

testamos a coocorrência de modais, ou seja, usamos dois verbos modais na mesma sentença e analisamos os diferentes sentidos veiculados por esses verbos quando coocorrem. Por fim, observa-se que em todos os questionários se empregou nomes comuns nas línguas bantu de Angola, como Nsimba e Ngola, a fim de concatenar melhor as informações dos dados dos fenômenos em análise com a realidade dos participantes.

No quarto e último capítulo, analisou-se os dados produzidos em todos os questionários e se fez a descrição dos resultados observados.

1. PANORAMA HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO DE ANGOLA

1.1 CONSTITUIÇÃO DOS POVOS ANTES DA CHEGADA DOS PORTUGUESES.

Os primeiros habitantes de Angola foram os povos khoisan¹ (Undolo, 2014: 33). O emprego desse termo é problemático, em virtude de sua constituição morfológica fazer referência a dois povos distintos, a saber: os *khoi-khoi* e os *san*. Cabe mencionar, no entanto, que, por muito tempo, esses povos foram compreendidos como um só (Olderogge, 2010: 307).

Depois dos khoisan, pigmeus, vátuas e kuisses, os bantu formaram o segundo grupo a se fixarem nas diversas regiões, que, hoje, compreendem o território angolano². Em contrapartida aos portugueses, que foram os últimos. Ao chegarem em 1482, estes deram início às primeiras negociações que foram feitas com os povos bantu. Nesse período, a região que atualmente corresponde a Angola era um território constituído por vários reinos, entre eles: Ndongo, Lunda e Kongo (Mingas 2000: 30; Sassuco, 2016: 201-202).

1.1.1 OS PRIMEIROS CONTATOS DOS PORTUGUÊS COM OS POVOS BANTU

O primeiro contato entre os portugueses e os bantu não marcou o início da colonização; “o domínio colonial de Angola aconteceu apenas no final do século XV” (Undolo, 2014: 34). Neste período, a colonização dos territórios africanos acontecia apenas em zonas costeiras, não nos interiores. Já a partir de 1880 a 1919, os países europeus, através da conferência de Berlim, começaram a delimitar a partilha e o domínio completo do continente africano³. Entretanto, esse intento originou vários movimentos de resistência e defesa da soberania do continente africano (Boahen, 2010; Ranger, 2010: 60; Uzoigwe, 2010: 45).

No caso de Angola, colocava em xeque a continuidade dos reinos locais, agravando, assim, as relações entre os correspondentes portugueses e as

¹ Os khoisan são os povos mais antigos da região de Angola, seguidos dos pigmeus, vátuas, kuisses e os bantu (Nsiangengo, Santana, Helena, Kianzowa e Couveia, 2018: 52; Zau, 2011: 47).

² Uma das diferenças entre os khoisan e os povos bantu é que os primeiros têm como ofício a caça; os bantu, por sua vez, vivem essencialmente da agricultura (Nsiangengo, Santana, Helena, Kianzowa e Couveia, 2018).

³ A conferência de Berlim foi realizada entre 15 de novembro de 1884 a 26 de novembro de 1885.

autoridades angolanas, visto que, antes da conferência de Berlim, os reis dos reinos que ficavam nas regiões de Angola ainda gozavam de seus privilégios e mantinham uma relação entre autoridades com interesses comerciais mútuos.

No entanto, com o avanço no interior de Angola, os portugueses tinham como objetivo principal subjugar os reinos locais. Esses e outros acontecimentos geraram reações que deram início a queda do sistema escravagista, já que as lideranças locais não aceitaram se submeter às leis e às exigências econômicas propostas por Portugal, culminando, assim, no desencadeamento de várias revoltas, até a proclamação da independência de Angola.

1.1.2 INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA, GUERRA CIVIL E PAZ

O colonialismo português elevou a precariedade da vida dos povos que viviam na atual República de Angola, visto que começaram a ser alvo de maus-tratos por conta das políticas capitalistas que estavam entranhadas nos interesses comerciais dos portugueses. A título de ilustração, podem-se citar ataques racistas, imposição de trabalhos forçados, exclusão social, “tributação elevada, baixos preços dos produtos agrícolas e o alto custo dos bens importados” (Boahen, 2010: 43). Essas atrocidades levaram o povo angolano a tomar uma firme posição contra a opressão portuguesa.

Por isso, a noite de 4 de fevereiro de 1961 ficou marcada como um acontecimento memorável na história mais recente do povo angolano. Nesta noite, várias fazendas e postos administrativos que faziam a máquina colonial funcionar foram atacados por jovens e adultos. Este acontecimento marcou o início da luta armada, que culminou com a independência de Angola. Além disso, a noite de 4 de fevereiro desencadeou outras revoltas, como a do dia 15 de março do mesmo ano, que abriu caminho para futuras negociações entre o Governo português e os líderes independentistas, ou seja, os líderes dos principais movimentos de libertação de Angola (Undolo, 2015: 36; Silva, 2018: 8-9).

A luta contra o jugo colonial português, em Angola, teve como principais movimentos de libertação: a Frente Nacional de Libertação de Angola (doravante, FNLA), o Movimento Popular de Libertação de Angola (doravante, MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (doravante, UNITA). Esses três

movimentos surgiram no século XX e foram formados por angolanos de todas as franjas sociais.

Por essa via, graça à estratégia, ao empenho e ao sentido de missão dos três principais líderes dos movimentos que encabeçaram a luta pela libertação de Angola, o mais alto comissário do Governo português, Leonel Cardoso, anunciou o encerramento de sua missão nas vestes de representante do Governo português em Angola e, com isso, o fim da presença portuguesa em todo território angolano no dia 10 de novembro de 1975 (Silva, 2018: 10).

Esse acontecimento, que deveria ser motivo de júbilo e de renovação das aspirações em relação a um futuro melhor para todo povo angolano, deu início a um longo período de guerra civil sem precedentes, visto que Governo de Angola ficou sob a responsabilidade do MPLA, e não sob custódia dos três principais movimentos de libertação de Angola, conforme estava plasmado nos Acordos de Alvor (1975: 181)⁴.

Por herdar o poder diretamente do governo português, sem que houvesse, primeiro, uma eleição entre os três movimentos independentistas, o MPLA, na voz do seu então presidente, Agostinho Neto, proclamou, em Luanda, a independência de Angola e se assumiu como novo Governo na noite de 11 de novembro de 1975. Esse fato desencadeou uma reação dos outros dois movimentos: a UNITA e FNLA, que, igualmente, proclamaram a independência em lugares diferentes (Undolo, 2014: 43).

Por consequência da proclamação de três independências por parte de cada movimento, o país acabou mergulhando numa longa guerra civil entre os três principais movimentos de libertação de Angola. Com a intensificação da guerra civil, o MPLA, partido do Estado, naquela época, sentiu-se pressionado a realizar as primeiras eleições no país, no ano de 1991 (Pereira, 2002: 46-47). Com a vitória nas eleições, o MPLA continuou a assumir o Governo. O resultado das eleições foi, entretanto, questionado pelo principal partido da oposição: UNITA, que alegou fraude. Então, o país mergulhou novamente num combate sangrento, que só teve

⁴ Tendo em conta que o MPLA, FNLA e a UNITA foram os principais movimentos que lutaram contra a colonização portuguesa, o Acordo de Alvor previa uma eleição entre os três movimentos de libertação. O vencedor da eleição deveria formar o governo que dirigiria os destinos do país até as próximas eleições.

término no dia 22 de fevereiro de 2002, quando morreu, em combate militar, o líder da UNITA: Jonas Savimbi. Em vista disso, o dia 4 de abril desse mesmo ano foi proclamado, pelo ex-presidente da Angola, José Eduardo dos Santos, como o Dia da Paz e da Reconciliação Nacional.

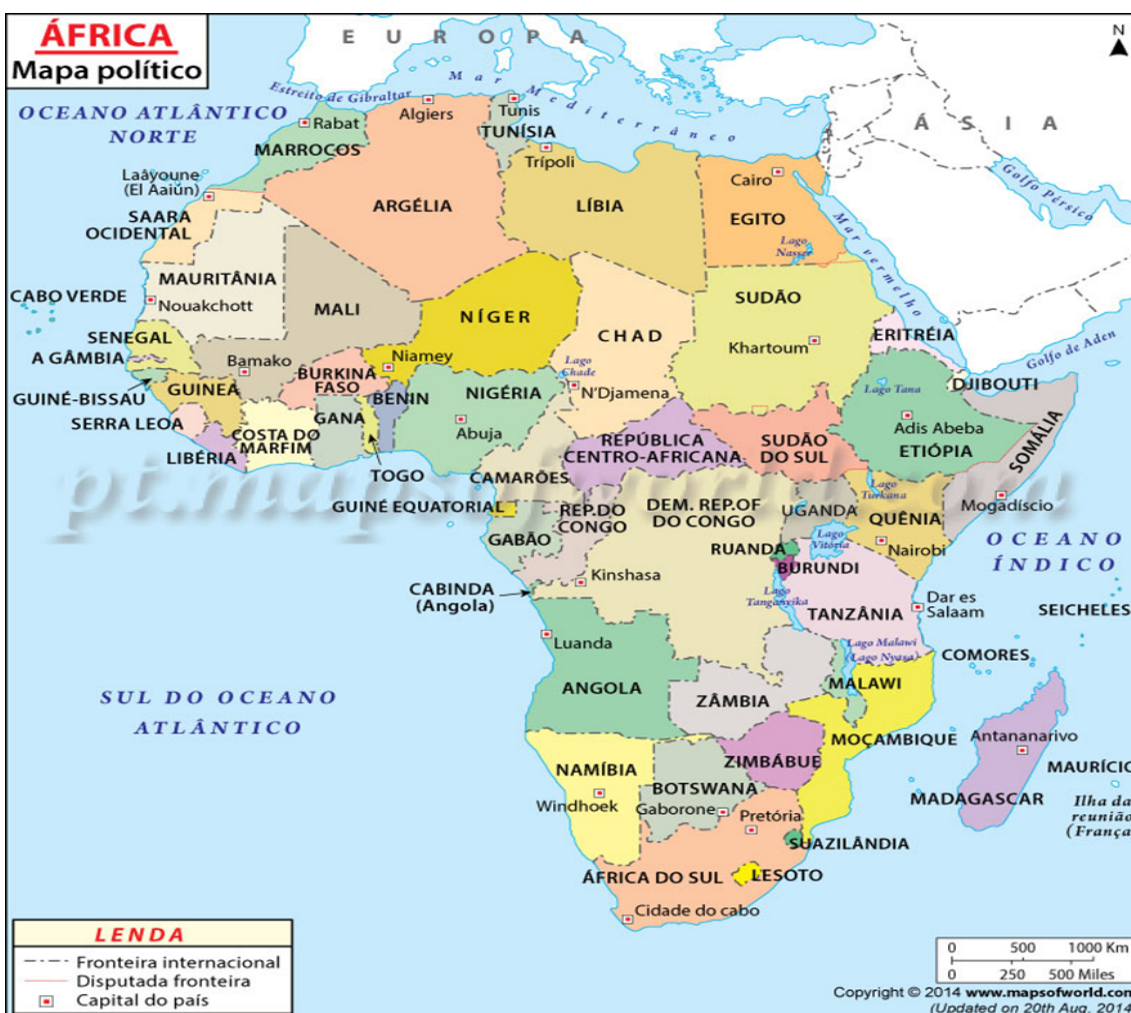
Com o fim do colonialismo e da guerra civil no território angolano, o MPLA, até então partido no poder, se tornou governo e criou condições para a realização do segundo processo eleitoral no país, que aconteceu no ano de 2008; o terceiro, em 2012; o quarto, em 2017; e o quinto, em 2022.

Desse modo, com o ambiente democrático instalado no país, conquanto ainda esteja em processo, a árdua missão do governo angolano passa a ser a unificação dos diversos povos, dos mais variados reinos, que, outrora, existiam no território angolano, de modo que, em uníssono, todos sintam-se partícipes da reconstrução de uma nova nação.

1.2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS E LINGUÍSTICOS DE ANGOLA

Geograficamente Angola está localizado na região Austral do continente africano. Ao norte, faz fronteira com a República Democrática do Congo; ao leste, com a República da Zâmbia; ao sul, com a República da Namíbia; ao oeste, é banhada pelo Oceano Atlântico, como se pode ver no mapa 1.

Mapa 1 – localização da Angola no mapa da África



Fonte: Esteves (2021: 13).

O mapa acima mostra os limites geográficos dos diferentes países africanos que fazem fronteira com Angola. Também mostra que, através dos países mais a norte de África, se pode chegar ao continente europeu e Asiático. Ainda nesse ponto, percebe-se que, além do oceano Índico, o continente africano é banhado pelo oceano Atlântico ao norte e ao sul. Além disso, o mapa mostra que Angola é um dos maiores países de África. Segundo Pereira (2002: 46), Angola é o sétimo maior país da África.

Internamente, Angola tem uma extensão territorial compreendida em 1.246.700 km². Segundo os dados do primeiro censo populacional realizado em 1970, naquela altura, a população era estimada em 5.646.166 habitantes (MINGAS, 2000). Já os dados do último censo, realizado em maio de 2014, pelo Instituto Nacional de Pesquisa, mostram que Angola tinha uma população estimada em 24, 3

milhões de habitantes, sendo a maior parte dessa população do sexo feminino, com uma percentagem de 12,5 milhões de habitantes, o que equivalia a 52% da população; 11,8 milhões de habitantes era do sexo masculino, o que equivalia a 48% da população.

No âmbito político-administrativo, Angola tem Luanda como capital econômica e é constituída por 18 províncias, nomeadamente: Bié, Bengo, Benguela, Luanda, Lunda Sul, Lunda Norte, Cabinda, Cuando Cubango, Cunene, Kwanza Sul, Kwanza Norte, Malanje, Moxico, Huambo, Huíla, Namibe, Uíge e Zaire. O mapa a seguir ilustra a divisão territorial de Angola por províncias:

Mapa 2 – Divisão política de Angola



Fonte: Esteves (2021: 14)

O mapa 2 mostra como estão distribuídas as 18 províncias de Angola e seus respectivos limites geográficos. Por exemplo, através desse mapa, percebe-se que Cabinda é a província mais ao norte do país. Já Moxico e o Cuando Cubango têm as maiores extensões territoriais. Além disso, o mapa ilustra que Luanda, Benguela e Namibe são algumas das províncias de Angola banhadas pelo Oceano Atlântico.

1.2.1 PANORAMA LINGUÍSTICO DE ANGOLA

No que diz respeito aos aspectos linguísticos, por ser um país localizado no continente africano, não surpreende o fato de Angola apresentar uma vasta confluência linguística dentro do seu território. Aliás, o multilinguismo não é somente uma peculiaridade de Angola, pelo contrário, é uma realidade recorrente dentro do continente africano. Nalgumas vezes, até em territórios geograficamente bastante pequenos, há uma grande confluência de línguas. Desconsiderando o inglês, o francês, o espanhol, o português, o africâner e as línguas de contato ou crioulas, falam-se mais de 2.000 línguas no continente africano (cf. Petter 2015: 11). Os dados trazidos por Petter (2015) explicitam a riqueza linguística do continente africano e sua concomitante realidade multilíngue. No caso de Angola, inicialmente, abordar-se-ão as línguas khoisan, bantu e depois o português.

Os *khoisan* vivem em comunidades pequenas e isoladas e sofrem com a falta de políticas públicas de integração. Com isso, a descrição das suas línguas tem sido impactada, ganhando menos atenção do que o português e as línguas do grupo bantu. Os baixos indicadores de pesquisas linguísticas voltadas para as línguas khoisan não podem ser interpretados como falta de interesse dos pesquisadores, uma vez que há outros fatores envolvidos, como: as dificuldades de acesso às comunidades e a inexistência de documentos conhecidos nessas línguas (cf. Undolo 2014: 61).

Diferentemente das línguas do grupo khoisan, as línguas bantu, nome atribuído pelo estudioso alemão Bleek devido ao fato de observar a recorrência da raiz *-ntu* para designar 'ser humano, homem, pessoa' e do prefixo *ba* - para indicar pluralidade nas línguas da região central e do sul da África (Petter, 2015: 36), têm sido objeto de pesquisas linguísticas. Um exemplo é o estudo de Kialunda, Tumua, Bengui e Timbane (2019), que mostra as relações existentes entre língua e cultura, através de exemplos do *kimbundu* e do *kikongo*. Para uma melhor compreensão das línguas bantu faladas em Angola, é necessário entendermos a constituição dos principais troncos linguísticos encontrados no continente africano. Segundo Undolo (2014: 65), as línguas bantu de Angola fazem parte do tronco linguístico

Kongo-Kordofaniana⁵, destacando-se “o umbundu, o kimbundu, o cokwe, o ngangela, o nyaneka, o kwanyama, o mbunda, o ciluba, o ciluvale, o ocihelelo, o ndonga, o kikongo e o humbi” (cf. Undolo, 2014: 66; Mingas, 2000:32).

Entretanto, não há um consenso a respeito do número exato de línguas bantu faladas em Angola. Para Fonseca (2012: 3), por exemplo, esse número se aproxima de 36; para Bernardo (2017:39), são em torno de 20 línguas; para Undolo (2014: 85), existem cerca de 16 línguas; já para Kialunda, Tumua, Bengui e Timbane (2019:73) existem cerca de 10 línguas bantu faladas em Angola. O mapa 3, a seguir, mostra a divisão etnolinguística das principais línguas de Angola, segundo Ndolo (2014).

Mapa 3 - divisão etnolinguística de Angola



Fonte: Undolo (2014:79)⁶.

As diferenças entre os dados dos autores supracitados em relação ao número de línguas do grupo bantu faladas em Angola revelam que este número é difícil de precisar, havendo necessidade de realização de mais pesquisas linguísticas nesta direção. Espera-se que esse mapeamento venha acompanhado de políticas

⁵ Para um estudo mais aprofundado a respeito dos troncos linguísticos africanos, sugere-se a leitura de Greenberg (1963).

⁶ O mapa 3 mostra as línguas bantu faladas em Angola e como estão distribuídas por região, revelando a natureza etnolinguística dos povos de Angola.

linguísticas que garantem a salvaguarda dessas línguas, pois o interesse pela aprendizagem das línguas bantu tem diminuído, cada vez mais, devido à falta de estímulo. Nessa linha, Bernardo (2018: 231) problematiza a noção de língua oficial e nacional, ou seja, o facto de as línguas bantu constarem no leque de línguas nacionais, mas não de línguas oficiais, lugar ocupado apenas pelo português, que, como língua oficial, tem prestígio e recebe investimentos para a produção de materiais didáticos e para a formação de professores. Nesse sentido, Pereira (2002) parece ter razão, ao afirmar que [...]“a apropriação da língua portuguesa como língua do Estado e sua generalização como língua veicular, mais do que mera 'língua oficial', relega para as esferas não públicas da vida social outras línguas concorrentes” (p. 57-58).

Em relação às línguas nacionais, a Lei de Base do Sistema de Educação de Angola, de 2016, no artigo 16, incisos de 1 a 3⁷, garante o ensino nessas línguas, mas não há políticas para formação de professores de línguas nacionais em escala nacional. Além disso, nos centros de registros identitários, os especialistas, às vezes, não registram as pessoas cujos nomes têm origem nas línguas bantu⁸. Outra questão a se considerar, nesse contexto, é que não há fiscalização para verificar se as línguas nacionais estão ou não sendo ensinadas em simultâneo com a língua oficial em zonas mais afastadas dos grandes centros urbanos. Nesses locais, o português é apenas usado na escola, não correspondendo à língua de comunicação cotidiana das pessoas. Também não se pode deixar de mencionar que, nos órgãos de comunicação social públicos, o tempo dedicado às línguas nacionais é pouco. Essas restrições no uso das línguas nacionais devem ser encaradas com séria preocupação, porque, apesar de o português ser a língua de “unidade nacional”, como se diz, é necessário que se criem condições condignas para que possa confluir harmonicamente com outras línguas angolanas, já que, se analisarmos do ponto de vista exclusivamente linguístico, o português não é superior às demais

⁷1. O ensino deve ser ministrado em português. 2. O Estado promove e assegura as condições humanas, científico-técnicas, materiais e financeiras para a expansão e generalização da utilização no ensino, das demais línguas de Angola, bem como da linguagem gestual para os indivíduos com deficiência auditiva. 3. Sem prejuízo do previsto no n.1 do presente artigo, e como complemento e instrumento de aprendizagem, podem ser utilizadas línguas de Angola nos diferentes subsistemas de ensino, nos termos a regulamentar em diploma próprio.

⁸ Às vezes, por não saber como se escreve o nome em questão na língua bantu.

línguas faladas em Angola. Logo, o reconhecimento do português como a única língua oficial nos leva a incorrer, outra vez, nos ideais eurocentristas implementados no período das grandes navegações, quando o português chegou em Angola.

O português chegou em Angola devido ao processo colonial. Nesse contexto, a língua foi, sem dúvida, um instrumento indispensável para o êxito da missão. Aliás, vale lembrar que uma das políticas linguísticas que os portugueses implantaram nas suas colônias objetivava proibir os povos colonizados de usarem suas línguas locais. Em Angola, por exemplo, os portugueses criaram a classe dos indígenas e assimilados, para dinamizar a propagação da sua língua em todo território nacional, em detrimento das línguas locais. Os assimilados eram pretos que seguiam, à risca, os estatutos portugueses e sempre que guardavam⁹ as leis exaradas pela metrópole, neste caso, Portugal, além de seus filhos terem o direito a frequentar a escola, também tinham o direito à cidadania portuguesa (Mingas, 2000: 49). Tal direito poderia, entretanto, ser perdido, caso o assimilado se desviasse ou descuidasse das leis contidas no Estatuto do Indigenato de 1954. Era necessário, portanto, que os assimilados se aprofundassem no estudo e na aplicação da cultura portuguesa. Segundo o Estatuto do Indigenato (1954: 221), todo angolano que quisesse galgar alguma posição de destaque dentro da máquina colonial tinha que saber falar português, conforme o inciso (b), do artigo 56¹⁰. Na verdade, o Estatuto do Indigenato foi criado porque os povos colonizados se recusaram a abandonar suas línguas locais em troca da dos portugueses, e este facto trouxe dificuldades aos portugueses na consecução de seus objetivos econômicos, como bem descreveu Cá (2011: 211-212).

Além disso, o Estatuto do Indigenato tinha como objetivo tornar o africano um português de terceira categoria, visto que, primeiramente, eram considerados portugueses apenas os nascidos em Portugal; depois, os descendentes dos portugueses que nasciam nas colônias portuguesas; e, por fim, os africanos que aceitavam a cultura portuguesa (Mingas, 2000). Os filhos destes últimos tinham direito de frequentar a escola, como já sobredito, mas recebiam uma formação

⁹ No texto, guardar tem sentido de obedecer intransigentemente.

¹⁰ Pode perder a condição de indígena e adquirir a cidadania o indivíduo que prove satisfazer cumulativamente aos requisitos seguintes:

b) Falar correctamente a língua portuguesa;

bastante deficitária, visto que não aprendiam nada relacionado à sua história, apenas à história, à cultura e à religião do colonizador (Cá, 2011).

Mesmo que a chegada dos portugueses¹¹ tenha sido marcada por características menos abonatórias em função de todos os horrores provocados pela colonização, alguns autores angolanos, como Zau (2011) e Kialunda (2020), defendem que o português deve ser considerado uma língua nacional de Angola, em função da influência linguística que recebe das línguas bantu. Como consequência dessa confluência linguística, o português falado em Angola apresenta características diferentes do português europeu nos mais variados níveis de análise linguística, como descrevem Mingas (2000), Negrão e Viotti (2014) e Sassuco (2016).

Outro argumento que Zau (2011) e Kialunda (2020) também usam para justificarem por quais razões o português deve ser considerado uma língua nacional de Angola é o fato de muitos angolanos, sobretudo aqueles que nasceram no período pós-independência, terem-na como língua materna. Se outrora o português era aprendido como segunda língua, hoje em dia, é a língua materna de muitos angolanos. Indubitavelmente, esses angolanos, que têm o português como língua materna, não falam o português europeu, e sim um português angolano, e é este português que precisa ser estudado e compreendido como uma extensão e propriedade de Angola. Num estudo baseado nas músicas do rapper angolano Yanick Afroman, Timbane, Domingos e Afonso (2019: 109; 119) demonstram como o léxico do português angolano, sobretudo da província de Luanda, confirma que, enquanto língua materna, o português em Angola tem assumido uma forma própria, diferente da do português europeu, que chegou em Angola durante o período colonial:

Afroman usa por diversas vezes a expressão *mwangolé* como equivalente a “pátrio” que designa “cidadão angolano”. Por ex: “...*mwangolé* é solidário...” para dizer “angolano é solidário”. Outro exemplo é: “Eu tava bem pausado no *kubico*...”. Na frase as palavras *pausado* e *kubico* significam “descansando” e “casa” respectivamente. Esses neologismos lexicais enriquecem a variedade angolana trazendo uma identidade própria inexistente nas outras variedades. Na frase “único cem que tive aí já fiz com ele

¹¹ O português, na sentença em destaque, se refere à língua e não aos cidadãos portugueses.

kilape” significa ‘único cem kwanzas/ dólar que tive emprestei a uma pessoa¹².

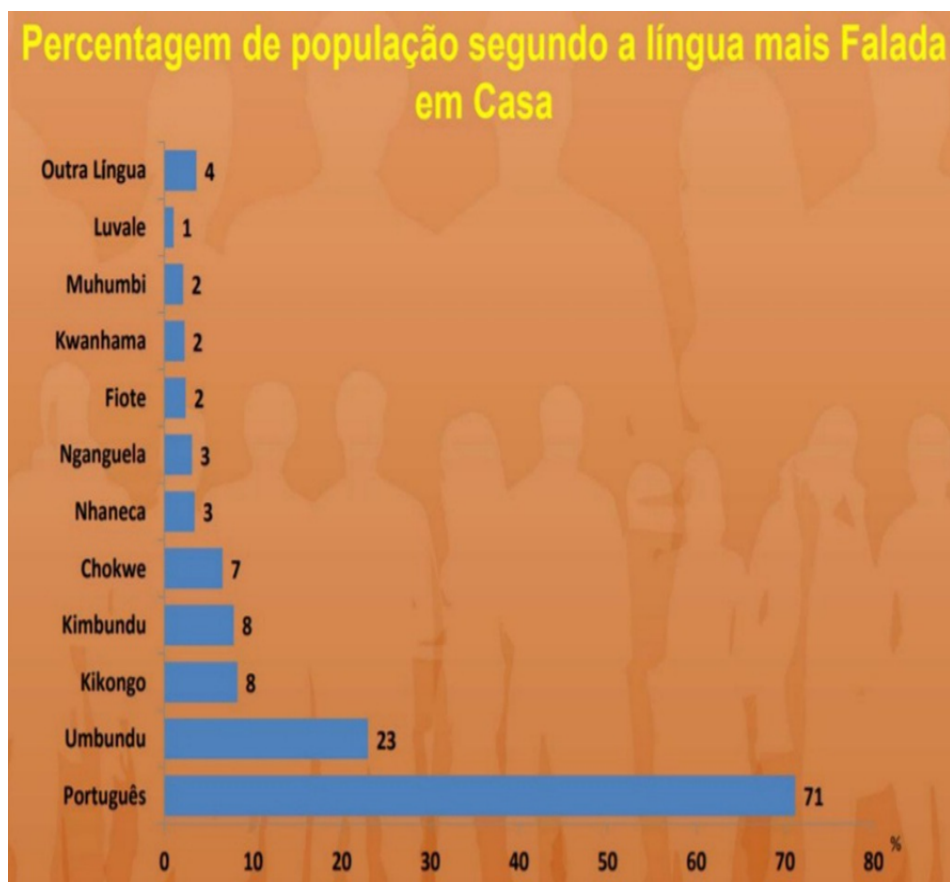
Assim sendo, se no período anterior à independência de Angola, a língua portuguesa era falada apenas por um grupo muito pequeno da sociedade angolana, hoje já não se pode dizer isso. Segundo Miguel (2001:28):

[...] Na altura da independência, 85% dos angolanos eram analfabetos, e não falavam português, já que essa língua era adquirida fundamentalmente por mediação escolar”. A maioria das instituições escolares localizavam-se nos centros urbanos; o meio rural era servido por um número ínfimo de escolas que apenas abrangia o mínimo da população em idade escolar. Por outro lado, as exigências escolares (pagamento da caixa escolar, compra de material escolar, uso obrigatório de bata etc.). Raramente estavam ao alcance das possibilidades dos autóctones. Foi, sobretudo, nos centros urbanos que a língua portuguesa se enraizou”.

Se, na época da independência, em 1975, apenas 15% dos angolanos falavam português, hoje em dia, o número de angolanos que falam o português, sobretudo como língua materna, subiu exponencialmente para 71%, de acordo com os dados do último censo, realizado em 2014.

Gráfico 1 - Línguas mais faladas em Angola

¹² As palavras kilapi, mwangolé, kubico são familiares para todo angolano, sobretudo os residentes em Luanda.



Fonte: Esteves (2021: 16)

De acordo com os dados mostrados no gráfico 1, o *umbundu* é a língua do grupo bantu mais falada em Angola, com 23% de falantes; já o português ocupa a primeira posição, com 71% de falantes. Pepetela (apud Miguel, 2001: 61) previu esse estrondoso crescimento no número de falantes do português em Angola, sobretudo na província de Luanda:

Parece-nos que as crianças em Luanda deixam de aprender as línguas nacionais em proporção muito forte, constituindo-se assim o português como LMT (Língua materna) preponderante, em ritmo crescente, pois qualquer fenómeno social que mostre uma incidência maior nos grupos de menor idade da população terá tendência a crescer no futuro.

Com o crescimento constante no número de falantes do português em Angola, torna-se imperativo que essa variedade seja cada vez mais descrita. Tendo em conta essa situação, a próxima subseção discorre a respeito do português angolano,

mostrando se tratar de um equívoco a crença de que o português falado em Angola deve seguir a norma portuguesa, sobretudo por se pensar que sejam iguais.

1.3 EM DEFESA DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Segundo o censo realizado em 2014, o português continua sendo a língua mais falada em Angola. Contudo, muitas pessoas, por não entenderem os fenômenos linguísticos que ocorrem nas línguas naturais, consideram o português padrão o único e “correto modo de falar”¹³. Essa visão limitada sobre a língua tem construído verdades absolutas, mas sem fundamentação científica. Aliás, até mesmo entre não linguistas, há o reconhecimento de que o português não é único. Por exemplo, José Saramago, no documentário “vidas em português”, reconhece que “não há uma língua portuguesa, há línguas em português”, tendo em conta que as línguas com falantes nativos variam no tempo e no espaço, como já comprovado cientificamente por diversos autores, dentre eles Labov (2001). Em vista disso, é natural que o PA apresente características diferentes do PE¹⁴.

Assim sendo, considera-se importante a descrição do PA, no entanto, sem pré-conceitos, baseados nas noções de certo e errado, que, nalgumas vezes, se propagam na mídia. Quanto mais trabalhos sobre o PA, mais se conseguirá mapear em quais aspectos se assemelha e se diferencia do PE.

Por outro lado, não obstante a variedade padrão que rege o uso da língua portuguesa em Angola, em contexto formal de comunicação, seja a europeia, conforme pontua Miguel (2003: 11), o PA apresenta características desconformes em relação ao PE. Por isso, enquanto essa norma for o modelo de língua padrão em Angola, sempre, haverá desconformidade entre a variedade dos estudantes e a que a escola ensina.

Logo, em vez de desvalorizar as variedades linguísticas dos estudantes, é importante refletir-se sobre. Proceder dessa maneira, pode servir de impulso para a produção de mais pesquisas sobre o PA e facilitar seu reconhecimento à

¹³ Em Angola, um dos defensores acérrimo do purismo linguístico é o jurista José Carlos de Almeida, que, na sua obra ensaboados e enxaguados, enumera vários “erros de português” cometidos pelos falantes angolanos.

¹⁴Veja Teixeira (2012), bem como Katala e Pedro (2022).

semelhança do português europeu e brasileiro. Além disso, pesquisas linguísticas a respeito do PA farão a sociedade entender que o fato de o português ser a língua oficial não significa que os angolanos têm que falar como os portugueses.

É uma necessidade, portanto, que as variedades do português de Angola sejam contempladas em gramáticas, blogs, sites, dicionários, obras literárias, artigos científicos e outras fontes de pesquisas dentro do território angolano. Por isso, na sequência, apresentamos alguns exemplos de trabalhos de estudiosos angolanos e não só, que buscam mapear as singularidades do PA em relação ao PE, nos vários níveis de análise linguística, colocando-se como hipótese a influência das línguas bantu, sobretudo o kimbundu.

No primeiro exemplo, compara-se o português falado em Luanda com o PE. Pensando no caso de Luanda, em que o kimbundu era a língua materna do povo dessa região, a população que nasceu no período pós-independência passou a ter o português como língua materna, o que contribui para que ambas as línguas estejam em contato e influência mútua o tempo todo. Segundo Miguel (2003: 54-56), no *kimbundu*, a colocação pronominal se faz antes do radical do verbo, conforme ilustra o exemplo a seguir:

- (1)
- | | | | |
|----|-------|--------------------------|---------------------|
| a. | Eme | ngi - | di - sukula |
| | Eme | ngi - Ø - | di - sukul - a |
| | Eu | 1 ^{as} presente | me lav o |
| | | 'Eu lavo-me' | |
| b. | Eye | u - | di - sukula. |
| | Eye | u - Ø - | di - sukul - a |
| | Tu | 2 ^{as} presente | te lav as |
| | | 'Tu lavas-te' | |
| c. | Mwene | wa - | di - kwama. |
| | Mwene | wa - Ø - | di - kwam - a |
| | Ele | 3 ^{as} present | se mago ou |
| | | 'Ele magoou-se' | |
| d. | Etu | tu - | di - zola. |
| | Etu | tu - Ø - | di - zol - a |
| | Nós | 1 ^{ap} present | nos am amos |

'Nós amamo-nos'

e.	Enu	nu-		di - zola.		
	Vós	nu	Ø-	di - zol -	a	
	Vós	2 ^a p	present	vos am	ai	
		'Vós amai-vos'				
f.	'Ene	a-		di - zola		
	Ene	a	Ø-	di zol -	a	
	Eles	3 ^a p	present	se am	am	
		'Eles amam-se'				

(Miguel, 2003: 56, grifos nossos).

Neste primeiro exemplo, o pronome oblíquo átono *di* que aparece repetido em todas as pessoas (1^a, 2^a e 3^a) precede aos verbos *kusukula* (lavar), *kukwama* (magoar) e *kuzola* (amar) na forma flexionada. Além disso, os exemplos mostram também que o morfema *di*, correspondente a um pronome oblíquo átono do kimbundu, sempre ocorre em posição de próclise. De acordo com Esteves (2021: 46), no PA, há uma tendência mais forte para a próclise em relação à ênclise e à mesóclise. O autor analisou 111 ocorrências de pronomes oblíquos átonos em letras de música RAP na circunscrição de Luanda, constatando o predomínio da próclise, que foi empregada em 101 dos 111 casos encontrados. Em segundo, aparece o emprego da ênclise, com 10 ocorrências. Em relação à mesóclise, importa referenciar que não houve registro de emprego entre os dados analisados pelo autor.

Assim sendo, a partir dos dados de Miguel (2003) sobre o PA, é possível constatar que, na língua *kimbundu*, a posição do pronome não varia, diferentemente do que ocorre no português, sobretudo no PE, em que os pronomes oblíquos átonos figuram em posição de próclise, mesóclise e ênclise. Por isso, o fato de os angolanos da província de Luanda manifestarem preferência pela próclise está, provavelmente, relacionado com o uso exclusivo da próclise no kimbundu. Além disso, diferentemente do PE, que o pronome oblíquo átono faz distinção de número singular e plural (eu dei-lhe/s um carro), no kimbundu, a marcação não se dá no pronome oblíquo átono, porque não tem variação de número, ou seja, para saber se o pronome oblíquo faz referência a um evento no singular ou no plural: a informação é dada em função do pronome pessoal que está sendo conjugado.

A segunda diferença, entre o PA e o PE, ocorre no nível da morfologia conforme ilustrado por Sassuco (2016: 210). Segundo este autor, a formação de grau dos substantivos no PA também sofre influência das línguas bantu, sobretudo do kimbundu. Diferentemente do PE, a marcação do grau dos substantivos no PA, às vezes, é feita pelo acréscimo de prefixos, como mostram os exemplos a seguir:

- (2) a. Está a estranhar com essa tua **caloja**? Isso também é quê?
 b. Minha avó deixou uma **quicasa** na Gabela.

No exemplo acima, pode-se ver que o aumentativo e o diminutivo dos substantivos no PA às vezes ocorrem através dos prefixos *ca* e *qui*. O prefixo *ca* usa-se para fazer o diminutivo, como na palavra *caloja*. Já o prefixo *qui* usa-se para fazer o aumentativo, como na palavra *quicasa*. Também é importante ressaltar que a formação do aumentativo e do diminutivo a partir do prefixo *ca* e *qui*, no PA, é fruto da influência das línguas bantu de Angola, sobretudo do kimbundu. Santos (2015: 51) comprova esse pormenor com dados de falantes da província do Kwanza Sul, sobretudo no município do Libolo, que têm o kimbundu como primeira língua e o português como segunda língua, conforme exemplificado na sequência:

- (3) INF: agora mais tarde tá a falar: "não você és minha mãe". Era **camoço** mesmo é moço só tipo memo Nati

DOC: eh

INF: é moço tipo Nati tá a falar: "pronto assim memo és minha mãe tás na idade da minha mãe." Só gritei e falei: "tá bem mo filho obrigado."

- (4) INF: hum ele já é **cavelho** também não quero mais filhos

DOC: ah está bem

INF: ele já envelheceu memo.

Nos dados acima, a ocorrência dos substantivos *camoço* e *cavelho* evidencia que, no PA, a marcação do grau diminutivo dos substantivos pode ser feita na posição prefixal, diferentemente do PE, que faz na posição sufixal através do acréscimo do

morfema *nho* tal como nas palavras *mocinho* e *velhinho*, que, no PA, podem corresponder a *camoço* e *cavelho*.

O terceiro exemplo ilustra as diferenças entre o PA e o PE no nível semântico conforme mostrado a seguir por Nzau, Venâncio e Sardinha (2013: 174):

(5) *Zeka wady o kitadi kya ngana*

Zeka comeu o dinheiro do senhor (grifo nosso).

A sentença (5), no PE, seria mais ou menos assim: - “o Zeca gastou o dinheiro do senhor”. Segundo Nzau, Venâncio e Sardinha (2013: 174-175), a sentença acima pode ocorrer no PE no domínio da metalinguagem. Entretanto, no PA, não ocorre no domínio da metalinguagem, mas sim por influência das línguas bantu, sobretudo do kimbundu, já que nessa língua o verbo *kudya* (comer) pode literalmente significar *comer comida* ou *gastar o dinheiro de alguém*. Além disso, fruto da influência das línguas bantu no PA, a sentença (5) pode ocorrer em situações formais e informais, independentemente do nível de escolaridade das pessoas, tal como na música *castelo de lata* do rapper Prodígio:¹⁵ - “nos enganaram com fatos e gravatas e comeram nosso dinheiro com garfos e essas facas todas”.

1.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, mostramos como a língua organizou e hierarquizou as relações sociais na formação dos movimentos que lutaram pela independência de Angola. Além disso, a partir dos dados apresentados neste primeiro capítulo, foi possível constatar que o PA sofre influência das línguas bantu. Mostramos que essa influência se manifesta nos vários níveis da gramática: morfológico - no grau dos substantivos; sintático - na colocação pronominal; e semântico - polissemia verbal.

No próximo capítulo, passamos à apresentação dos pressupostos teóricos que guiaram nossa pesquisa sobre o estudo da modalidade epistêmica no PA, apresentando a abordagem dos seguintes autores: Kratzer (1981, 1991); Cinque (1999, 2006); Hacquard (2006, 2010), entre outros. Mostramos também alguns

¹⁵ Prodígio é um rapper angolano que concluiu seus estudos em uma universidade de Londres (Inglaterra).

estudos de itens modais no PB que ilustram as relações entre modalidade e as categorias de tempo e aspecto e a coocorrência de itens modais em uma mesma sentença.

2. CAPÍTULO 2 - REVISÃO TEÓRICA DA LITERATURA DOS VERBOS MODAIS

2.1 NOTAS PRELIMINARES

Os verbos auxiliares modais têm sido alvo de vários estudos nas mais diversas línguas do mundo. Alguns exemplos são os trabalhos de Kratzer (1981, 1991, 2012) no inglês, Tsai (2015) no chinês, Rech e Agostinho (2021) no *lung'le* (língua crioula falada na ilha de São Tomé e Príncipe), Cinque (1999, 2006) no italiano e Ferreira (2020) no PB. Todavia, no caso de Angola, até onde sabemos, não há estudos sobre modalidade, nem no PA nem nas línguas do grupo bantu e khoisan, faladas nesta parcela do continente africano. Por esta razão, nossa pesquisa está centrada no estudo da modalidade no PA, seguindo a abordagem da sintaxe cartográfica (Rizzi 1997; Cinque 1999; Cinque & Rizzi 2008). Neste trabalho, nosso foco é o estudo da modalidade epistêmica no PA. Nosso objetivo inicial é verificar como as marcas de modalidade epistêmica do PA se relacionam com categorias de tempo e aspecto, a fim de verificar se essa língua segue a hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque (1999). Além disso, pretendemos realizar testes de transitividade em sentenças com coocorrência de núcleos funcionais modais. Supomos que tais testes nos darão pistas sobre a posição em que itens indicadores de modalidade epistêmica são interpretados na estrutura da sentença, permitindo-nos averiguar se o PA corrobora o ordenamento de núcleos funcionais propostos na hierarquia de Cinque (1999, 2006).

A partir da combinação de itens modais com categorias como tempo e aspecto, Cinque (1999) localiza modais epistêmicos em uma posição alta na estrutura da sentença, ao passo que modais de raiz (deônticos, teleológicos, circunstâncias, entre outros) são localizados em posição baixa. Com base em Cinque (1999), Hacquard (2006, 2010) assume duas posições distintas na estrutura para a interpretação de um item modal: uma posição alta, em que os modais são relativizados ao evento de fala, no caso do epistêmico; outra baixa, em que os modais são relativizados ao evento principal da sentença, descrito pelo VP, no caso dos modais de raiz. Antes de abordar relações de natureza sintática, envolvendo os itens modais, passamos à apresentação de alguns conceitos teóricos importantes no

estudo da modalidade, como tipo ou sabor modal, fonte de ordenação, base modal e força modal. Para isso, baseamo-nos, primeiramente, em Kratzer (1981; 1991; 2001).

2.1.1 KRATZER (1981, 1991, 2001).

As línguas naturais permitem-nos falar de assuntos que realmente acontece(ra)m no mundo real e de assuntos que pode(ria)m acontecer no mundo real ou noutros mundos. Em vista disso, é lógico pensarmos que existem mundos infinitos, e esses mundos são criados e organizados conforme os seres humanos veem o mundo. Uma sentença como (6), por exemplo, pode ser avaliada em diferentes mundos (w), como os descritos abaixo:

(6) João pode ter sido preso.

w_1 : há evidências de que ele assassinou o amante da sua mulher.

w_2 : há evidências de que ele participou de um assalto ao banco.

w_3 : mesmo sem ter cometido crime algum, ele foi reconhecido por uma testemunha como um dos terroristas.

O verbo auxiliar modal *poder*, em (6), indica que existe uma possibilidade de que o evento *João ser preso* tenha ocorrido nos mundos descritos em w_1 , w_2 e w_3 , que expressam o conhecimento do falante sobre eventos relacionados ao conteúdo da proposição. Se a proposição em (6) estivesse sob o escopo de um auxiliar modal de necessidade, como *ter que*, a interpretação seria a de que, para o falante da sentença (6), o evento *João ser preso* é uma necessidade em todos os mundos de avaliação do modal, descritos em w_1 , w_2 e w_3 a seguir:

(7) João tem que ter sido preso.

w_1 : João foi o único a não ir até o local combinado para o encontro depois do assalto ao banco.

w_2 : João estava na casa da namorada quando a polícia invadiu a casa após

receber uma denúncia.

w3: A mãe e irmã de João foram vistas entrando na prisão dois dias depois do assalto ao banco do qual João participou.

As proposições descritas em (6) e (7) são ambas avaliadas a partir de uma base modal epistêmica, o que as diferencia é a força modal, determinada pela escolha do item modal: *poder*, que indica que o conteúdo proposicional é verdadeiro em pelo menos um dos mundos de avaliação do modal; e *ter que*, que indica que o conteúdo proposicional é verdadeiro em todos os mundos de avaliação do modal.

De acordo com Kratzer (1991), tanto a base modal quanto a fonte de ordenação têm a ver com o contexto ou "*conversational background*" (fundo conversacional): fundos conversacionais são funções que mapeiam um mundo *w* em um conjunto de proposições (Kratzer 1991). De acordo com a autora: "a base modal determina o conjunto de mundos acessíveis ao modal, e a fonte de ordenação ordena tais mundos" (p. 646). Kratzer (1991) opõe uma base modal epistêmica a uma base modal circunstancial. Segundo a autora, a base modal epistêmica tem a ver com evidências, de acordo com as informações disponíveis; já a base modal circunstancial leva em consideração os fatos (1991: 646). Ambas as bases modais são mais bem explicitadas no exemplo em (8), transcrito de Kratzer (1991: 646):

(8) a. Hydrangeas can grow here

Hortênsias podem crescer aqui.

b. There might be hydrangeas growing here

Pode haver hortênsias crescendo aqui

O auxiliar modal *can*, em (8a), difere do auxiliar modal *might*, em (8b), em relação à base modal que acessam: a proposição (8a) é avaliada a partir de uma base modal circunstancial, enquanto (8b) é avaliada a partir de uma base modal epistêmica. Em (8a), a avaliação do modal considera fatos, que podem ser o solo, o clima ou, ainda, as propriedades naturais da planta em causa (as hortênsias). Já em (8b), evidências disponíveis são levadas em consideração, como por exemplo: alguém plantou ou foi

visto a plantar hortênsias no lugar. Por fim, Kratzer (1991: 646) afirma que a “modalidade epistêmica lida com curiosidades, sendo a modalidade de pessoas como historiadores, detetives e futurologistas; a modalidade circunstancial, por sua vez, lida com agentes mais racionais, como jardineiros, arquitetos e engenheiros”¹⁶.

Em relação à força, um item modal pode ser classificado como existencial, indicando possibilidade, conforme *poder*; ou universal, indicando necessidade, conforme *ter que*. Modais de possibilidade operam sobre uma proposição considerada verdadeira em pelo menos um mundo do conjunto de mundos em avaliação; já modais de necessidade indicam que a proposição sobre a qual operam é verdadeira em todos os mundos de avaliação do modal.

Se Kratzer (1991) faz uma importante descrição e análise da modalidade a partir de uma perspectiva semântica, o clássico texto de Cinque (1999) representa um avanço no estudo da modalidade a partir de uma perspectiva sintática, com a proposição de uma hierarquia de núcleos funcionais, ordenando e relacionando itens indicadores de modo, modalidade, tempo e aspecto .

2.1.2 CINQUE (1999)

Cinque (1999) apresenta uma proposta de hierarquia de núcleos funcionais que se manifesta através das línguas. Tal hierarquia é constituída de categorias de modo, modalidade, tempo e aspecto, rigidamente ordenadas. Nesta seção, vamos mostrar como o autor investigou a relação entre essas categorias, chegando ao ordenamento proposto na hierarquia.

O trabalho de Cinque permite capturar importantes propriedades de itens modais a partir da sua relação com as categorias de tempo e de aspecto. Por essa razão, vamos tomar sua hierarquia como referência para a realização de testes com o modal epistêmico no PA. Consideramos que a realização de testes de transitividade no PA, envolvendo o núcleo modal epistêmico e outros itens funcionais, já traria uma importante contribuição aos estudos da modalidade sob uma perspectiva sintática, ao trazer elementos para se comprovar se, de fato, a posição do núcleo modal epistêmico na estrutura sintática é a periferia de IP, como

¹⁶ Epistemic is the modality of curious people like historians, detectives, and futurologists. Circumstantial modality is the modality of rational agents like gardeners, architects and engineers.

propõe este autor, ou a periferia de CP, como sugerem outros autores, como Tsai (2015: 13, ver representação em (16) no texto do autor).

A metodologia empregada por Cinque para a proposição da hierarquia de núcleos funcionais corresponde à realização de testes de transitividade. Esses testes são realizados em construções com a coocorrência de núcleos funcionais, alternando sua ordem e avaliando os efeitos de sentido. Os exemplos a seguir, transcritos de Cinque (1999: 80-81), ilustram essa metodologia de investigação:

(9) a. ?Non vorrei dover poter risolvere l'equazione in soli 3 minuti.

'Eu não gostaria de ter que ser capaz de resolver a equação em apenas três minutos'.

b. *Non vorrei poter dover risolvere l'equazione in soli 3 minuti.

'Eu não gostaria de poder ter que resolver a equação em apenas três minutos'.

(10) a. Ci vorremmo dover poter entrare anche noi in quel club.

'Nós gostaríamos que tivesse que ter permissão para entrar neste clube'.

b. *Ci vorremmo poter dover entrare anche noi in quel club.

'Nós gostaríamos de ter a permissão para ter que entrar neste clube'

A partir de exemplos como os transcritos em (9) e (10), Cinque argumenta que há uma ordem relativa dos núcleos funcionais verificável através das línguas. A inversão nessa ordem gera resultados agramaticais, como mostram as sentenças (9b) e (10b). Segundo o autor, esses exemplos especificamente evidenciam que o item correspondente ao núcleo modal de obrigação antecede o modal de habilidade e de permissão na hierarquia de núcleos funcionais, levando-o a propor o seguinte ordenamento: ModObligation > ModAbility/Permission.

A hierarquia proposta pelo autor foi testada e constatada em várias línguas, como o chinês, o hindu, o inglês, o turco, o espanhol, o coreano, até mesmo em

línguas crioulas, como o guianês¹⁷ e o haitiano. A verificação desse ordenamento em línguas crioulas é particularmente importante por revelar que essa hierarquia corresponde a uma propriedade da gramática universal, visto que se faz presente mesmo em línguas que se originaram do contato intenso entre outras línguas, como é o caso das línguas crioulas. Os exemplos (11), a seguir, mostram o ordenamento das categorias tempo e modalidade em *sranan*, língua crioula falada no Suriname:

- (11) a. A ben kan nyan.
 he PAST can eat '
 'Ele podia comer'
- b. A ben o kan nyan.
 he PAST FUT can eat
 'Ele conseguia comer'

(Cinque, 1999: 60)

As sentenças do exemplo (11) evidenciam que modais de raiz, como o de habilidade, ocupam uma posição abaixo de tempo na hierarquia de núcleos funcionais, uma vez que seguem *ben*, a categoria indicadora de tempo na sentença. *Ben* corresponde à partícula de tempo passado em Suriname, e *kan* está marcando modalidade circunstancial, descrevendo uma habilidade. Já a sentença (12) ilustra um exemplo do crioulo guianês, em que *ben* marca a partícula de tempo passado e *musu* modalidade deôntica:

- (12) Yu ben musu gwe a gron nanga boto . . .
 you PAST must go LOG ground with boat
 'Você tinha que ir para o terreno [de plantio] de barco'

(Cinque, 1999: 60)

As sentenças (11) e (12) mostram que tanto o modal de habilidade quanto o modal deôntico estão abaixo de tempo, diferentemente do modal epistêmico (ver exemplo 14 e 15b). Com base em testes de transitividade, como os ilustrados nos exemplos acima, Cinque (1999: 60) propõe o seguinte ordenamento parcial dos núcleos funcionais:

¹⁷ Cinque (1999) não deixa explícito se o guianês é falado em que país.

(13) $\text{Mod}_{\text{Epistemic}} > \text{T}(\text{Past}) > \text{T}(\text{Future}) > \text{Mod}_{\text{Root}} / \text{Asp}_{\text{Progressive}} > \text{V}$.

Na sequência, transcrevemos outro exemplo do crioulo guianês, cuja base lexical é predominantemente advinda do inglês. O exemplo mostra o ordenamento entre a partícula de tempo passado (*bin*), o marcador de modalidade epistêmica (*shuda*) e o marcador de modalidade deôntica (*kyaan*):

(14) Jaan shuda bin kyaan get fu gu. (Gibson 1986, 585)
 J. $\text{MOD}_{\text{Epistem}}$ PAST MOD_{root} MOD_{root} COMP go
 ‘J. devia não ter conseguido permissão para ir’.

(Cinque, 1999: 72).

A ordem em que as partículas *shuda*, *bin* e *kyaan* aparecem na sentença revelam que, também em guianês, a modalidade epistêmica antecede tempo, ao passo que a deôntica segue: $\text{Mod}_{\text{Epist}} > \text{TP}_{\text{Past}} > \text{Mod}_{\text{Deo}}$. Esse ordenamento corrobora, portanto, a hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque (1999). Por fim, apresentamos um exemplo do crioulo hatiano:

(15) a. Žã te dwe maže.
 J. PAST must eat
 ‘J. teve que (obrigação) comer’

b. Žã dwe te maže.
 J. must PAST eat
 ‘J. deve (probabilidade) ter comido’

(Cinque, 1999: 62).

Em haitiano, tempo passado é marcado pela partícula *te*, enquanto modalidade, tanto deôntica quanto epistêmica, é marcada pela partícula *dwe*. Em (15a), a partícula *dwe* segue a marcação de tempo passado, denotando modalidade deôntica; já em (15b), *dwe* antecede a partícula *te*, assumindo uma conotação epistêmica. Esse exemplo mostra explicitamente que a posição ocupada por um item funcional modal na hierarquia e a conseqüente relação que estabelece com

outros itens funcionais são determinantes para sua interpretação como um modal de raiz ou epistêmico.

Portanto, podemos afirmar que, de acordo com a hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque (1999), a modalidade epistêmica está localizada acima das categorias de tempo e aspecto; e a modalidade de raiz, abaixo dessas categorias, conforme mostra (16):

(16) Mood_{speech act} > Mood_{evaluative} > Mood_{evidential} > Mod_{epistemic} > T(Past) > T(Future) > Mood_{irrealis} > Asp_{habitual} > T(Anterior) > Asp_{perfect} > Asp_{retrospective} > Asp_{durative} > Asp_{progressive} > Asp_{prospective} / Mod_{root} > Voice Asp_{celerative} > Asp_{completive} > Asp_{(semel)repetitive} > Asp_{iterative}

(Cinque, 1999: 76, grifo nosso)

Diferentemente de Kratzer (1981, 1991, 2012), que associa a interpretação modal a aspectos contextuais, Cinque (1999) atrela a interpretação desses itens funcionais à posição que ocupam na estrutura da sentença, atribuindo à sintaxe um papel importante na classificação de um modal como epistêmico ou de raiz. Na sequência, iremos discorrer a respeito da proposta da Hacquard (2006), que, em linhas gerais, congrega aspectos das propostas de Kratzer (1991) e de Cinque (1999).

2.1.3 HACQUARD (2006, 2010)

A proposta de Hacquard estabelece uma interface entre a semântica e a sintaxe, já que se baseia em alguns elementos dos modelos propostos por Kratzer (1981, 1991) e também por Cinque (1999, 2006). Hacquard apresenta, entretanto, algumas mudanças em relação ao modelo da Kratzer, ao propor que modais são relativos a eventos de avaliação, e não a mundos. Os eventos de avaliação envolvem o tempo de execução do evento e seus participantes. Essa mudança dá conta de capturar as diferenças no comportamento dos modais em relação a categorias como tempo e aspecto, diagnosticadas a partir dos testes de transitividade realizados por Cinque (1999, 2006).

Com exemplos do francês, Hacquard mostra que a interpretação epistêmica é gerada acima das categorias de tempo e aspecto, enquanto a circunstancial, que é expressa por um modal de raiz, ocorre abaixo dessas categorias. Os exemplos da

autora, transcritos a seguir, ilustram a coocorrência de um item modal com a categoria de tempo (passado) e de aspecto (perfectivo):

- (17) a. Mary put prendre le train. (epistêmico>aspecto)
 'Maria pode ter pegado o trem'
 b. [ModP can [TP past [AspP perf1 [VP Mary take the train e1]]]]
- (18) a. Mary put prendre le train. (aspecto>raiz)
 'Maria conseguiu de pegar o trem'
 b. [TP past [AspP perf1 [ModP can [VP Mary take the train e1]]]]

(Hacquard, 2010: 18,19)

No exemplo (17), o modal adquire leitura epistêmica, sendo interpretado em uma posição acima de tempo e de aspecto, como mostra a representação em (17b). Já no exemplo (18), tanto a categoria tempo quanto aspecto antecedem o item modal na estrutura, conforme (18b); como consequência, é disponibilizada para o modal apenas uma interpretação de raiz.

Segundo Hacquard (2006, 2010), modalidade epistêmica e de raiz diferem em relação ao tempo de avaliação do evento: epistêmicos são avaliados no momento da enunciação; já modais de raiz são avaliados no tempo dado na sentença. Os exemplos a seguir, transcritos de Hacquard (2010: 4-5), ilustram essa diferença:

- (19) Mary had to be home (at the time of the crime).
 'Maria tinha que estar em casa (no momento do crime)'
- (20) Mary had to take the train to go to Paris.
 'Maria teve que pegar o trem para ir a Paris'

O exemplo (19) descreve uma suposição que o falante faz no momento do proferimento do enunciado em relação a um evento passado; logo, o tempo de avaliação do modal é o momento da enunciação. Essa interpretação é compatível com o aspecto imperfectivo, que, ao ocorrer com modais altos, como o epistêmico, não gera acarretamento de verdade (ver Bhatt 1999; Hacquard 2006). Já em (20), o modal descreve uma necessidade ou uma obrigação no passado, revelando que um

núcleo modal de raiz, com interpretação teleológica ou deôntica, é avaliado no tempo e no aspecto dado na sentença, gerando, neste caso, acarretamento de verdade (na seção 2.2, retomaremos essa propriedade).

Além do tempo de avaliação de um item modal, outro fator analisado pela autora foi a orientação modal. Segundo Hacquard, modais altos são orientados para um dos participantes do ato de fala, enquanto modais baixos são orientados para um dos participantes do evento descrito no VP, que pode ser o sujeito da sentença ou qualquer outro sintagma que integra esse evento, tanto argumentos quanto adjuntos. Os exemplos a seguir ilustram essa diferença:

(21) John must have won.
'João deve ter vencido'

(22) A lot of people can jump in this pool.
'Um monte de pessoas pode pular nesta piscina'

(Hacquard, 2010: 22)

No exemplo (21), o auxiliar *must* (dever) denota modalidade epistêmica, expressando uma suposição do falante em relação à vitória do João. Nesse sentido, o modal é orientado para o falante, uma vez que tal suposição tem por base o conhecimento ou informações deste participante sobre o evento descrito na sentença. Já em (22), o verbo modal *can* (poder) tem interpretação circunstancial, correspondendo a um modal de raiz. Neste caso, o modal *can* expressa a capacidade que a *piscina* tem de comportar *um grupo de pessoas*; nesse caso, o modal é orientado para o sintagma que está exercendo a função de adjunto (nesta piscina).

Hacquard observa, ainda, que o tempo de avaliação de um verbo auxiliar modal pode ser dado pela sentença matriz, como ilustrado no exemplo que segue:

(23) John thought that Mary might be home.
João pensou que a Maria podia estar em casa

O exemplo (23) tem três informações temporais distintas: o momento da enunciação; o tempo dado na sentença matriz pela flexão do verbo *pensar* (passado) e o tempo

da sentença encaixada, que está orientada para o futuro, em relação à sentença matriz. Uma novidade da proposta da Hacquard (2006) foi relativizar um item auxiliar modal a possíveis três eventos: o evento descrito pelo VP da sentença modal; o evento relatado pelo uso de um verbo *dicendi*, no caso de o item modal estar na sentença encaixada; e o evento de fala. Os exemplos a seguir, transcritos de Hacquard (2010: 24), mostram que itens modais são relativizados a diferentes eventos quando figuram em sentenças matriz, como (24), ou encaixadas, como (25) e (26):

(24) John *might* have thought yesterday that Mary had taken the train the day before.

‘João podia ter pensado ontem que a Maria tinha pegado o trem no dia anterior’

(25) John thought yesterday that Mary *might* have taken the train the day before.

‘João pensou ontem que a Maria podia ter pegado o trem no dia anterior’

(26) John thought yesterday that Mary *had to* take the train the day before

‘João pensou ontem que Maria teve que pegar o trem no dia anterior’

Em (24), o auxiliar modal *might* (podia) denota modalidade epistêmica, referindo-se ao falante; é, portanto, relativizado ao evento de fala, identificado por Hacquard (2006) como ‘e0’. Em (25), esse mesmo auxiliar modal mantém a interpretação epistêmica, mas, desta vez, está localizado na sentença encaixada, sendo relativizado ao evento da sentença matriz, identificado como ‘e2’. Por fim, em (26), ocorre o auxiliar modal *had to* (teve que) na sentença encaixada, assumindo uma conotação de raiz, com leitura deôntica.

Qualquer modal de raiz é interpretado em uma posição abaixo das categorias de tempo, tendo acesso, portanto, apenas ao evento descrito pelo VP, identificado como ‘e1’, ao qual é relativizado tal como descrito no exemplo abaixo:

(27) a. [CP Speech e0 λe_0 [TP T Asp1 λe_1 Mod f (e1) [VP V e1]]] (Deôntico)

b. [CP Speech e0 le0 Mod f (e0) [TP T Asp1 le1 [VP V e1]]] (Epistêmico)

(Hacquard, 2010: 7)

O exemplo (27) descreve as posições dos verbos modais epistêmicos e de raiz em relação às categorias tempo e aspecto. (27a) ilustra a leitura deôntica e (27b) epistêmica. Como veremos na subseção (2.2), existem dois tipos de deônticos: *ought-to-be* e *ought-to-do*. Em (27), a autora só estabelece a distinção estrutural do deôntico *ought-to-do* em relação ao epistêmicos, mas não demonstra a diferença estrutural entre o também núcleo modal alto *ought-to-be* em relação aos epistêmicos quanto à posição que ocupam na hierarquia dos núcleos funcionais de Cinque, não obstante reconhecer a existência deste (deôntico *ought-to-be*).

2.1.4 FERREIRA (2020a-b)

Por não existirem estudos sobre a modalidade no PA, decidimos apresentar alguns trabalhos de pesquisadores de outros países que têm o português como língua oficial, como é o caso do Brasil. Assim, nos será possível ilustrar o que se tem produzido a respeito dos verbos modais nessa língua. É nessa linha que apresentamos, nesta subseção, a análise de Ferreira (2020a-b) sobre o emprego dos auxiliares modais *poder*, *dever* e *ter que* no PB.

Ferreira (2020a) aborda a modalidade a partir da perspectiva semântica, o que não constitui o propósito da nossa pesquisa, além de retomar alguns conceitos de Kratzer (1981; 1991), como o de tipo de modalidade e o de força e base modal, já reportados em nosso estudo. Entretanto, Ferreira (2020b) discorre sobre os verbos modais no PB a partir de uma perspectiva sintática, o que nos aproxima de sua abordagem. O autor observa que os verbos modais figuram em construções com complementos infinitivos e mostra que os diferentes tipos de modalidade não são só influenciados por dependência contextual, mas também por aspectos morfossintáticos, que remetem à sua interação com a categoria tempo, por exemplo, conforme ilustrado a seguir:

(28) Antigamente trabalhadores podiam se aposentar aos 50, hoje não podem mais.

(29) Pedro não compareceu à reunião da semana passada. Ele devia estar doente.

(Ferreira, 2020b: 3)

De acordo com Ferreira (2020b: 3), em (28), o verbo *poder* denota modalidade deôntica com perspectiva temporal passada, 'indicando o tempo das leis em questão. Já em (29), *dever* denota modalidade epistêmica, com leitura temporal presente, demonstrando que a mesma marcação morfológica (-*ia*) pode ser empregada para indicar, não o tempo da perspectiva temporal do item modal, mas sim o da proposição modalizada.

Tendo em conta a discussão que se apresenta em Ferreira (2020b) sobre os verbos modais e sua relação com a categoria tempo, é fundamental relacionar aos conceitos propostos por Condoravdi (2002) sobre perspectiva e orientação temporal. Uma questão importante que vem à tona aqui é em relação ao caso de ausência vs presença de uma morfologia temporal aparente associada ao item modal, conforme mostram as sentenças a seguir:

(30) Pedro pode estar em casa (agora).

Dadas as evidências que se tem agora, é possível que Pedro esteja em casa agora.

(31) (No futuro), jovens de 16 anos poderão dirigir (as leis mudarão).

(32) Pedro poderá participar da festa no final de semana (a mãe dele já deixou).

(Ferreira, 2020b: 8-9)

Segundo Ferreira (2020b: 9), de acordo com o perfil morfossintático da sentença, a interpretação modal é transparente. No caso do exemplo (30), esse perfil é compatível com a modalidade epistêmica. Note que, por o verbo modal estar flexionado no tempo presente, e o verbo que o segue no infinitivo, a sentença é interpretada como uma suposição no momento da enunciação sobre uma situação naquele mesmo momento. Essa interpretação resulta da ausência de qualquer tipo

de marcação temporal explícita, seja na morfologia do modal ou pela ocorrência de expressões adverbiais de tempo. Já em (31) e (32), as formas modais exibem morfologia de tempo futuro, denotando ambas modalidade deôntica, conforme evidenciado nas informações entre parênteses.

Ferreira (2020b: 9) questiona o fato de a interpretação de tempo futuro advir da morfologia associada aos itens modais nas sentenças (31) e (32). Para o autor, mesmo com uma morfologia de tempo futuro, a perspectiva temporal associada ao item modal pode ser a de presente, como mostrado nos exemplos (33) e (34) a seguir:

(33) Talvez a chefe do Pedro venha a liberá-lo, mas, no momento, ele terá que trabalhar no final de semana.

(34) Talvez a chefe do Pedro venha a liberá-lo, mas, no momento, ele não poderá participar da festa no final de semana.

(Ferreira, 2020b: 9).

Não obstante as sentenças acima manterem a ênfase de um evento presente com leitura deôntica, conforme reforçado pela ocorrência da expressão temporal *no momento*, em ambos os casos, a marcação de tempo futuro no modal parece ser opcional, tal como se pode ver na boa formação das sentenças abaixo:

(35) Talvez a chefe do Pedro venha a liberá-lo, mas, no momento, ele tem que trabalhar no final de semana.

(36) Talvez a chefe do Pedro venha a liberá-lo, mas, no momento, ele não pode participar da festa no final de semana.

(Ferreira, 2020b: 10)

A proposta de Ferreira (2020b: 10), ilustrada a partir dos exemplos de (33) a (36), vai ao encontro da de Abusch (1998) e de Wurmbrand (2014). Ambas assumem que um modal deôntico pode, mas não necessariamente deve, conter uma projeção sintática que hospeda operadores de futuro.

Se a morfologia de futuro parece comprometer a interpretação dos itens modais deônticos em virtude do intervalo de tempo entre a interpretação do modal e a do evento ao qual está atrelado; para os epistêmicos, a interpretação é diferente, conforme ilustrado a seguir:

(37) a. Pode estar chovendo (agora).

b. Pode ter chovido (ontem)

(38) Pode chover (amanhã).

(39) Poderá chover (amanhã).

(Ferreira, 2020b: 11).

Em (37), as sentenças têm interpretação epistêmica e, segundo Ferreira (2020b), não há qualquer deslocamento futuro, pois os eventos descritos nas preajacentes estão ancorados no momento da possibilidade, ou seja, no presente, “cabendo aos operadores aspectuais neles contidos (progressivo e perfeito) os respectivos deslocamentos temporais de superposição e precedência” (p. 11). Já (38) e (39) ilustram um caso de sentença modal epistêmica com orientação futura. Para terminar a comparação dos modais deônticos com epistêmicos, Ferreira (2020b: 12) assume que modais epistêmicos, diferentemente dos deônticos, não admitem perspectiva temporal futura, mesmo em sentenças como a descrita no exemplo (39).

Na sequência, Ferreira (2020b: 12) aborda sobre os casos de modalidade em que o tempo da sentença preajacente não coincide com o tempo atrelado ao verbo modal. Para ilustrar esses casos, o autor transcreve o contexto a seguir, extraído de Mendes (2019):

Contexto: há alguns meses atrás, Pedro foi demitido por sua chefe em razão de ter chegado atrasado ao trabalho diversas vezes, o que ela atribuiu a seu descaso com o emprego. Muito recentemente, entretanto, ela ouviu dizer de fonte confiável que Pedro estava enfrentando sérios problemas de saúde na época. Baseada nisso, está pensando, agora, em reconsiderar sua decisão. Nesse contexto, tanto (40) quanto

(41) podem ser usadas pela chefe para expressar seu estado mental atual a respeito daqueles atrasos:

(40) É possível (provável) que Pedro estivesse doente.

(41) Pedro podia (devia) estar doente.

(Ferreira, 2020b: 13).

Ferreira (2020b: 13) interpreta as sentenças (40) e (41) como epistêmicas. Em (40), os predicados principal e subordinado estão na forma finita e indicam uma possibilidade epistêmica no presente sobre um evento passado. Além disso, apresentam um perfil morfossintático mais transparente, isto é, “um tempo presente na oração principal e um tempo pretérito na oração subordinada” (p.13), harmonizando-se, portanto, com a interpretação da sentença. Já a sentença (41) ilustra a desarmonia entre a morfologia do tempo dado na sentença e a perspectiva temporal da sentença, já que indica uma possibilidade presente sobre um fato passado, ou seja, modais epistêmicos são interpretados invariavelmente no momento da fala (cf. Ferreira, 2020b: 13).

Os exemplos (42) e (43), a seguir, ilustram o perfil morfossemântico de modais não epistêmicos:

(42) Maria pode chegar tarde em casa (a mãe dela deixa).

(43) Maria podia chegar tarde em casa (a mãe dela deixava).

(Ferreira, 2020b: 14)

Nas sentenças (42) e (43), os modais *pode* e *podia* denotam modalidade deôntica e se comportam de maneira diferente em relação aos epistêmicos; de acordo com Ferreira (2020b: 14), suas desinências temporais são interpretadas em relação ao tempo da modalidade, influenciando assim a perspectiva temporal, enquanto a orientação temporal da sentença prejacente toma sempre como momento de referência o próprio tempo da modalidade. Segundo o autor, isso significa que “modais no passado e no presente terão perspectiva passada e presente, respectivamente, com a orientação do prejacente sendo a mesma, sempre relativizada ao tempo da modalidade”. Por fim, para Ferreira (2020b: 15), há uma

dependência entre o momento de referência do prejacente e o tempo (orientação) da modalidade no caso da modalidade deôntica, mas não da epistêmica.

2.2 PROPRIEDADE DOS MODAIS ALTOS E BAIXOS

A hierarquia dos núcleos funcionais proposta por Cinque (1999) prevê duas posições para os núcleos modais deônticos: ModP_{Obligation} e ModP_{Permission}. A partir de Feldman (1986), Rech e Varaschin (2018) observam que os modais deônticos de obrigação podem ser interpretados como *ought-to-be* e *ought-to-do*. Baseando-se na proposta de Hacquard (2006, 2010), que estabelece que os modais são relativos a eventos de avaliação, Rech e Varaschin (2018) explicam que um deôntico *ought-to-be* descreve uma obrigação que não recai sobre um dos participantes do evento VP. Os autores argumentam que este núcleo modal é orientado para um dos participantes do evento de fala (*speech act event*), ou não recai sobre nenhum participante (cf. Feldmann (1986)). Já um deôntico do tipo *ought-to-do* descreve uma obrigação que recai, necessariamente, sobre um dos participantes do evento VP, preferencialmente o sujeito da sentença. O exemplo a seguir ilustra esses dois tipos de deôntico:

(44) João deve jantar às 19 horas.

Segundo Rech e Varaschin (2018: 364), quando a obrigação recai sobre o sujeito da sentença, que, neste caso, é o João, a interpretação *ought-to-do* é disponibilizada ao modal. Se, entretanto, a obrigação recair sobre um participante do evento de fala, como o interlocutor (no caso de João ser uma criança), será disponibilizada ao deôntico a interpretação *ought-to-be*.

Não obstante de, na hierarquia dos núcleos funcionais de Cinque (1999), o modal deôntico ocupar uma posição baixa em relação às categorias de tempo e aspecto, correspondendo a um modal de raiz, Hacquard (2006, 2010) demonstra que essa noção modal pode também estar associada a um núcleo interpretado em posição alta na estrutura da sentença. Para Hacquard, há, portanto, duas posições de interpretação de um modal deôntico: uma interpretação em posição baixa,

correspondendo a um deôntico do tipo *ought-to-do*; e outra em posição alta, correspondendo a um deôntico *ought-to-be*.

Um deôntico *ought-to-be*, por ser interpretado em posição alta, apresenta um comportamento semelhante ao modal epistêmico que também é um núcleo modal alto e ambos são relativizados ao evento de fala, tanto em relação ao tempo de avaliação modal quanto à orientação a um determinado participante, conforme o exemplo a seguir:

(45) O Pedro deve morrer ainda este mês.

Na sentença (45), o item modal *deve* pode assumir tanto interpretação epistêmica quanto deôntica do tipo *ought-to-be*. No primeiro caso, a proposição vai expressar uma suposição do falante, com base em seu conhecimento (ou em alguma evidência) até o momento da fala, em relação ao destino de Pedro; no segundo, a sentença corresponderá a uma ordem direcionada ao interlocutor, a quem se atribui a responsabilidade por fazer algo que resulte na morte de Pedro.

Embora propondo que deônticos *ought-to-be* ocupam uma posição alta na estrutura da sentença, à semelhança dos modais epistêmicos, Hacquard (2006, 2010) não determina que posição seria esta, não diferenciando na estrutura um *ought-to-be* de um epistêmico. Estudos como os de Cinque (1999, 2006), Stowell (2004), dentre tantos outros, que abordam a modalidade também a partir de uma perspectiva sintática, assumiram que a posição (alta ou baixa) do modal na estrutura desempenha um papel importante na sua interpretação. A partir de pesquisas nessa linha, a literatura linguística passou a fazer uma oposição entre epistêmicos vs modais de raiz, indicando apenas o epistêmico como modal alto em oposição a volitivo, deôntico, teleológico, circunstancial, todos modais de raiz.

Hacquard (2006) analisou a modalidade deôntica com base na distinção entre dois tipos de obrigação (*ought-to-be* e *ought-to-do*) proposta por Feldman (1986). Investigando itens modais associados a cada um dos tipos de obrigação em relação a fatores como orientação modal e relação com categorias de tempo e aspecto, Hacquard os distingue estruturalmente, associando o *ought-to-be* ao epistêmico,

ambos altos, e o *ought-to-do* aos modais de raiz, interpretado em uma posição baixa na estrutura.

A partir dessa associação do *ought-to-be* ao epistêmico, surgem algumas questões interessantes, como (i) ambos ocupam a mesma posição na estrutura, tendo suas interpretações determinadas por informações disponíveis no contexto? (ii) ambos se comportam de forma semelhante em relação a figurarem nos domínios matriz e encaixado (*root phenomenon*)? (iii) ambos são orientados para participantes do evento de fala e avaliados no tempo deste evento, qual seja: o momento da enunciação? Para responder a esses questionamentos e a outros que surgirem ao longo da análise dos dados, objetivamos realizar testes de coocorrência do modal epistêmico com outras categorias funcionais, comparando, quando possível, com os resultados dos testes realizados por Rech e Guessier (2022) para o deôntico *ought-to-be*.

Uma importante distinção que Rech e Varaschin (2018) apresentam entre os modais altos epistêmicos e os deônticos do tipo *ought-to-be* é que apenas estes últimos requerem a checagem de um traço agentivo; logo, a interpretação deôntica alta só será disponibilizada ao modal se a proposição sob o seu escopo requerer, direta ou indiretamente, a realização de uma ação. Já um núcleo modal epistêmico pode figurar em sentenças não agentivas, conforme as listadas no exemplo a seguir:

- (46) a. Pode chover.
 b. Essas flores podem murchar logo.
 c. O Pedro deve ser de origem germânica.

(Rech e Varaschin, 2018: 376).

Na sentença (46a), o verbo sob o escopo do modal descreve um fenômeno da natureza (*chover*), não selecionando nenhum argumento. Em (46b), o verbo sob o escopo do modal corresponde a um predicado inacusativo (*murchar*), selecionando apenas um argumento interno, que sofre as consequências do processo descrito, sem propriedades agentivas, portanto. Em (46c), o modal se combina com um predicado estativo marcado com os traços [-mudança] e [-controle] (ver Basso & Ilari 2004), que, por isso, não se combinam com um argumento com traços agentivos. As sentenças do exemplo (46) mostram, portanto, que um auxiliar modal epistêmico

não requer um predicado com propriedades agentivas sob o seu escopo, diferentemente de um deôntico, conforme argumentam Rech e Varaschin (2018). De acordo com as evidências aqui apresentadas e com os resultados da análise de Rech e Varaschin (2018), estamos assumindo que o traço agentivo [+Ag] é requerido para disponibilizar a um item modal a interpretação deôntica, mas não a epistêmica. Conforme evidenciado a partir de testes de transitividade realizados por Cinque, os modais epistêmicos têm escopo sobre as categorias tempo e aspecto (Cinque, 1999: 76). A posição de um item modal em relação a essas categorias gera diferenças no seu comportamento em relação ao fenômeno *acarretamento de verdade* – investigado nos auxiliares modais, inicialmente, por Bhatt (1999) e, na sequência, por Hacquard (2006). Esse fenômeno é associado, na literatura linguística, a modais baixos no aspecto perfectivo; modais altos não geram acarretamento de verdade, justamente por estarem acima das categorias de tempo e de aspecto. Para ilustrar a diferença entre modais altos e baixos em relação ao fenômeno acarretamento de verdade, transcrevemos um exemplo de Tsai (2015: 22):

- (47) a. Pouraller au zoo, Jane pouvait prendre le train.
 To go to.the zoo, Jane can-past-impf take the train
 ‘Para ir ao zoo, Jane podia pegar o trem’
- b. Pouraller au zoo, Jane a pu prendre le train.
 To go to.the zoo, Jane past-pfv can take the train
 ‘Jane conseguiu pegar o trem para ir ao zoológico’
 ‘Para ir ao zoo, Jane pôde pegar o trem / Maria conseguiu pegar o trem’

Em (47a), o modal assume leitura epistêmica e está combinado com o aspecto imperfectivo. Nesse caso, não há a manifestação do fenômeno de acarretamento de verdade, pois, a partir desse enunciado, não é possível ter certeza se Jane pegou ou não o trem para ir ao zoológico. Já em (47b), o modal assume leitura circunstancial (de habilidade) e se combina com o aspecto perfectivo. Note que essa combinação — de um modal baixo com aspecto perfectivo — gera acarretamento de verdade. Isso significa dizer que, pelo enunciado em (47b), Jane pegou o trem para ir ao zoológico. O emprego do modal de habilidade combinado com o aspecto perfectivo

gera o efeito de que o evento sob o escopo do modal é verdadeiro, aconteceu, de fato.

No chinês, o aspecto é marcado pelo emprego de advérbios — *changchang* (frequentemente) e *zongshi* (sempre). Se o item modal antecede o advérbio aspectual, a leitura disponibilizada para o modal é a epistêmica; se o item modal seguir o marcador de aspecto, então alguma leitura de raiz é associada ao modal. Vejamos os exemplos a seguir:

(48) a. Akiu yao changchang xiuxi. [irrealis: necessidade]
Akiu YAO often rest
'Akiu deve descansar com frequência/frequentemente'

b. Akiu changchang yao xiuxi. [realis: necessidade humana]
Akiu often YAO rest
'Akiu com frequência/frequentemente teve que descansar'

(Tsai, 2015: 23)

Em (48a), o item modal *yao* antecede o advérbio indicador de frequência *changchang*; tem-se, portanto, um modal alto (epistêmico) combinado com aspecto imperfectivo. De acordo com Tsai (2015), não é esperado nesse contexto a manifestação do fenômeno acarretamento de verdade, o que, de fato, não ocorre, uma vez que (48a) adquire interpretação irrealis. Já em (48b), o item modal segue o advérbio frequentativo, adquirindo leitura de modal de raiz, gerando, assim, acarretamento de verdade.

2.3 PROPRIEDADES DO MODAL EPISTÊMICO NO PB

Nesta subseção, vamos apresentar as propriedades dos auxiliares modais epistêmicos no PB de acordo com a literatura linguística.

A primeira propriedade que abordaremos é a relação dos epistêmicos com a categoria tempo. Conforme já observado acima, epistêmicos estão localizados acima dos núcleos de tempo (Cinque 1999; Stowell 2004; entre outros); logo, é esperado que não sejam interpretados no passado. A seguir, transcrevemos exemplos extraídos de Rech e Varaschin (2018: 72) que confirmam essa hipótese comportamental dos epistêmicos no PB:

- (49) a. João pode estar triste.
 b.*João pôde estar triste.

(49a) é uma sentença aceitável no PB, enquanto (49b) é malformada. O bloqueio à leitura epistêmica para (49b) é uma evidência de que os epistêmicos são interpretados no momento da enunciação, ou seja, no momento do evento de fala, bloqueando, desse modo, uma interpretação com leitura passada. Esse julgamento vai ao encontro do ordenamento dos núcleos funcionais proposto por Cinque e transcrito acima (ver subseção 2.1.2, Ex.: (16)). Mendes (2019) também apresenta dados que corroboram a proposta de que a marcação de tempo passado (TPPast) não é compatível com a interpretação epistêmica. Em (50), a seguir, transcrevemos um exemplo apresentado por Mendes (2019: 30):

- (50) O João pôde fazer a prova em uma data alternativa.
- a. #Pode ser que o João tenha feito a prova em uma data alternativa.
- b. Foi permitido que o João fizesse a prova em uma data alternativa.

De acordo com a autora, o pretérito perfectivo bloqueia a interpretação epistêmica, o que explica o fato de (50a) não ser uma paráfrase possível para a sentença (50). Embora pareça ser o caso de modais epistêmicos receberem invariavelmente uma leitura presente, há contra exemplos da literatura a essa associação, conforme observa Mendes (2019). Vejamos um desses exemplos clássicos em (51), a seguir, extraído de von Stechow & Gillies (2007: 43):

- (51) The keys might have been in the drawer.
 As chaves podiam ter estado na gaveta
 'As chaves podiam estar na gaveta'

Esse exemplo mostra a possibilidade de uso de um modal epistêmico (*might*) em uma perspectiva temporal passada. O enunciado foi proferido em um contexto no qual o marido conta para a esposa que não encontrou as chaves, citando os lugares onde havia procurado. Então, a esposa enuncia a sentença (51). Mendes (2019: 59)

afirma que no PB “a leitura mais saliente para sentenças com esse perfil sintático-semântico (modalepis + pret.imp + predicado estativo) é uma leitura com perspectiva presente e orientação passada”. Além disso, a autora observa que boa parte das pesquisas da área não tem se dedicado à ocorrência da modalidade epistêmica com interpretação de tempo passado, pois são escassas e necessitam de certas manobras pragmáticas, que, às vezes, são rigidamente construídas, conforme mostrado no exemplo (51).

Quando se aborda a respeito da relação dos modais com a categoria tempo, é importante levar em consideração os conceitos de *perspectiva temporal* e *orientação temporal* que foram introduzidos na literatura modal por Condoravdi (2002). Segundo a autora, a perspectiva temporal se refere ao tempo em que a sentença é avaliada; já orientação temporal corresponde à relação entre o tempo do evento e a perspectiva temporal. Considere os exemplos a seguir, extraídos de Condoravid (2002: 85):

- (52) a. Why are Jordan's parents so happy?
 'Por que os pais de Jordan estão tão felizes?
 He might have won the game. #...but he didn't.
 'Ele podia ter ganhado o jogo. #... mas ele não ganhou'
- b. Why are Jordan's parents so sad?
 'Por que os pais de Jordan estão tão tristes?'
 He might have won the game. ...but he didn't
 'Ele podia ter ganhado o jogo. ... mas ele não ganhou'

Em (52a), o modal *might* (podia) denota modalidade epistêmica com uma perspectiva temporal presente e uma orientação temporal passada. Já em (52b), *might* denota modalidade circunstancial, indicando a capacidade (chance/oportunidade) de Jordan vencer o jogo, o que não aconteceu, conforme a sequência "... but he didn't" (... mas ele não ganhou) indica. Nesse caso, por indicar modalidade de raiz, *might* pode adquirir uma perspectiva temporal passada, diferentemente de um modal epistêmico, e uma orientação temporal futura.

Os modais epistêmicos e de raiz diferem, portanto, em relação à perspectiva temporal e à orientação temporal: modais de raiz podem ser interpretados no presente, passado ou futuro, visto que estão abaixo da categoria tempo na estrutura; já epistêmicos, de acordo com Cinque (1999), entre outros, só podem ser interpretados no presente. A seguir, transcrevemos exemplos de Mendes (2019: 66) que mostram como os verbos modais epistêmicos se comportam em relação à orientação temporal no PB:

- (53) a. O João deve viajar bastante.
 b. Os alunos têm que ter cursado Introdução à Linguística.
 c. Deve chover mais tarde.

(53a) apresenta perspectiva e orientação temporal presente; (53b) apresenta perspectiva temporal presente e orientação temporal passada; e, por fim, (53c) apresenta perspectiva temporal presente e orientação temporal futura. Segundo a autora, uma orientação temporal presente só pode ocorrer quando a sentença prejacente contém um predicado estativo ou habitual, como em (53a). Já a orientação futura ocorre quando o predicado sob o escopo do modal tem natureza eventiva, parecendo ser esta a interpretação futura *default* nesses casos (Mendes, 2019: 66).

2.4 ESTUDOS DOS AUXILIARES MODAIS NO PB

Os verbos auxiliares modais do PB são *poder*, *dever* e *ter que*. Destes, os dois primeiros disponibilizam interpretação epistêmica; ao passo que *ter que* oferece restrições a essa leitura modal (Pessotto, 2015). Em nosso estudo, objetivamos investigar a modalidade epistêmica no PA, verificando se essa leitura modal sofre as mesmas restrições lexicais e/ou contextuais que no PB. Para isso, apresentaremos, inicialmente, algumas propriedades dos modais epistêmicos no PB a partir de estudos como os de Ferreira (2009), Rech e Varaschin (2018) e Rech e Guesser (2022).

Esta subseção está organizada de forma a apresentar o comportamento dos auxiliares modais no PB em relação aos seguintes fatores: (i) à categoria tempo; (ii)

à categoria aspecto progressivo; e (iii) à coocorrência de itens modais em uma mesma sentença.

Em relação às categorias modalidade e tempo, já foi observado, na subseção 2.3 que itens modais epistêmicos só podem ser interpretados no momento do discurso (ver os exemplos (49b) e (50) acima). Logo, modais epistêmicos no PB não disponibilizam leitura no passado, conforme o esperado se considerarmos o ordenamento de núcleos funcionais proposto por Cinque (1999). Segundo a hierarquia de Cinque, é esperado que modais altos sejam orientados para o tempo do discurso; e modais baixos, para o tempo dado na sentença. Nesse sentido, é esperado que um deôntico do tipo *ought-to-be*, que também corresponde a um modal alto (Hacquard 2006, 2010), apresente um comportamento semelhante ao do modal epistêmico em relação à categoria tempo. A seguir, transcrevemos um exemplo extraído de Rech e Varaschin (2018: 370), em que testaram o deôntico *ought-to-be* no PB em relação a categoria tempo:

- (54) a. As crianças têm que poder fazer as refeições na escola.
 b. *As crianças tiveram que poder fazer as refeições na escola

Segundo os autores, o auxiliar modal *ter que*, em (54a), pode ser interpretado como um deôntico do tipo *ought-to-be*, em que está recaindo sobre o interlocutor a obrigação de garantir que as crianças tenham *permissão de* ou *condições para* fazer as refeições na escola. A sentença (54a) é bem formada com o primeiro modal da sequência (*ter que*) associado à interpretação deôntica alta (*ought-to-be* — com leitura de obrigação) ou, ainda, à interpretação boulética (de desejo); e o segundo modal da sequência (*poder*) associado à interpretação de raiz: como um deôntico *ought-to-do* — com leitura de permissão; ou como um modal de capacidade. Isso porque modais altos ficam acima do escopo de tempo. A agramaticalidade da sentença (54b) deve-se, possivelmente, a associação de uma marca temporal a um item modal alto, que ocupa a primeira posição em uma sequência de modais: *tiveram que>poder*. Note que a ordem em que os itens modais ocorrem na linearidade da sentença é um reflexo da posição que ocupam na estrutura: o modal que ocupa a primeira posição da sequência de modais em (54a) corresponde ao

item modal mais alto na estrutura correspondente à sentença. Já o exemplo em (54b) mostra que no PB modais de raiz estão sob o escopo da categoria tempo, podendo expressar uma noção de obrigação no passado:

- (55) a. Deve ter bem-casado na recepção.
 b. Os responsáveis pelo buffet tiveram que colocar bem-casado na recepção.
 (Rech e Varaschin, 2018: 376)

Segundo os autores, em (55a) o auxiliar modal *dever* assume interpretação deôntica do tipo *ought-to-be* na perspectiva de Feldmann (1986), em que a leitura de obrigação associada ao modal não recai sobre nenhum participante específico, expressando apenas como as coisas devem ser, daí o termo *ought-to-be* para descrever esse tipo de obrigação. Já em (55b), o emprego de um auxiliar modal flexionado no tempo passado (tiveram que) disponibiliza apenas uma interpretação do tipo *ought-to-do*, em que a obrigação descrita pelo item modal recai sobre o sujeito da sentença, um participante do evento descrito pelo VP. As sentenças dos exemplos (54) e (55) mostram que um modal interpretado em posição alta, como epistêmicos e deônticos *ought-to-be*, são interpretados no momento da enunciação; enquanto modais de raiz, que correspondem a modais interpretados em posição baixa na estrutura (como deônticos *ought-to-do* ou modal de capacidade), podem ser orientados para o tempo dado na sentença.

Na sequência, ilustramos o comportamento de um item modal em relação à categoria aspecto (progressivo), a partir de um exemplo do PB, transcrito de Ferreira (2009: 130):

- (56) a. O Pedro pode estar dirigindo.
 b. O Pedro está podendo dirigir.

Em (56a), o item modal *poder* antecede o aspectual *estar*, assumindo uma interpretação epistêmica (de possibilidade). Já em (56b), essa leitura não está disponível ao auxiliar modal *poder*, que, nessa sentença, segue o auxiliar aspectual *estar*. As interpretações modais disponibilizadas ao auxiliar *poder* em (56b) são as

de capacidade/habilidade ou de permissão, ambas interpretações associadas à leitura de raiz. A marcação de aspecto progressivo no PB é feita pela combinação do auxiliar aspectual *estar* e a desinência *-ndo* (de gerúndio). Ambas as sentenças do exemplo (56) estão de acordo com a hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque, pois indicam que o núcleo correspondente à modalidade epistêmica está acima do núcleo correspondente à categoria de aspecto progressivo, que, por sua vez, está acima da categoria modal de capacidade e de permissão. O exemplo a seguir, transcrito de Rech e Varaschin (2018: 372), ilustra a relação entre um deôntico do tipo *ought-to-be*, um modal igualmente alto como o epistêmico, e o aspecto progressivo:

(57) a. As crianças têm que poder fazer as refeições na escola.

(ModOught-to-be > ModOught-to-do)

b. *As crianças estão tendo que poder fazer as refeições na escola.

(*AspProg>ModOught-to-beobligation > ModOught-to-doPermission)

Segundo os autores, quando dois modais coocorrem em uma mesma sentença, o primeiro corresponde a um modal alto (epistêmico ou deôntico *ought-to-be*), e o segundo a um modal baixo, de raiz (deôntico *ought-to-do*, habilitivo, teleológico etc. Em (57a), há sequência de modais: o primeiro é interpretado como um deôntico *ought-to-be* (de obrigação); e o segundo, como um deôntico *ought-to-do* (de permissão). Logo, a má-formação de (57b) resulta de um modal alto estar sob o escopo de um núcleo aspectual progressivo, que ocupa uma posição intermediária na estrutura da sentença, estando abaixo das categorias de tempo (TP_{Past} e TP_{Fut}), inclusive.

A hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque (1999, 2006) resultou de testes de transitividade, em que o autor investigou as possibilidades de ordenamento de itens funcionais quando coocorrem em uma mesma sentença. No PB, esse ordenamento envolvendo os auxiliares modais foi testado por Ferreira (2009), Pessotto (2015), entre outros. O exemplo a seguir foi transcrito de Pessotto (2015: 35):

- (58) a. A Ana pode ter que sair mais cedo do trabalho.
 b. A Ana tem que poder sair mais cedo do trabalho.

Ambas as sentenças do exemplo (58) são bem formadas, mas geram diferentes interpretações. Esse fato revela que a interpretação de um item modal é em parte determinada pela sintaxe, uma vez que sofre influências da posição que tal núcleo ocupa na estrutura. Em (58a), *poder* ocupa a primeira posição na sequência; como consequência, é disponibilizada a este modal apenas a interpretação epistêmica (alta). Já em (58b), *ter que* ocupa a primeira posição na sequência modal, correspondendo, portanto, ao modal alto. Nesse contexto, a interpretação disponível para *ter que* é a deontica do tipo *ought-to-be*, considerando que esse item modal não é usual no PB em contextos evidenciais, figurando preferencialmente como um modal de raiz (deonticos, teleológicos e buléticos), conforme Pessotto (2015: 123).

2.3.1 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo ancorou suas discussões nos textos da Kratzer (1981), Cinque (1999, 2006), Hacquard (2006) entre outros. Inicialmente, foi apresentada a abordagem semântica da Kratzer (1981), para quem a interpretação modal é determinada por informações disponíveis no contexto (background conversacional). Na sequência, apresentamos a proposta de Cinque (1999), que segue uma abordagem da sintaxe cartográfica, determinando diferentes posições na estrutura da sentença para a interpretação dos núcleos funcionais modais. Para este autor, os modais epistêmicos correspondem a modais altos, localizados acima das categorias de tempo e aspecto; e os modais de raiz, a modais baixos, ocupando diferentes posições mas todas sob o escopo das categorias de tempo (TP_{Past} e TP_{Future}). Por fim, passamos à proposta da Hacquard (2006, 2010), que reúne importantes *insights* da proposta da Kratzer e do Cinque. O diferencial da proposta da Hacquard é uma análise dos itens funcionais modais a partir de uma perspectiva sintático-semântica, relativizando um item modal a eventos, e não a mundos de avaliação, como propõe Kratzer (1981, 1991). Na sua proposta, os modais podem ser relativizados a três

eventos, acessíveis em diferentes posições na estrutura da sentença (alta e baixa), o que dá conta de explicar suas diferenças em relação às categorias tempo, aspecto e também em relação ao participante para o qual o modal é orientado.

Na sequência do capítulo, apresentamos alguns estudos dos auxiliares modais no PB, tanto de uma perspectiva sintática (Ferreira, 2009; Rech e Varaschin, 2018; Rech e Guessier, 2022) quanto semântica (Pessotto, 2015; Mendes, 2019).

No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia a ser utilizada no estudo de itens modais epistêmicos no PA para a apreensão de seu comportamento em relação a fatores como relação com as categorias de tempo e aspecto e coocorrência de modais.

3. METODOLOGIA

Apresentamos, neste capítulo, a forma como coletamos os dados para o estudo da modalidade epistêmica no PA. Inicialmente, realizamos duas entrevistas para obter informações sobre os participantes da pesquisa: a primeira foi para a obtenção de dados pessoais dos informantes; a segunda, para a obtenção de informações linguísticas. Além dessas entrevistas, fizemos uso de três questionários para investigar os seguintes fatores: (i) modalidade epistêmica e tempo; (ii) modalidade epistêmica e aspecto; e (iii) coocorrência de modais. Para elaborar os questionários, tomamos por base o *Modal Questionnaire for Cross-linguistic Use*, proposto por Vander Klok (2014).

3.1 ENTREVISTAS

A relevância da primeira entrevista (Anexo 1), para a obtenção de dados pessoais dos indivíduos, consiste em observar se, de fato, os participantes reúnem as condições necessárias para fazerem parte da pesquisa: ser maior de 18 anos, ter pelos menos 15 anos de experiência de vida ininterrupta em Angola, ser falante nativo do português angolano e usar esta como língua principal de comunicação. Além disso, a primeira entrevista visa também a identificar a classe social, nível de instrução e localização geográfica de cada participante.

A aplicação da segunda entrevista (Anexo 2) se justifica tendo em conta a multiplicidade de línguas faladas em Angola. Os dados requeridos nessa entrevista auxiliarão no mapeamento da situação linguística dos participantes da pesquisa, em relação a quantas línguas falam além do PA, como foram adquiridas e em quais contextos são empregadas.

3.2 QUESTIONÁRIOS

Nesta pesquisa, elaborou-se três questionários para investigar o emprego do auxiliar epistêmico no PA, investigando suas relações com outras categorias funcionais, como *tempo*, *aspecto* e outros itens modais. Para isso, propomos

inicialmente um questionário da relação de um item modal epistêmico com tempo (Anexo 3). O segundo questionário contém contextos com diferentes categorias aspectuais (Anexo 4). O terceiro, por fim, contém contextos com coocorrência de modais.

Os questionários que desenvolvemos para esta pesquisa tomaram por base o seguinte instrumento: *Modal questionnaire for cross-linguistic* (Vander Klok, 2014). O questionário de Vander Klok traz, além de contextos de sua própria autoria, contextos adaptados de outros autores que investigam diferentes tipos de modalidade através das línguas — a autora adapta contextos de von Stechow (2006), von Stechow & Gillies (2007), Rullmann (2008), Kratzer (1991), dentre outros. No questionário da Vander Klok, figuram trinta e sete (37) contextos para a apreensão de marcas de diferentes tipos de modalidade — epistêmica, deôntica, teleológica e circunstancial —, com força modal de possibilidade e de necessidade. O seu questionário foi desenvolvido para apreensão de diferentes marcas de modalidade através das línguas; por essa razão, o tomamos como base para nossa pesquisa, considerando que ainda não há estudos sobre esse tema no PA.

O uso do questionário de Vander Klok (2014) para a investigação do tema modalidade no PA exigiu a adaptação dos contextos epistêmicos à realidade dos falantes angolanos em relação a elementos culturais, ao uso de construções gramaticais e também ao uso de vocabulário: nomes de pessoas e de lugares¹⁸. Alertamos para a necessidade de o pesquisador, ao aplicar procedimentos metodológicos dessa natureza, levar em consideração a realidade dos sujeitos de sua pesquisa.

Muitos dos nomes citados nos contextos do questionário de Vander Klok (2022) são comuns em javanês; nossos informantes, entretanto, são de origem bantu e falantes do PA, por isso a necessidade de adaptação. Nossa escolha foi por nomes originários das línguas bantu de Angola, como *'kimbundu'* e *'kikongo'*. Na cultura africana, o nome tem uma importância que vai muito além da de nomear um referente no mundo,

O nome encerra alguma coisa da essência pessoal, até identificar o

¹⁸Antes de aplicar aos participantes da pesquisa, cada questionário foi testado com 5 angolanos diferentes, para ver se eles realmente compreendiam os experimentos.

nome e ser. O nome faz parte da personalidade, revela o ser da pessoa situando o homem no grupo; é denominação que permite reconhecê-lo, o sinal da sua situação, da sua origem, da sua actividade, das suas relações com os outros (Altuna, 2006: 268).

Nesse sentido, as adaptações tanto dos nomes de pessoas quanto de lugares foram necessárias para aproximar as situações descritas nos questionários à realidade dos participantes de modo a gerar identificação entre estes e os elementos dos contextos descritos, conforme já observado por Matthewson (2004).

3.2.1 QUESTIONÁRIO 1 — MODALIDADE EPISTÊMICA E TEMPO

Nesse questionário, investigamos contextos em que o modal epistêmico é empregado com perspectiva temporal presente em contraste com contextos em que esse mesmo modal é empregado com perspectiva temporal passada. Conforme observamos no capítulo anterior, há uma divergência na literatura linguística quanto à localização dos modais epistêmicos em relação à categoria tempo: alguns autores argumentam na direção de que epistêmicos se localizam acima de tempo (Cinque, 1999; Stowell, 2004; Hacquard, 2006, 2010; entre outros): Epistemic > TP > Root; enquanto outros argumentam na direção de que todos os modais, inclusive os epistêmicos, estão sob o escopo de tempo (Condoravid, 2002; Rullmann e Matthewson, 2018): TP > Epistemic > Root. Para contribuir com dados para essa questão teórica, nos propomos a investigar essa relação no PA, aplicando um questionário com 14 (cartoze) contextos assim distribuídos: 6 contextos de modalidade epistêmica com *perspectiva temporal presente e orientação temporal presente* [present TP; present TO]; 6 contextos de modalidade epistêmica com *perspectiva temporal passada e orientação temporal presente* [past TP; present TO]; e 2 contextos controle. O participante é orientado a escolher apenas uma dentre as alternativas de resposta para a tarefa de preenchimento de lacuna. A última alternativa foi inserida para casos em que o participante considere que nenhuma das formas dadas nas alternativas anteriores é adequada ao contexto descrito.

Para ilustrar a tarefa proposta no *Questionário 1*, transcrevemos, a seguir, um de seus contextos, em que a modalidade epistêmica é empregada com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente:

(59) *Os amigos Bumba e Quissanga marcaram de se encontrar às 9 horas na Mediateca Zé Dú (próximo ao largo 1ª de maio em Luanda) para fazerem um trabalho juntos. Bumba chegou no horário combinado e está a esperar o Quissanga já faz uns 40 minutos. Bumba sabe que Quissanga costuma ser pontual. O que você acha que Bumba está a pensar neste momento?*

Quissanga _____ estar preso no engarrafamento

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- (A) podia
- (B) pode
- (C) devia
- (D) deve
- (E) nenhuma das alternativas anteriores

Tanto *poder* quanto *dever* são verbos auxiliares modais que figuram em contextos de modalidade epistêmica no PA. Esperamos que as formas nas alternativas (B) e (D) sejam indicadas para o preenchimento da lacuna de um contexto como o descrito acima: em que a modalidade epistêmica está sendo empregada com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Abaixo, transcrevemos outro contexto que integra o questionário, indicando modalidade epistêmica com perspectiva temporal passada e orientação temporal presente:

(60) *Lemba está jogando sueca com os seus amigos. Ela tem 4 cartas do trunfo. Desatenta ao jogo, quando seu parceiro fez recolha de trunfos, na hora de apanhar uma manilha, colocou um conde, passando a vez para outra pessoa jogar. Ao perceber seu erro, Lemba fica visivelmente frustrada. Kiala, sua dupla no jogo, pergunta o que aconteceu. Ela, então, responde:*

Eu _____ apanhar uma manilha.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- (A) podia
- (B) pode
- (C) devia
- (D) deve
- (E) nenhuma das alternativas anteriores

Para este contexto, esperamos que as formas escolhidas pelos participantes sejam as correspondentes às alternativas (A) e (C), com uma morfologia correspondente à perspectiva temporal passada.

Para a construção dos contextos que integram esse questionário, tivemos o cuidado de empregar uma linguagem familiar aos participantes, assim como também descrever situações comuns entre os angolanos, como o agendamento de encontros entre colegas para estudar ou fazer tarefas juntos — ver exemplo (59) acima; ou recreação entre amigos para jogar sueca, um jogo de cartas bastante popular em Angola — ver exemplo (60). No primeiro desses contextos, citamos lugares que são de conhecimento dos cidadãos da província de Luanda, como a Mediateca Zé Du — construída em homenagem ao presidente de Angola que substituiu Agostinho Neto depois da independência —; e o largo 1^a de maio — um dos lugares históricos da província de Luanda, onde foi proclamada a independência de Angola contra o jugo colonial português. O mesmo cuidado se aplicou aos demais contextos que integram o questionário. Ao trazer esses elementos histórico-culturais, visamos a gerar identificação dos contextos descritos com a realidade dos participantes da pesquisa, a fim de que se sintam familiarizados com as informações contidas em cada contexto, evitando estranhamentos e incompreensões que prejudiquem a realização da tarefa proposta.

3.2.2 QUESTIONÁRIO 2 — MODALIDADE EPISTÊMICA E ASPECTO

O segundo questionário constituído de 12 (doze) contextos foi construído para analisarmos os modais epistêmicos em relação às diferentes categorias aspectuais, nomeadamente: AspInceptivo, AspProgressivo, AspContinuativo, AspRepetitivo e AspInterruptivo. A seguir, transcrevemos um dos contextos do questionário, em que

o item modal forma sequência com um núcleo aspectual progressivo.

(61) *Lueji e seu esposo têm o costume de correr todos os dias a partir das 18h. Hoje, seu esposo chegou a casa tarde, depois das 18h, e percebeu que Lueji não está em casa. Então, ele pensa o seguinte:*

Assinale a alternativa que expressa o pensamento do esposo da Lueji:

- (A) Lueji pode estar a correr
- (B) Lueji está podendo correr

No exemplo acima, espera-se como resposta a opção (A). Nesse caso, tendo em conta o contexto descrito e tudo que se sabe sobre a rotina do casal, é possível supor que Lueji está a correr, visto que o casal tem o hábito de sair para se exercitar nesse horário. Com essa tarefa, nosso objetivo foi verificar se o ordenamento proposto por Cinque (1999) para itens funcionais modais e aspectuais é constatado no PA. Se a variação na ordem desses núcleos gerar interpretações diferentes e ambas possíveis no PA, temos uma evidência de que essa língua segue o ordenamento proposto pelo autor e já verificado em muitas línguas, inclusive línguas crioulas africanas (Cinque, 1999), mas ainda não no PA, visto que não há trabalhos sobre modalidade na perspectiva cartográfica nessa língua (na verdade, não encontramos trabalhos sobre modalidade no PA, mesmo em outras abordagens).

A seguir, apresentamos outro contexto que integra o *Questionário 2*; desta vez, o item modal forma sequência com o núcleo aspectual continuativo:

(62) *Desde 2010 que Angola vem traçando novas políticas públicas para diversificação da sua economia de forma a reduzir a dependência do Petróleo no Orçamento Geral do Estado. A província do Bengo tem recebido cada vez mais investimentos do Governo e de empresas privadas no sector agrícola. Sabendo sobre os recorrentes investimentos feitos pelo Governo e pelas empresas privadas no setor agrícola, o pensamento dos moradores da província do Bengo é o seguinte:*

Assinale a alternativa que expressa o pensamento dos moradores da província:

(A) O Governo e as empresas privadas podem continuar a investir no sector agrícola.

(B) O Governo e as empresas privadas continuam podendo investir no sector agrícola.

No contexto acima, estamos testando se a posição do item modal em relação ao núcleo aspectual continuativo altera sua interpretação.

Os exemplos em (61) e (62) são uma amostra de como são formados os 12 contextos que compõem o *Questionário 2*. Esperamos que os resultados obtidos com a aplicação dessa tarefa contribuam para o enriquecimento da descrição das línguas, mapeando o ordenamento de itens funcionais modais e aspectuais no PA.

Ademais, tal como o *Questionário 1*, este também é constituído de nomes, lugares e referências assentes na cultura e história de Angola. Nomes comuns nas línguas bantu de Angola, como Nsimba (kikongo) e Kiluanji (Kimbundu), figuram nos diversos contextos que compõem o questionário, assim como também nomes de algumas províncias de Angola, detalhadamente: Huíla, Bengo, Luanda e Cuando Cubango; além da referência a lugares da província de Luanda, como Lar Kuzola, Universidade Católica de Angola, que fica no Palanca, bem como o bairro Paraíso, um dos lugares mais periféricos da província de Luanda. Acredita-se que a inclusão desses detalhes contribuirá para uma melhor aceitação da tarefa, visto que se aproxima da realidade dos participantes.

3.2.3 QUESTIONÁRIO 3 — COCORRÊNCIA DE MODAIS

Como já descrito em outras partes deste trabalho, os verbos auxiliares modais do PA são *poder*, *dever* e *ter que*. Nesse terceiro questionário, em que examinamos a coocorrência de modais, trabalhamos apenas com dois destes verbos, a saber: *poder* e *ter que*. Existem três sentidos associados ao verbo *poder*: (i) capacidade ou habilidade; (ii) possibilidade; e (iii) permissão. Cada sentido do verbo *poder* apontado acima expressa um tipo de modalidade classificada entre epistêmica e de raiz (Ferreira, 2009). Já o verbo modal *ter que* veicula sentido de *obrigação*, *desejo*

ou *objetivo*. É importante notar que raramente o auxiliar *ter que* é empregado com conotação epistêmica no PB, conforme já observamos na subseção 2.4, com base em Pessotto (2015). Quando empregado com conotação deôntica, *ter que* expressa obrigação; quando empregado com conotação teleológica, expressa uma relação entre meio e meta; e, por fim, quando empregado com conotação bulética, expressa desejo. Esse teste foi elaborado com base em Cinque (1999), que demonstrou, a partir de testes de transitividade, que o ordenamento dos auxiliares modais tem relação com a sua interpretação. Isso significa que os diferentes ordenamentos em sentenças com coocorrência de modais geram diferentes significados. A seguir, transcrevemos um dos contextos do questionário que testa esse parâmetro:

(63) *A Direcção Provincial da Educação determinou que a direcção das escolas ofereça todas as refeições para as crianças de segunda-feira a sexta-feira. Hoje é quinta-feira. Portanto, a **direcção das escolas é obrigada a permitir que as crianças façam as refeições na escola.***

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- () As crianças podem ter que fazer as refeições na escola.
- () As crianças têm que poder fazer as refeições na escola.
- () Nenhuma das sentenças acima.

A sentença em destaque no contexto combina duas noções modais: *obrigação* e *permissão*. A primeira dessas noções, a de obrigação, recai sobre *a direcção da escola*; já a segunda, a de permissão, recai sobre as crianças. A tarefa requer que o participante assinale uma dentre as três alternativas de resposta: as duas primeiras apresentam sentenças com coocorrência de modais para que ele assinale qual delas tem o significado equivalente ao da sentença em destaque no contexto; e a terceira alternativa é para ser assinalada caso o participante julgue que nenhuma das sentenças acima tem sentido equivalente ao da sentença dada no contexto. Na primeira sentença das alternativas, o auxiliar modal *poder* antecede *ter que*; já na segunda, a ordem é inversa. Se o ordenamento de núcleos funcionais proposto por Cinque se manifestar no PA, é esperado que a inversão na ordem dos verbos

auxiliares gere diferenças no significado das sentenças e, mais do que isso, que os primeiros verbos das sequências estejam associados a noções modais localizadas em posições mais altas na estrutura da sentença, confirmando a oposição tão demarcada na literatura linguística sobre modalidade: modais altos (epistêmicos e deônticos *ought-to-be*) vs modais baixos ou de raiz (deônticos *ought-to-do*, teleológicos, buléticos, circunstanciais etc). Para esse contexto, é esperado que o participante assinale como resposta a segunda opção, em que o primeiro modal (*ter que*) corresponde a um deôntico do tipo *ought-to-be*, colocando a ordem de execução da ação, não sobre o sujeito da sentença (as crianças), mas sim sobre algum participante saliente no contexto (a direção das escolas); e o segundo modal, a um deôntico do tipo *ought-to-do* (de permissão), que, por corresponder a um modal baixo, recai sobre o sujeito da sentença (as crianças). Na sequência, apresentamos outro contexto do questionário. Diferentemente do contexto transcrito em (63), em que são expressas duas noções distintas de modalidade deôntica (*ought-to-be* e *ought-to-do*), neste contexto, estão combinadas as noções epistêmica e deôntica *ought-to-do*:

(64) *O Soba Ngola ordenou que as mulheres cozinham sempre que houver óbitos na comunidade. Hoje teve óbito. Então, é possível que as mulheres sejam obrigadas a cozinhar hoje.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- () As mulheres podem *ter que* cozinhar hoje
- () As mulheres têm que poder cozinhar hoje
- () Nenhuma das sentenças acima

No contexto descrito no exemplo (64), acima, espera-se como resposta a primeira opção, em que *poder* antecede *ter que*, visto que a sentença em destaque no contexto apresentado indica a possibilidade da realização de um evento obrigatório, correspondendo, assim, ao seguinte ordenamento de núcleos modais: Modal Epistêmico > Modal Deôntico (*Ought-to-do*). A segunda opção de resposta exibe a

sequência *ter que* > *poder*, expressando a noção de *obrigação* ou de *desejo* seguida da de *permissão* ou de habilidade.

Tal como nos outros dois questionários, este também é formado de exemplos assentes na cultura angolana. A palavra *soba*, por exemplo, que aparece no contexto transcrito no exemplo (64), é o nome atribuído a uma autoridade tradicional na cultura dos povos *ambundu*, que equivale à *soma* na cultura ovimbundu. Os povos *ambundu* pertenciam ao antigo reino do Ndongo, cuja estrutura de poder era descentralizada em *sobados*, tal como descreve Carvalho (2013: 17):

O reino do Ndongo tinha como principal o Ngola, que por sua vez dividia seus territórios em sobados, governados por homens que faziam parte da sua corte, chamados sobas. Os sobas possuíam séquitos, nos quais cada personagem desempenhava papel bem determinado na dinâmica política do sobado. Entre esses personagens destacamos os tandalas (conselheiros principais), os macotas (conselheiros) e macunzes (embaixadores).

Também neste último questionário, tivemos o cuidado de empregar nomes comuns nas línguas bantu de Angola e fazer menção a lugares conhecidos pelos angolanos, como o mercado dos Kwanzas (uma das principais praças de Luanda), a Comarca de Luanda (uma das principais penitenciárias do país), a região de Catete (o lugar onde nasceu o primeiro presidente de Angola), bem como destacamos um dos principais símbolos do país: a Palanca Negra Gigante, que é uma espécie de animal que só existe em Angola, na província de Malange.

A inserção de elementos culturais angolanos na criação de cada um dos contextos dos questionários visa a promover a identificação linguística e cultural dos participantes com os contextos descritos. No cômputo geral, os três questionários trazem vários detalhes da cultura angolana e não se circunscrevem apenas aos fatos e lugares da província de Luanda.

3.2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa para a apreensão das relações entre verbos auxiliares modais e as categorias de tempo e aspecto no PA, assim como também entre auxiliares modais, quando coocorrem em

uma mesma sentença. O primeiro questionário foi baseado em Vander Klok (2014), que traz exemplos de vários autores que testaram diferentes tipos de modalidade através das línguas. Além disso, o primeiro questionário analisa a relação dos modais epistêmicos com *tempo*, visto que há um debate na literatura linguística sobre a posição desses itens modais e esta última categoria. No segundo questionário, analisamos a relação do modal epistêmico com aspecto, focando nas seguintes noções aspectuais: continuativo, progressivo, inceptivo, interruptivo e durativo. A escolha dessas diferentes noções de aspecto foi motivada por corresponderem a núcleos funcionais que ocupam diferentes posições na estrutura da sentença, conforme Cinque (1999, 2006). No terceiro e último questionário, analisamos a coocorrência de modais.

Na próxima seção, se faz a apresentação e discussão dos resultados obtidos a partir da aplicação dos três questionários supracitados.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, fez-se análise e descrição dos dados do PA obtidos através dos resultados dos três questionários de pesquisa. Ao todo, contamos com 45 participantes angolanos, assim distribuídos: 30 residentes em Angola e 15 no Brasil. No Brasil, 14 moram em Santa Catarina e 1 no Ceará¹⁹. Cada questionário contou com a participação de 5 angolanos recém-chegados ao Brasil e 10 residentes em Angola, totalizando os 15 participantes. Além disso, todos os participantes têm o português angolano como língua materna.

Nos três questionários, usamos dois contextos controles para captar o quanto os participantes estavam atentos durante a realização das tarefas. Na sequência, apresentamos a análise e discussão dos dados do primeiro questionário.

4.1 QUESTIONÁRIO 1 - MODALIDADE EPISTÊMICA E TEMPO

No questionário 1, testamos a modalidade epistêmica em relação à categoria tempo: presente e passado imperfectivo. Cinque (1999) e Hacquard (2010) consideram que a modalidade epistêmica deve ser interpretada invariavelmente no presente, por ocupar uma posição mais alta na hierarquia da sentença em relação às categorias de tempo e de aspecto. Por seu turno, Condoravid (2002), Rullmann e Matthewson (2018) afirmam que a modalidade epistêmica pode pegar marcas de tempo, ocorrendo abaixo dessa categoria. Feitas essas observações, levando em consideração os conceitos de perspectiva e orientação temporal desenvolvidos em Condoravid (2002), decidimos testar os epistêmicos no PA em relação à categoria tempo. Na sequência, apresentamos e comentamos sequencialmente cada exemplo do questionário 1, começando com o primeiro, descrito a seguir:

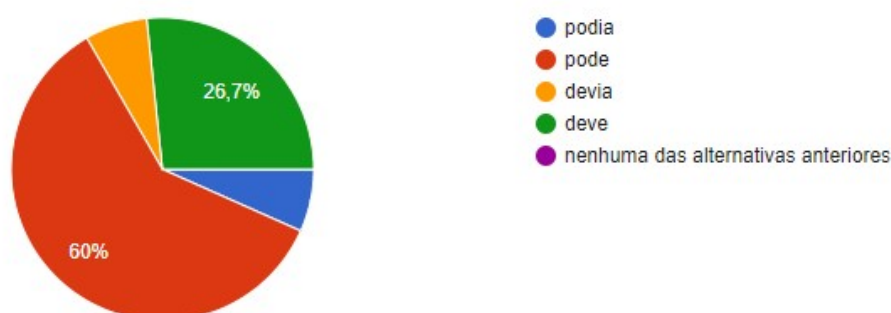
Contexto 1 - modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

¹⁹ Todos os participantes têm o ensino médio concluído. No caso dos que moram no Brasil, todos são estudantes universitários.

O professor Nsimba é responsável. Ele não costuma faltar no serviço e nem chegar atrasado. Ele comentou com os alunos na aula de ontem que estava a se sentir mal e que faria o teste da COVID depois que saísse da escola. No outro dia, o professor Nsimba não foi à escola. O que você acha que os alunos estão pensando:

O professor Nsimba _____ estar doente.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 1 escolheu a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*O professor Nsimba podia estar doente*). A maioria dos participantes, 9 dos 15, escolheu a segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente (*O professor Nsimba pode estar doente*). Apenas 1 participante escolheu a terceira alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*O professor Nsimba devia estar doente*). A quarta alternativa foi assinalada por 4 participantes, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo presente (*O professor Nsimba deve estar doente*). Por fim, nenhum participante escolheu a última alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto.

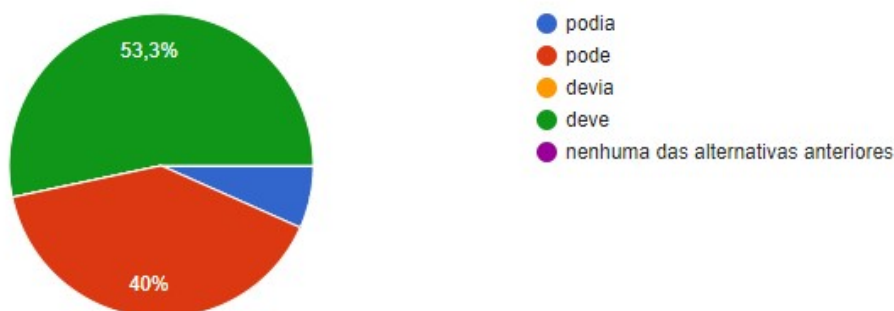
A maior escolha dos participantes pela segunda alternativa, que corresponde a 60% das respostas, seguida pela quarta alternativa, que corresponde a 26,7% das respostas, indicam que as formas verbais flexionadas no tempo presente (*pode* e *deve*) são as preferidas em contextos de modalidade epistêmica com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Contexto 2 - Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Os amigos Bumba e Quissanga marcaram de se encontrar às 9 horas na Mediateca Zé Dú (próximo ao largo 1ª de maio em Luanda) para fazerem um trabalho juntos. Bumba chegou no horário combinado e está a esperar o Quissanga já faz uns 40 minutos. Bumba sabe que Quissanga costuma ser pontual. O que você acha que Bumba está pensando neste momento?

Quissanga _____ *estar preso no engarrafamento*.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, apenas 1 escolheu a primeira alternativa, na qual o modal figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*Quissanga podia estar preso no engarrafamento*). A segunda alternativa, na qual o modal figura com morfologia de tempo presente, foi escolhida por 6 participantes (*Quissanga pode estar preso no engarrafamento*). A terceira alternativa, na qual o modal figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*Quissanga devia estar preso no engarrafamento*), não foi escolhida por nenhum participante. A maioria dos participantes, 8 dos 15, escolheu a quarta alternativa, na qual o modal *dever* figura com a morfologia de tempo presente (*Quissanga deve estar preso no engarrafamento*). Por fim, a quinta alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, não foi escolhida por nenhum participante.

A maior escolha dos participantes foi pela quarta alternativa, correspondente a 53,3% das respostas, e pela segunda alternativa, correspondente a 26,7% das respostas. Esse resultado indica que as formas verbais no tempo presente são as

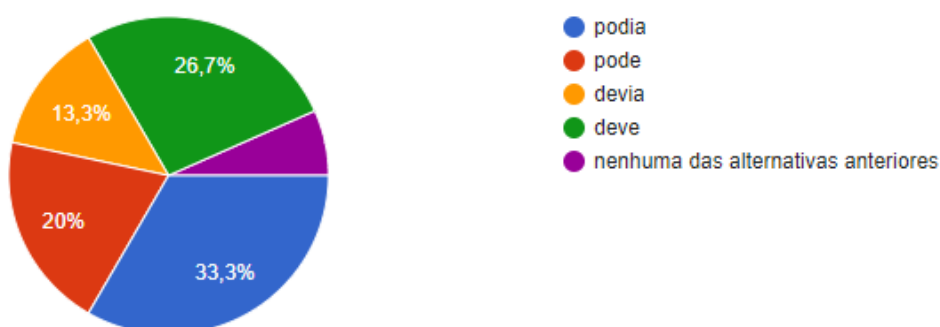
preferidas em contextos de modalidade epistêmica com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Contexto 3 - modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal passada e orientação temporal presente.

Matondo, filho de Maviluka e de Matumona, começou a trabalhar como segurança no Banco BFA. No meio da noite, Maviluka telefonou para o telefone do filho sem ter nada de importante para dizer. De manhã, Matumona perguntou para Maviluka a razão de ela ter ligado para o filho no meio da noite. Então, ela respondeu:

Matondo _____ *estar dormindo no trabalho.*

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes, 5 escolheram a primeira alternativa, em que o modal figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*Maviluka podia estar dormindo no trabalho*). A segunda alternativa, em que o modal figura com morfologia de tempo presente, foi escolhida por 3 participantes (*Maviluka pode estar dormindo no trabalho*). A terceira alternativa, na qual o modal figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*Maviluka devia estar dormindo no trabalho*), foi escolhida por 2 participantes. A quarta alternativa, na qual o modal figura com morfologia de tempo presente (*Maviluka deve estar dormindo no trabalho*), foi escolhida por 4 participantes. Por fim, a última alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, foi escolhida por apenas 1 participante.

A maior escolha dos participantes foi pela primeira alternativa, que corresponde a 33,3% das respostas, em que o modal *poder* figura com perspectiva

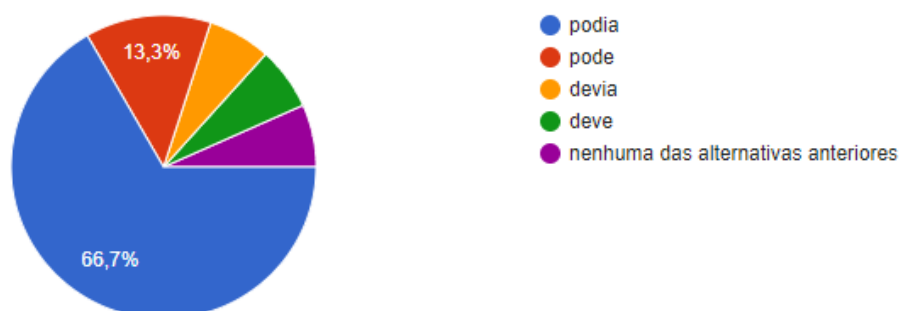
temporal passado, como na terceira alternativa, que corresponde a 13,3% das respostas.

Contexto 4 - modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal passada e orientação temporal presente.

Ngola e Nzinga combinaram de fazer exercícios na casa de Ngola na segunda-feira no início da tarde. Às 13 horas de segunda-feira, Nzinga foi até a casa do Ngola e bateu insistentemente o portão, mesmo notando que todas as janelas estavam fechadas. No dia seguinte, o vizinho de Ngola encontrou-se com a Nzinga e perguntou por que ela bateu insistentemente o portão se a casa de Ngola estava toda fechada. Ela, então, respondeu:

Ngola _____ *estar a dormir*.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



A maioria dos participantes que realizou a tarefa, 10 dos 15, escolheu a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*Ngola podia estar a dormir*). A segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente (*Ngola pode estar a dormir*), foi assinalada por 2 participantes. Apenas 1 participante assinalou a terceira alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*Ngola devia estar a dormir*). A quarta alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo presente (*Ngola deve estar a dormir*), foi escolhida por 1 participante. A quinta alternativa, que rejeita todas as anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto, foi assinalada apenas por 1 participante.

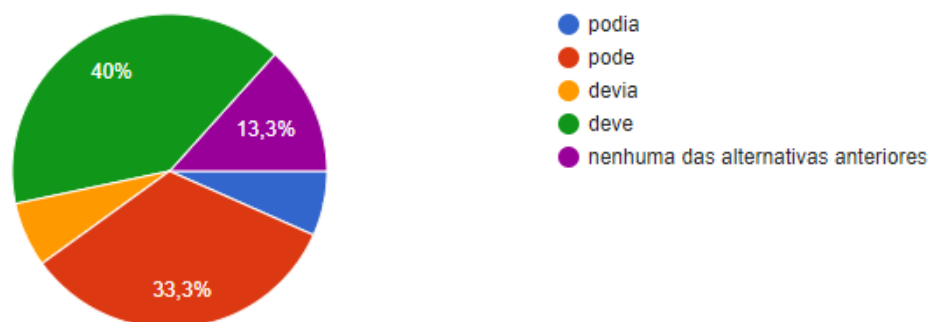
A preferência dos participantes foi pela primeira alternativa (66,7%), em que o modal de possibilidade figura com perspectiva temporal de passado e aspecto imperfectivo. Já a escolha da segunda e da quarta alternativas indica que as formas no presente (*pode* e *deve*) não são as preferidas em contextos de modalidade epistêmica com perspectiva temporal passada e orientação temporal presente.

Contexto 5 - modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Samba tem alergia a pêlos de animais, e é uma pena para ele quando visita seu amigo Cacoba, porque o Cacoba tem muitos animais em casa. Você sabe que Samba está visitando Cacoba agora. O que você pensa?

Samba _____ *estar com olhos avermelhados e a lacrimejar.*

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 1 escolheu a primeira alternativa como resposta, na qual o modal figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*Samba podia estar com olhos avermelhados e a lacrimejar*). A segunda alternativa, na qual o modal figura com morfologia de tempo presente (*Samba pode estar com olhos avermelhados e a lacrimejar*), foi escolhida por 5 participantes. A terceira alternativa, na qual o modal figura com morfologia de passado, foi escolhida por apenas 1 participante (*Samba devia estar com olhos avermelhados e a lacrimejar*). A maioria dos participantes, 6 dos 15, escolheu a quarta alternativa, em que o modal figura com morfologia de tempo presente (*Samba*

deve estar com olhos avermelhados e a lacrimejar). Por fim, a última alternativa, que rejeita todas as anteriores, foi escolhida por apenas 2 participantes.

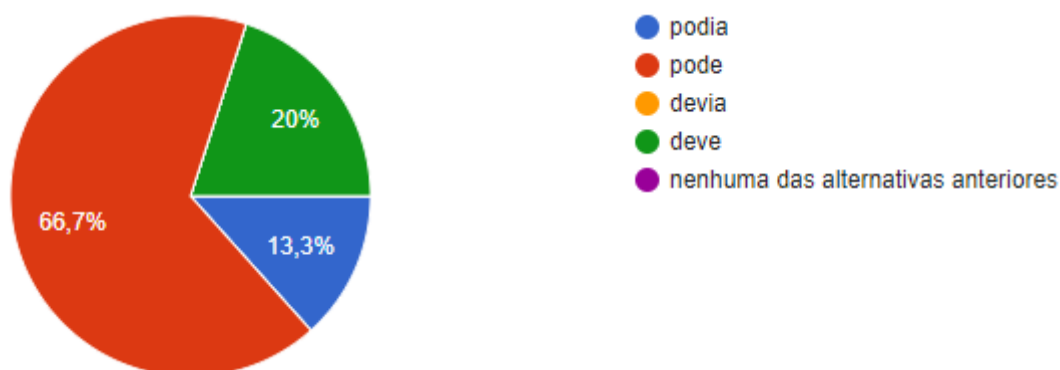
A maior preferência dos participantes foi pela quarta alternativa, que corresponde a 40% das respostas, e pela segunda alternativa, que corresponde a 33,3% das respostas. Essas marcações indicam que *poder* e *dever* no tempo presente são as formas preferidas em contextos de modalidade epistêmica com perspectiva e orientação temporal presente.

Contexto 6 - modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Weza comprou um vestido para o final do ano no site Aliexpress. A entrega estava prevista para as 10 horas do dia seguinte, mas já se passaram 2 dias, e o vestido ainda não chegou. Ela está tentando contato com a boutique, mas ninguém atende, nem responde as mensagens. Weza, então, comenta com a mãe:

O vendedor _____ ser um burlador.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 2 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado (*o vendedor podia ser um burlador*). A maioria dos participantes, 10 dos 15, escolheu a segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente (*o vendedor pode ser um burlador*). Nenhum participante escolheu a terceira

alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*o vendedor devia ser um burlador*). A quarta alternativa foi escolhida por 3 participantes, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo presente (*o vendedor deve ser um burlador*). Por fim, nenhum participante escolheu a quinta e última alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto.

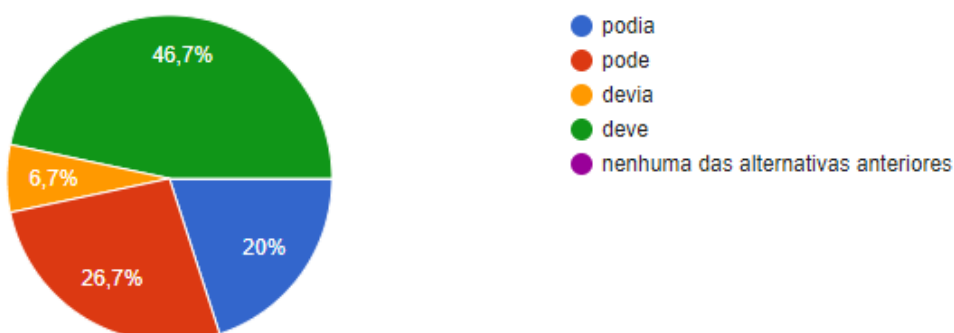
A maior escolha dos participantes foi pela segunda alternativa, que corresponde a 66,7% das respostas, seguida pela quarta alternativa, que corresponde a 20% das respostas. Essas alternativas indicam que a forma no presente é a preferida em contextos de modalidade epistêmica com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Contexto 7 - modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Mussunda almoça com as crianças do orfanato todas as sextas-feiras. Mesmo se ele estiver doente, não deixa de ir. Não é obrigatório que Mussunda almoce com as crianças do orfanato todas as sextas-feiras, ele simplesmente vai até lá e faz isso semanalmente. Hoje é sexta-feira e estamos na hora do almoço. O que você acha que Mussunda está fazendo agora?

Mussunda _____ *estar no orfanato almoçando com as crianças.*

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 3 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado e

aspecto imperfectivo (*Mussunda podia estar no orfanato almoçando com as crianças*). A segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente, foi escolhida por 4 participantes (*Mussunda pode estar no orfanato almoçando com as crianças*). Apenas 1 participante escolheu a terceira alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*Mussunda devia estar no orfanato almoçando com as crianças*). A maioria dos participantes, 7 dos 15, escolheu a quarta alternativa como resposta, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo presente (*Mussunda deve estar no orfanato almoçando com as crianças*). Por fim, nenhum participante escolheu a última alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto.

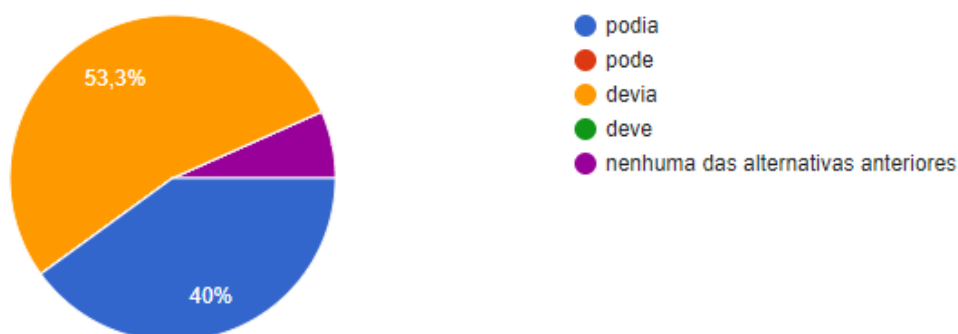
A maior escolha dos participantes foi pela quarta alternativa, que corresponde a 46,7% das respostas, e pela segunda alternativa, que corresponde a 26,7% das respostas. Esse resultado indica que *poder* e *dever* no presente são as formas preferidas em contextos de modalidade epistêmica com perspectiva e orientação temporal presente. Nesse caso, a morfologia do verbo modal coincide com o tempo expresso na sentença (*Mussunda deve/pode estar no orfanato almoçando com as crianças*). A escolha da primeira alternativa, que corresponde a 20% das respostas, ilustra a desarmonia entre o tempo dado no verbo modal e a perspectiva temporal da sentença.

Contexto 8 - Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal passada.

Lemba está jogando sueca com os seus amigos. Ela tem 4 cartas do trunfo. Desatenta ao jogo, quando seu parceiro fez recolha de trunfos, na hora de apanhar uma manilha, colocou um conde, passando a vez para outra pessoa jogar. Ao perceber seu erro, Lemba fica visivelmente frustrada. Kiala, sua dupla no jogo, pergunta o que aconteceu. Ela, então, responde:

Eu _____ *apanhar uma manilha*²⁰.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 6 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfeito (*eu podia apanhar uma manilha*). Já a segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente (*eu pode apanhar a manilha*), nenhum participante escolheu como resposta. A maioria dos participantes, 8 dos 15, escolheu a terceira alternativa, na qual o modal *dever* figura com perspectiva temporal passado e aspecto imperfeito (*eu devia apanhar uma manilha*). A quarta alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo presente (*eu deve apanhar a manilha*), nenhum participante escolheu como resposta. A quinta alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto, nenhum participante escolheu como resposta. A terceira alternativa, que corresponde a 53,3% das respostas, e a primeira alternativa, que corresponde a 40% das respostas, indicam que *poder* e *dever* no passado imperfeito são as formas preferidas.

Contexto 9 - Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal passada e orientação temporal presente.

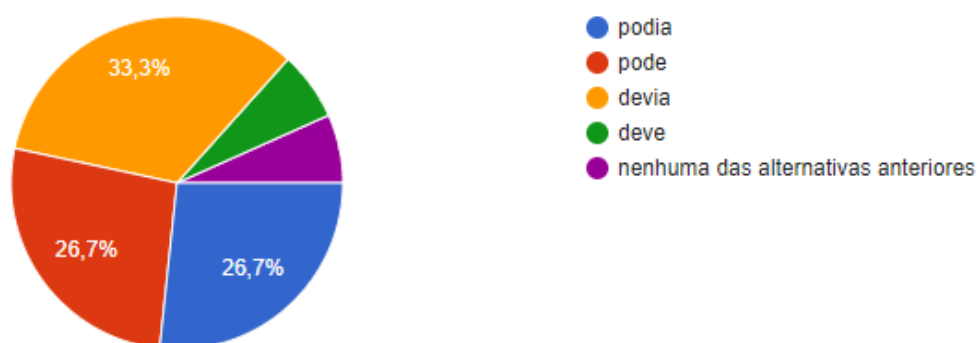
Katenda é um menino de apenas 6 anos de idade e gosta muito de ajudar sua mãe

²⁰ Este contexto apresentou problemas nas alternativas por o sujeito da sentença alvo corresponder ao pronome de primeira pessoa do singular, inviabilizando como resposta duas das formas dentre as alternativas, a saber: *pode* e *deve*.

a preparar as refeições. A mãe de Katenda está a preparar-se para fazer moqueca, e Katenda, para ajudar, começou a separar os ingredientes para fazer a receita. Ao perceber que Katenda abriu e fechou a porta da geleira sem pegar nada, perguntou ao filho: Por que você abriu a geleira?

O óleo de palma _____ estar na geleira.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 4 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfeito (*o óleo de palma podia estar na geleira*). A segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente, 4 participantes escolheram como resposta: *o óleo de palma pode estar na geleira*. A maioria dos participantes, 5 dos 15, escolheu a terceira alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfeito (*o óleo de palma devia estar na geleira*). A quarta alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo presente, 1 participante escolheu como resposta (*o óleo de palma deve estar na geleira*). A quinta alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto, apenas 1 participante escolheu como resposta.

A terceira alternativa, que corresponde a 33,3% das respostas, e a primeira alternativa, que corresponde a 26,7% das respostas, em que o modal *dever* e *poder* figuram com perspectiva temporal de passado imperfeito são as formas preferidas. Já a escolha da segunda alternativa, que corresponde a 26,7% das respostas, e da quarta, que corresponde a 6,7% das respostas, indicam uma possibilidade

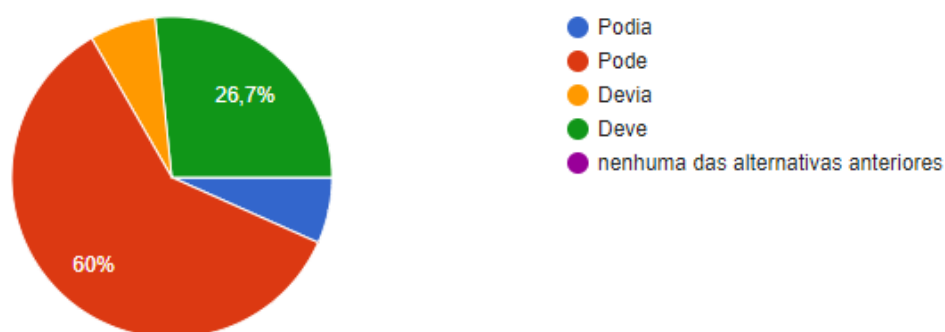
epistêmica com perspectiva e orientação temporal ancorada no presente.

Contexto 10 - Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Você está a sentir uma dor nos olhos que não passa, então, você foi ao oftalmologista. Os exames não revelaram nenhum problema na vista. Então, você pensa:

_____ *ser apenas cansaço.*

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, apenas 1 escolheu a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*podia ser apenas cansaço*). A maioria dos participantes, 9 dos 15, escolheu a segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente (*pode ser apenas cansaço*). A terceira alternativa, 1 participante escolheu como resposta, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*devia ser apenas cansaço*). A quarta alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo presente, 4 participantes escolheram como resposta (*deve ser apenas cansaço*). A quinta e última alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto, nenhum participante escolheu como resposta.

A maior escolha dos participantes foi pela segunda alternativa, que corresponde a 60% das respostas, seguida pela quarta alternativa, que corresponde

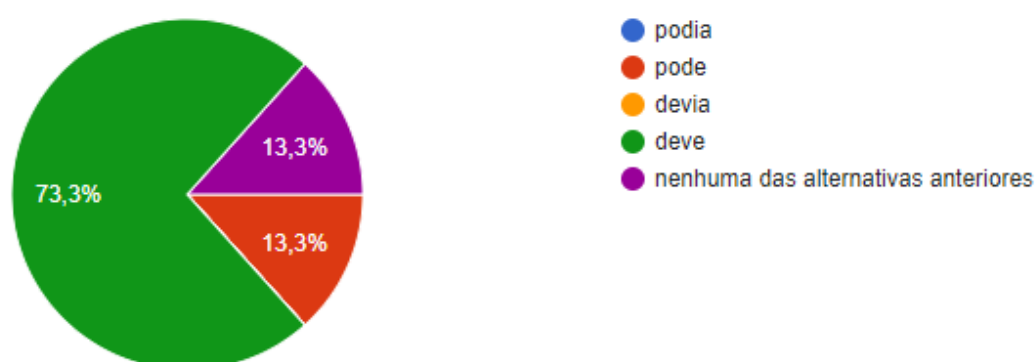
a 26,7% das respostas. Essa marcação indica que as formas no presente são as preferidas em contextos de modalidade epistêmica com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente. Já a primeira e terceira alternativa, em que os modais *poder* e *dever* figuram com morfologia de tempo passado, não são as preferidas em contextos de modalidade epistêmica com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Contexto 11 - Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

O professor de matemática diz: A bola está em A ou em B ou em C. Não está em A. Não está em B. Portanto:

A bola _____ *estar em C*.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, nenhum escolheu a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo (*a bola podia estar em C*). A segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente, 2 participantes escolheram como resposta (*a bola pode estar em C*). A terceira alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo, nenhum participante escolheu como resposta (*a bola devia estar em C*). A maioria dos participantes, 11 dos 15, escolheu a quarta alternativa, na qual o modal *dever* — com maior força modal que *poder* — figura com morfologia de tempo presente (*a*

bola deve estar em C). A quinta e última alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto, 2 participantes escolheram como resposta.

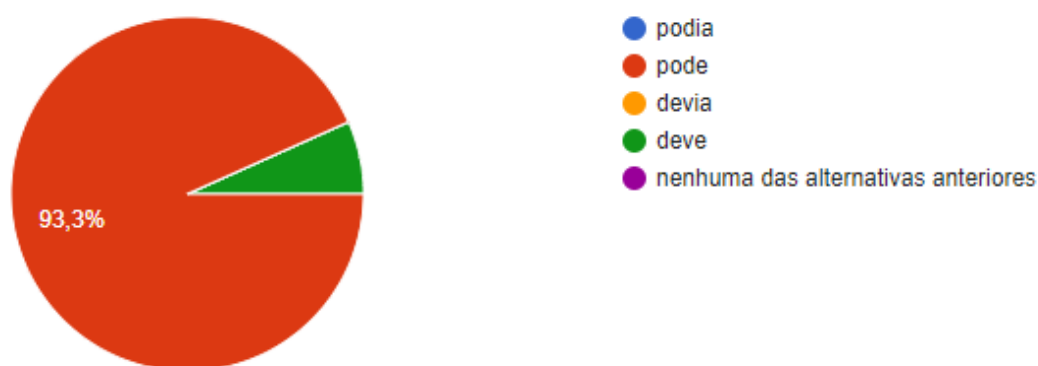
A maior escolha dos participantes foi pela quarta alternativa, que corresponde a 73,3% das respostas, e pela segunda alternativa, que corresponde a 13,3% das respostas. Essas alternativas indicam que as formas no presente de *poder* e *dever* são as preferidas em contextos de modalidade epistêmica com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente. Por fim, a quinta alternativa, que corresponde a 13,3% das respostas, indica que os participantes rejeitam todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto.

Contexto 12 - Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Welwitschia pediu à sua mãe para brincar com os amigos. Sua mãe disse para lavar os pratos antes de brincar. Depois de lavar todos os pratos, ela pediu novamente à sua mãe, que lhe disse:

Welwitschia, agora você _____ brincar com seus amigos.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



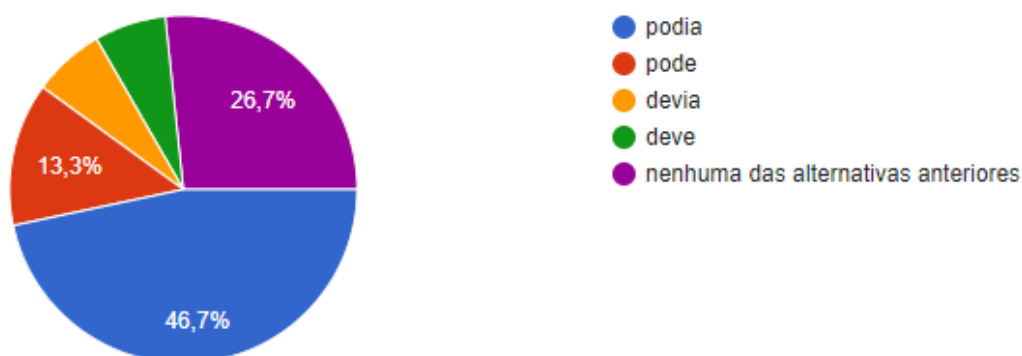
14 dos 15 participantes escolheram a segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente (*Welwitschia, agora você pode brincar com seus amigos*). Essa é a resposta esperada para o contexto, que foi empregado como situação controle, para medir o grau de atenção com que a tarefa foi resolvida pelos participantes.

Contexto 13 - Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal passada e orientação temporal presente.

A Gingongo, amiga da Sabrita, foi passar as férias no Bengo (província onde vivem seus avós). Depois de duas horas de viagem, Gingongo telefona para Sabrita, pedindo que ela fosse até sua casa verificar se estava tudo em ordem. Sabrita foi até a casa da Gingongo e não notou nada de estranho. Então, ligou de volta para sua amiga e perguntou: "Por que você pediu para eu ir até sua casa ver se estava tudo bem?". Então, Gingongo respondeu:

O forno _____ *estar ligado*.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 7 escolheram a primeira alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfeito (*o forno podia estar ligado*). A segunda alternativa, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo presente, 2 participantes escolheram como resposta (*o forno pode estar ligado*). A terceira alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfeito, 1 participante escolheu como resposta (*o forno devia estar ligado*). A quarta alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo presente, apenas 1 participante escolheu como resposta (*o forno deve estar ligado*). A quinta alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto, 4 participantes escolheram como resposta.

A primeira alternativa, que corresponde a 46,7% das respostas, e a terceira

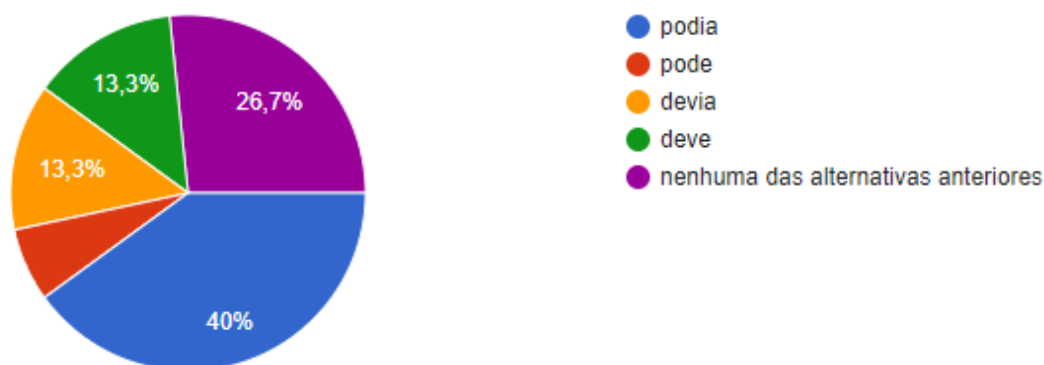
alternativa, que corresponde a 6,7% das respostas, em que *poder* e *dever* figuram com perspectiva temporal de passado imperfeito, são as formas preferidas dos participantes; em oposição a escolha de *poder* no presente, com 13,3% de respostas na segunda alternativa, e do modal *dever* no presente, com 6,7% de respostas na quarta alternativa.

Contexto 14 - Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal passada e orientação temporal presente.

Nvunji está fora de Angola desde os 5 anos de idade e já faz 25 anos que ele vive na Alemanha, para onde foi levado por seu tio, porque seus pais não tinham condições de criá-lo. Durante todo esse tempo, Nvunji não recebeu notícias dos pais. Ao voltar em Angola com sua família, ele bateu na porta da casa onde morou com seus pais quando menino. Uma mulher que ele não conhecia atendeu, então ele disse que foi um engano. A esposa de Nvunji, sem entender o que estava a acontecer, lhe perguntou a razão de ele ter batido naquela porta. Então, Nvunji respondeu:

Minha mãe _____ morar aqui.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 6 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfeito (*minha mãe podia morar aqui*). A segunda alternativa, na qual o

modal *poder* figura com morfologia de tempo presente, 1 participante escolheu como resposta (*minha mãe pode morar aqui*). A terceira alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo passado e aspecto imperfectivo, 2 participantes escolheram como resposta (*minha mãe devia morar aqui*). A quarta alternativa, na qual o modal *dever* figura com morfologia de tempo presente, 2 participantes escolheram como resposta (*minha mãe deve morar aqui*). A quinta e última alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, considerando-as inadequadas para o contexto, 4 participantes escolheram como resposta.

A maior escolha dos participantes foi pela primeira alternativa, que corresponde a 40% das respostas, em que o modal figura com perspectiva temporal de passado, como na terceira alternativa, que corresponde a 13,3% das respostas. Ambas indicam que a forma temporal de passado dos modais *poder* e *dever* são as preferidas.

4.2 QUESTIONÁRIO 2 - MODALIDADE EPISTÊMICA E ASPECTO

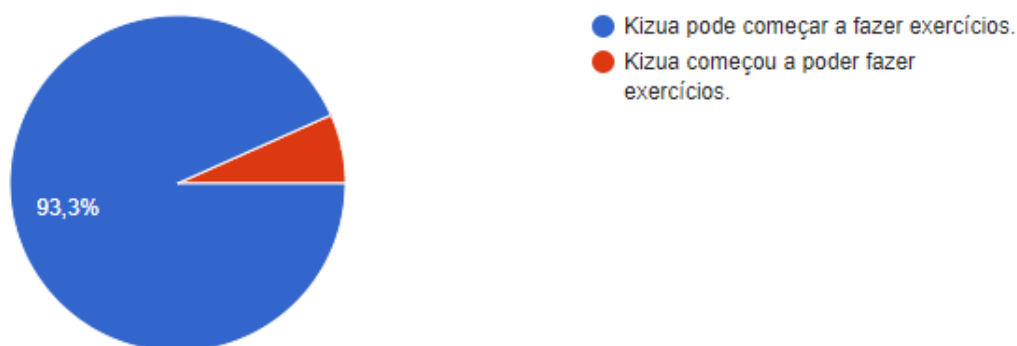
Neste questionário, constituído de 12 contextos, investigamos a coocorrência de modais epistêmicos com as seguintes categorias aspectuais: AspInceptivo, AspProgressivo, AspContinuativo, AspRepetitivo e AspIntERRUPTIVO.

Na sequência, passamos a apresentar a descrição de cada um dos contextos que integram o segundo questionário.

Contexto 1- modalidade epistêmica e aspecto inceptivo.

Kizua tem excesso de peso, e isso está lhe provocando muitos problemas de saúde. Depois de uma semana de internamento, os médicos deram-lhe alta para continuar o tratamento em casa. A mulher do Kizua acredita que o marido seguirá as ordens médicas.

Assinale a alternativa que expressa o pensamento da mulher do Kizua:

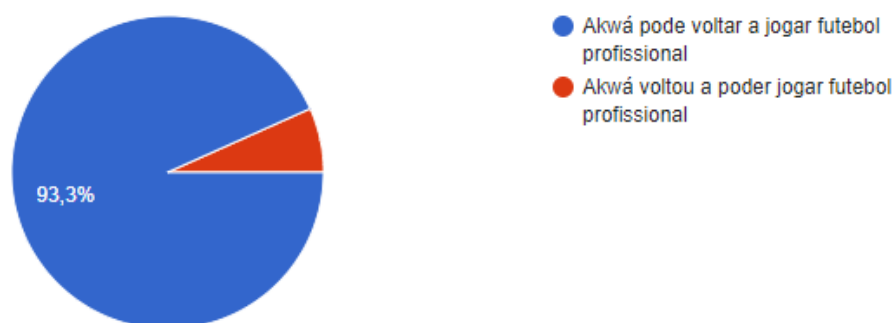


Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 14 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* antecede ao verbo aspectual inceptivo, formando a sequência *Kizua pode começar a fazer exercícios*. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual inceptivo antecede o verbo modal *poder*, apenas 1 participante escolheu como resposta, formando a sequência *Kizua começou a poder fazer exercícios*. A variação na posição do modal *poder* na sentença gera diferentes interpretações. Nesse contexto, a resposta esperada era a primeira alternativa, em que *poder* com leitura de possibilidade antecede a categoria AspInceptivo. Essa alternativa foi escolhida por 93,3% dos participantes. O ordenamento dos núcleos funcionais nessa alternativa está em conformidade com a hierarquia dos núcleos funcionais de Cinque (1999), com o modal epistêmico acima do núcleo AspInceptivo. Já a segunda alternativa, em que a categoria AspInceptivo antecede o verbo *poder*, foi assinalada por 6,7% dos participantes. Nesta alternativa, em que o modal ocupa uma posição abaixo de aspecto inceptivo, *poder* denota modalidade de raiz, com leitura de *permissão* ou de *capacidade*.

Contexto 2 - modalidade epistêmica e aspecto repetitivo.

Há rumores nas redes sociais de que o grande craque da seleção angolana de futebol e o autor do golo que classificou Angola para o mundial de 2006 na Alemanha, Fabrice Alcebiades Maieco, vulgarmente conhecido por Akwá, irá abandonar o futebol depois da grave lesão que sofreu. A maioria dos torcedores não acredita nisso.

Assinale a alternativa que expressa o pensamento da maioria dos torcedores:

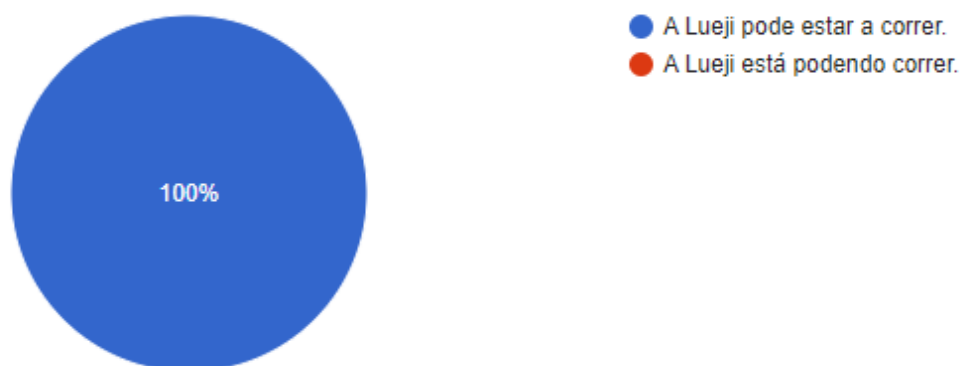


Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 14 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* antecede o verbo aspectual repetitivo, formando a sequência: *Akwá pode voltar a jogar futebol profissional*. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual repetitivo antecede ao verbo modal *poder*, apenas 1 participante escolheu como resposta, formando a sequência: *Akwá voltou a poder jogar futebol profissional*. A primeira alternativa, em que *poder* antecede à categoria AspRepetitivo, foi assinalada por 93,3% dos participantes. Esse resultado indica claramente que o modal epistêmico é interpretado antes do núcleo AspRepetitivo no PA, à semelhança do PB. Já a segunda alternativa foi assinalada por 6,7% dos participantes. Nessa alternativa, o núcleo aspectual antecede o modal, que é interpretado como um modal de raiz, com leitura de *permissão* ou *capacidade*.

Contexto 3 - modalidade epistêmica e aspecto durativo.

Lueji e seu esposo têm o costume de correr todos os dias a partir das 18h. Hoje, seu esposo chegou a casa tarde, depois das 18h, e percebeu que Lueji não está em casa. Então, ele pensa o seguinte:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento do esposo da Lueji.

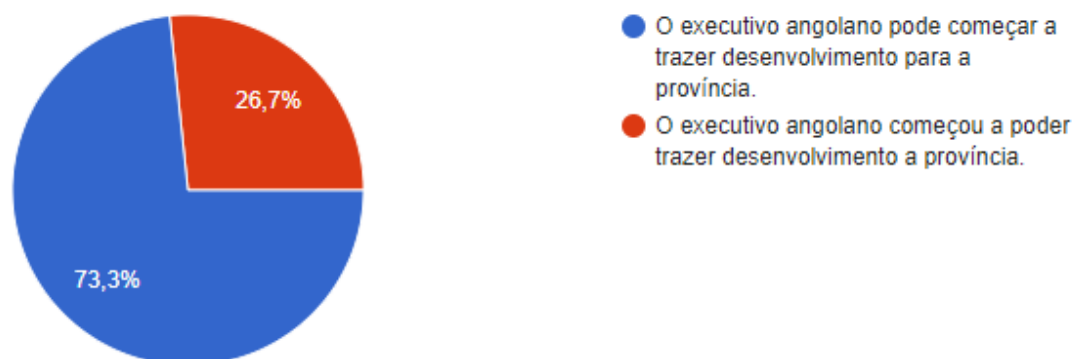


Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, todos escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* antecede o verbo aspectual durativo, formando a sequência: *A Lueji pode estar a correr*. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual antecede o verbo modal *poder*, formando a sequência: *A Lueji está podendo correr*, nenhum participante escolheu como resposta. Nesse contexto, 100% dos participantes assinalaram a opção em que o item modal antecede o aspectual durativo, indicando que o modal epistêmico ocupa uma posição acima dessa categoria aspectual.

Contexto 4 - modalidade epistêmica e aspecto inceptivo

A construção de barragens de retenção das águas das chuvas vai ajudar o executivo angolano e o Governo da província do Cunene no combate à seca que lá se registra há mais de 3 anos. Os moradores da província acreditam que essa ação seja o início de um processo de desenvolvimento da província do Cunene.

Assinale a alternativa que expressa o pensamento dos moradores da província do Cunene

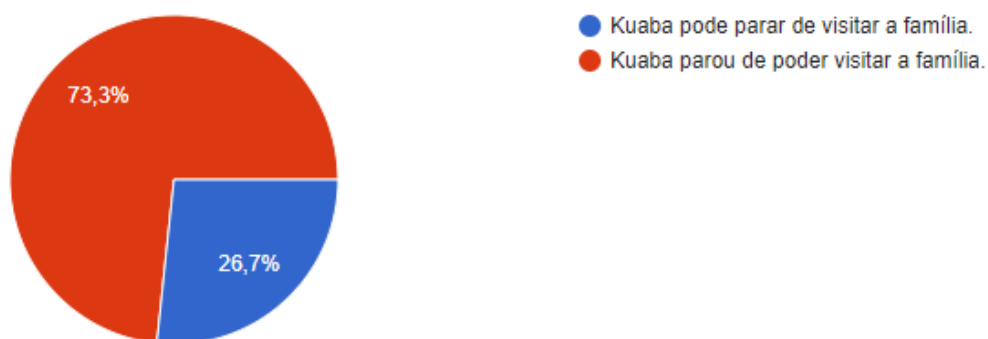


Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 11 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* antecede ao verbo aspectual inceptivo. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual antecede ao verbo modal *poder*, 4 participantes escolheram como resposta. A alternativa em que *poder* antecede à categoria aspectual inceptiva foi assinalada por 73,3% dos participantes. Esse resultado mostra uma preferência pela leitura epistêmica do modal, disponibilizada no ordenamento *poder > começar*. Já a segunda alternativa, em que a categoria aspectual inceptiva antecede o verbo *poder*, este assume leitura de permissão ou *capacidade*.

Contexto 5 - modalidade epistêmica e aspecto interruptivo

Kuaba nasceu e cresceu na província da Huila, no município do Lubango. Aos 23 anos, ele se mudou para Luanda para fazer faculdade e trabalhar. Os seus pais e irmãos continuaram vivendo na província da Huila. A família de Kuaba sempre foi muito unida, mas já faz algum tempo que Kuaba não os visita, por estar muito ocupado com o trabalho e com os estudos. Com muita saudades do filho, a mãe de Kuaba pensa:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento da mãe do Kuaba.

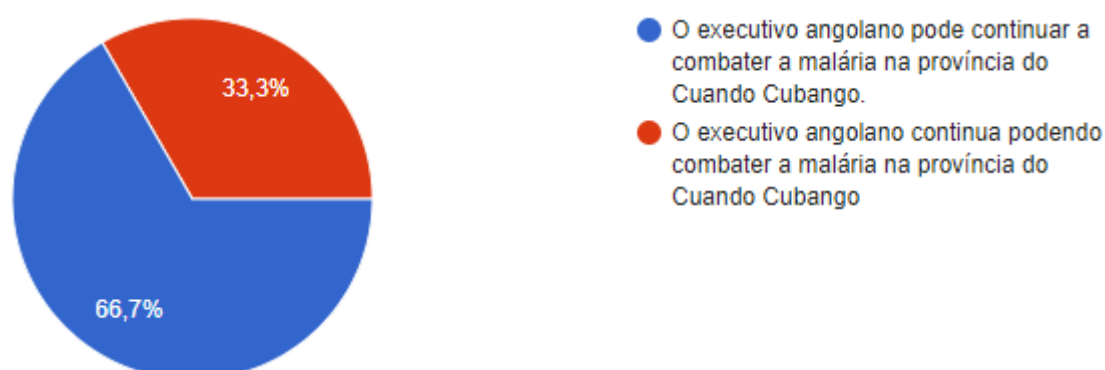


Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 4 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* antecede o verbo aspectual interruptivo. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual antecede o verbo modal *poder*, foi escolhida por 11 participantes. A variação da posição do verbo modal *poder* na sentença gera diferentes interpretações. Nesse contexto, a preferência pela sequência *parou de > poder* (73,3%) revela uma rejeição à interpretação epistêmica, disponível no seguinte ordenamento *pode > parar de* (26,7%), em que o modal antecede o núcleo AspInterruptivo.

Contexto 6 - modalidade epistêmica e aspecto continuativo.

Até 2021 Angola ainda não tinha erradicado a malária como a principal causa de morte na província do Cuando Cubango. Kiluanji pensa que essa situação é por falta de boas políticas públicas voltadas ao sector da saúde.

Assinale a alternativa que expressa o pensamento de Kiluanji.



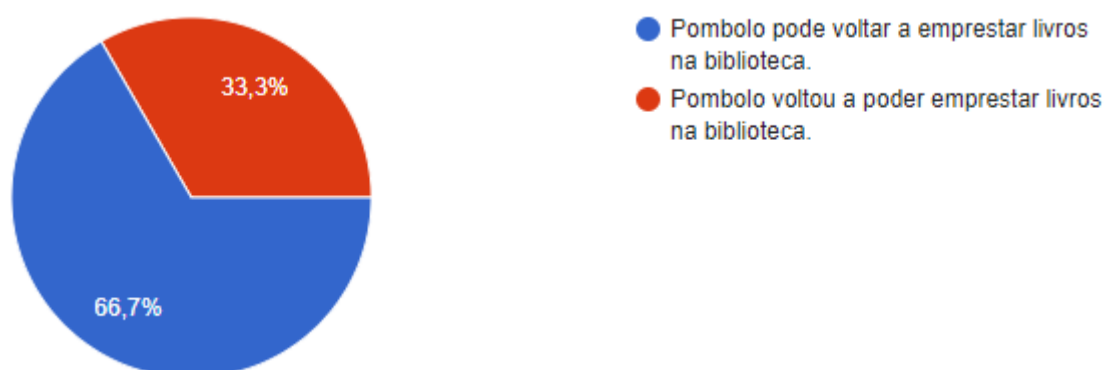
Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 10 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* antecede o verbo aspectual continuativo,

formando a sequência *pode > continuar a*. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual antecede o modal *poder*, foi escolhida por 5 participantes. 66,7% dos participantes assinalaram a primeira alternativa, com *poder* denotando modalidade epistêmica. Já a segunda alternativa, em que *poder* assume leitura de raiz (de capacidade), foi assinalada por 33,3% dos participantes.

Contexto 7 - modalidade epistêmica e aspecto repetitivo

Pombolo gosta muito de ler e toda semana empresta livros na biblioteca do IMEL. Essa semana, quando ele foi para emprestar alguns livros, seu cartão não estava na mochila. Para não ficar sem ler, pediu ao seu colega Nguma para emprestar alguns livros na biblioteca para ele. Na semana seguinte, ao saber que seu colega Pombolo conseguiu fazer uma novo cartão da biblioteca, Nguma pensa:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento de Nguma ao saber que Pombolo tem uma nova carteirinha da biblioteca.



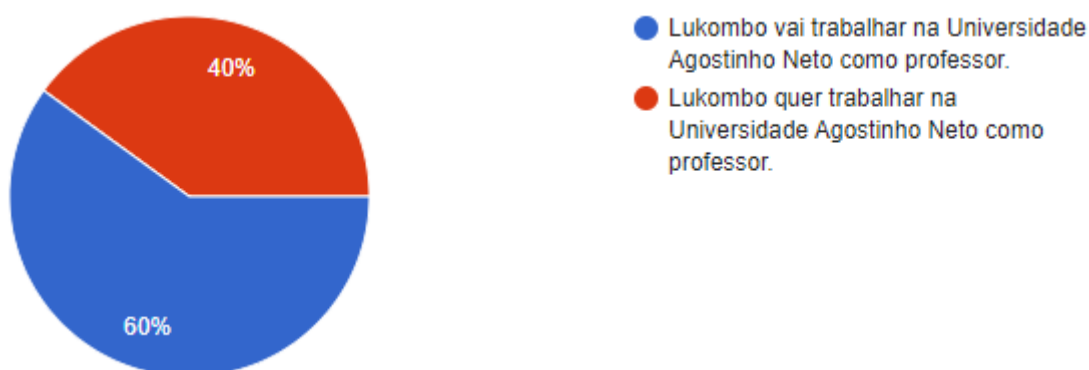
Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 10 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* antecede o verbo aspectual repetitivo, formando a sequência: *Pombolo pode voltar a emprestar livros na biblioteca*. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual repetitivo antecede o modal *poder*, 5 participantes escolheram como resposta, formando a sequência *Pombolo voltou a poder a emprestar livros na biblioteca*. A primeira alternativa foi escolhida por 66,7% dos participantes, indicando que o modal epistêmico ocupa uma posição acima da categoria AspRepetitivo. Já a segunda alternativa foi assinalada por 33,3% dos

participantes; nesta alternativa, a categoria aspectual repetitiva antecede o verbo *poder*, ocasionando uma mudança na interpretação do modal, que passa a denotar modalidade deôntica de *permissão*.

Contexto 8 - Controle

Lukombo se candidatou para a vaga de professor na Universidade Agostinho Neto, para lecionar as disciplinas de Máquinas Elétricas e Práticas Oficinas Elétricas (POE). Por ter um currículo muito qualificado, todos consideram que:

Assinale a alternativa que expressa a expectativa das pessoas sobre Lukombo:



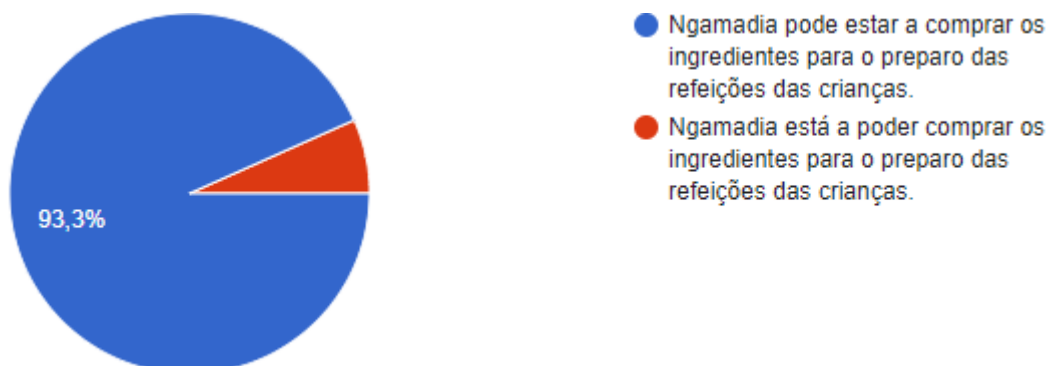
Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 9 escolheram a primeira alternativa como resposta, formando a sequência: *Lukombo vai trabalhar na Universidade Agostinho Neto como professor*. Já a segunda alternativa, formando a sequência: *Lukombo quer trabalhar na Universidade Agostinho Neto*, 6 participantes escolheram. Este contexto foi criado para funcionar como contexto controle, revelando-se problemático, uma vez que 60% dos participantes assinalaram uma alternativa, e 40% dos participantes, outra.

Contexto 9 - modalidade epistêmica e aspecto durativo

Todas as sextas-feiras pela manhã, Ngamadia compra os ingredientes para o preparo das refeições das crianças do lar Kuzola em Luanda. Mesmo se ela estiver cansada, ela não deixa de fazer isso. Hoje é sexta-feira e agora são 10 horas da manhã. Então, você pensa:

Assinale a alternativa que expressa o teu pensamento sobre onde Ngamadia está

neste momento:

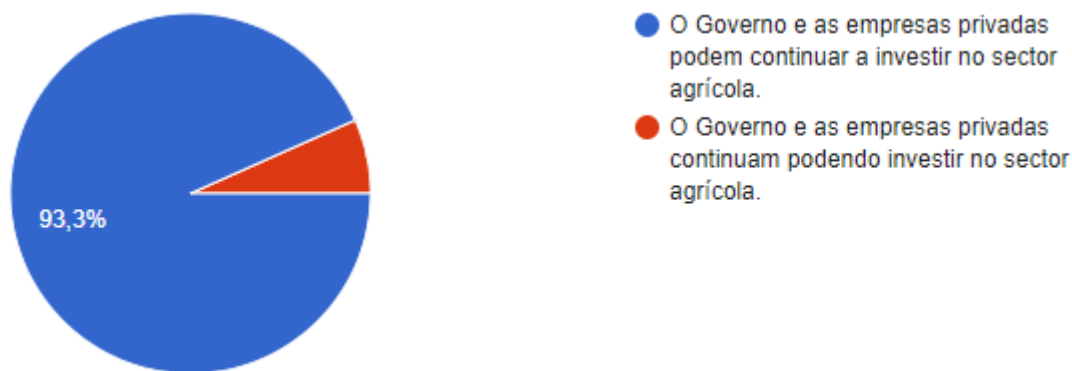


Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 14 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* antecede ao verbo aspectual durativo, formando a sequência *pode > estar a*. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual durativo antecede ao modal *poder*, apenas 1 participante escolheu como resposta, formando a sequência *está a > poder*. 93,7% dos participantes indicaram a primeira alternativa como resposta, em que o item modal antecede o AspDurativo, denotando modalidade epistêmica. Já a segunda alternativa, em que a categoria aspectual durativa antecede o verbo modal, foi assinalada por 6,7% dos participantes. Com esse ordenamento, o modal assume interpretação de raiz, com leitura de capacidade ou de permissão.

Contexto 10 - modalidade epistêmica e aspecto continuativo

Desde 2010 que Angola vem traçando novas políticas públicas para diversificação da sua economia de forma a reduzir a dependência do Petróleo no Orçamento Geral do Estado. A província do Bengo tem recebido cada vez mais investimentos do Governo e de empresas privadas no sector agrícola. Sabendo sobre os recorrentes investimentos feitos pelo Governo e pelas empresas privadas no setor agrícola, o pensamento dos moradores da província do Bengo é o seguinte:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento dos moradores da província:

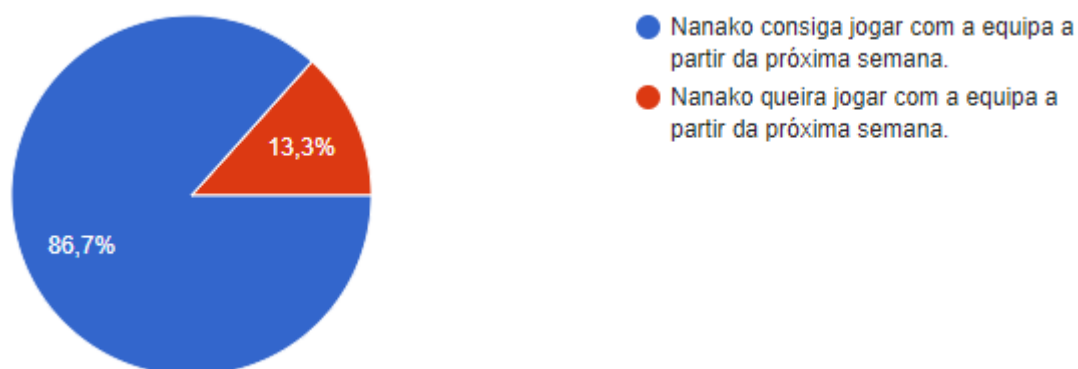


Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 14 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *podem* antecede o verbo aspectual continuativo, formando a sequência: *podem* > *continuar a*. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual continuativo antecede ao modal *podem*, apenas 1 participante escolheu como resposta, formando a sequência: *continuam* > *podendo*. 93,7% dos participantes assinalaram a alternativa em que o item modal antecede o aspectual, denotando modalidade epistêmica. Já a segunda alternativa, em que a categoria aspectual continuativa antecede ao verbo *podem*, foi assinalada por 6,7% dos participantes; com esse ordenamento, o modal assume leitura de raiz, indicando ideia de capacidade.

Contexto 11 - Controle.

Nanako é capitã da seleção angolana de handebol. Pela seleção nacional, ela já conquistou três títulos de campeã africana, sendo a principal destaque da seleção angolana de handebol. No último treino, antes do início do campeonato africano de handebol, a Nanako se lesionou. Sem a divulgação de notícias sobre a sua recuperação, os adeptos desejam que:

Assinale a alternativa que expressa o desejo dos adeptos:

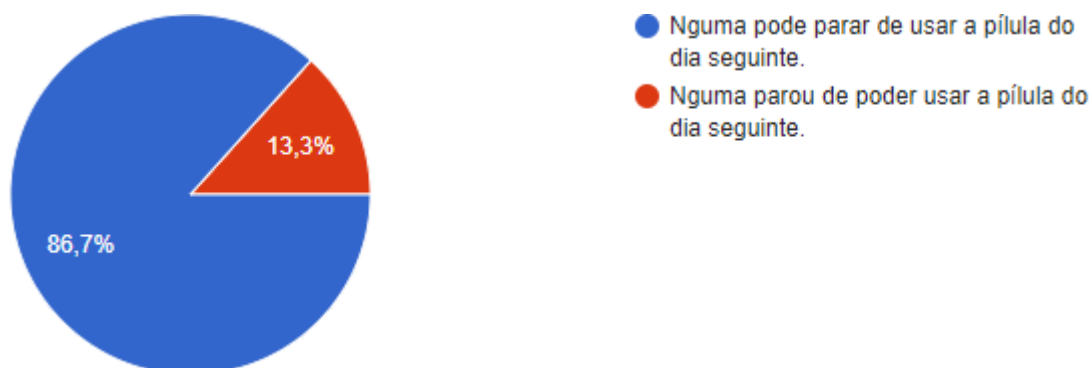


Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 13 escolheram a primeira alternativa como resposta, formando a sequência: *Nanako consiga jogar com a equipa a partir da próxima semana*. Já a segunda alternativa, formando a sequência: *Nanako queira jogar com a equipa a partir da próxima semana*, 2 participantes escolheram como resposta. Neste contexto controle, espera-se como resposta a primeira alternativa, que foi assinalada por 86,7% dos participantes.

Contexto 12 - modalidade e aspecto interruptivo

Na palestra realizada hoje na Universidade Católica de Angola, o médico e palestrante Kavukila chamou atenção sobre o risco que as mulheres correm ao usarem a pílula do dia seguinte regularmente, como um comprimido normal. Nguma, uma jovem de 18 anos que tem esse costume, assistiu a palestra com sua amiga Lueji. No final da palestra, Lueji percebeu a aflição de Nguma e pensou:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento de Lueji no final da palestra:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 13 escolheram a primeira alternativa

como resposta, na qual o modal *poder* antecede ao verbo aspectual interruptivo, formando a sequência: *pode > parar de*. Já a segunda alternativa, na qual o verbo aspectual interruptivo antecede o modal *poder*, 2 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *parou de > poder*. 86,7% dos participantes assinalaram a alternativa em que o modal antecede o núcleo aspectual, denotando modalidade epistêmica. Já a segunda alternativa, em que a categoria aspectual interruptiva antecede o verbo *poder*, foi assinalada por 13,3% dos participantes; o item modal *poder*, nesta posição, assume interpretação de raiz, denotando modalidade deôntica ou habilitativa.

Os dados obtidos a partir da aplicação do questionário 2 mostram claramente que a interpretação epistêmica ocupa uma posição acima da dos núcleos aspectuais inceptivo, progressivo, continuativo, repetitivo e interruptivo. Por outro lado, a interpretação de raiz, com ideia de permissão ou de habilidade/capacidade, foi associada a sequências em que o item modal segue os núcleos aspectuais. Ambas as constatações correspondem a evidências do PA para a hierarquia de núcleos funcionais (Cinque, 1999; 2006), em que o núcleo epistêmico ocupa uma posição alta na estrutura da sentença; e o de raiz, é interpretado em posição baixa, próximo ao evento descrito pelo VP.

4.3 QUESTIONÁRIO 3 - CO-OCORRÊNCIA DE MODAIS

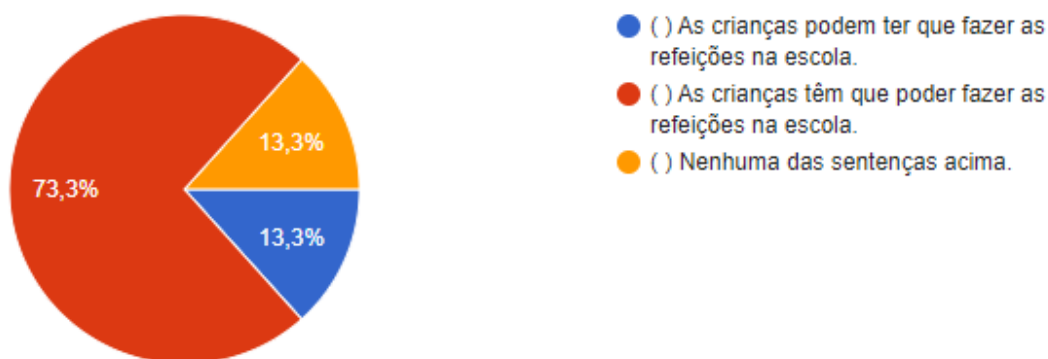
Usamos, neste terceiro questionário, *poder* e *ter que* para testar a co-ocorrência de núcleos funcionais modais. Cinque (1999) aponta que a posição do modal na estrutura da sentença (alta e baixa) gera diferentes interpretações (epistêmica e de raiz). Nesse sentido, analisamos se a posição dos modais *poder* e *ter que* disparam diferentes interpretações no PA, conforme mostramos, a seguir, com o primeiro exemplo do questionário:

Contexto 1

A Direção Provincial da Educação determinou que a direção das escolas ofereça todas as refeições para as crianças de segunda-feira a sexta-feira. Hoje é

quinta-feira. Portanto, *a direção das escolas é obrigada a permitir que as crianças façam as refeições na escola.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



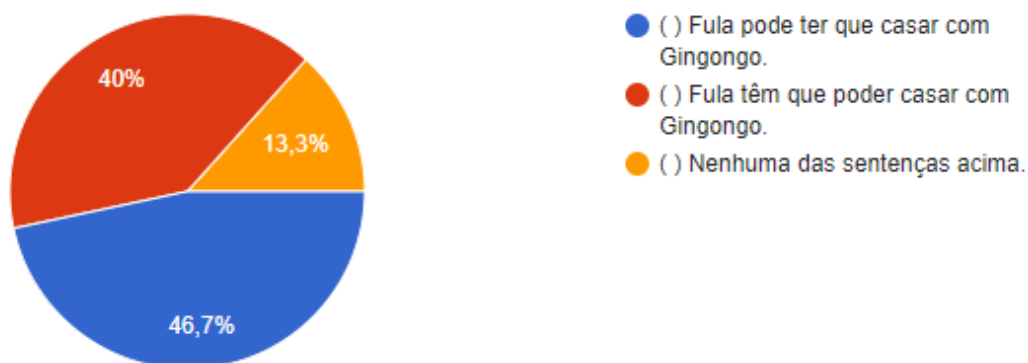
Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 2 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *as crianças podem ter que fazer as refeições na escola.* Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 11 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *as crianças têm que poder fazer as refeições na escola.* Por fim, a terceira e última alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, 2 participantes escolheram como resposta.

A primeira alternativa, com 13,3% das respostas, combina duas noções modais: epistêmica (de *possibilidade*) e deôntica (de *obrigação*). A segunda alternativa, com 73,3% das respostas, combina não apenas duas noções modais, mas duas noções deônticas de obrigação: *ought-to-be* (*ter que*) e *ought-to-do* (*poder*). O primeiro verbo da sequência corresponde a um modal alto (deôntico *ought-to-be*); o segundo, a um modal baixo (deôntico *ought-to-do*). Cabe observar, entretanto, que, embora ambas as sentenças sejam bem formadas, o contexto descrito favorece a segunda interpretação, em que *ter que* corresponde a um modal deôntico *ought-to-be*; e *poder*, a um deôntico *ought-to-do*.

Contexto 2

Na tradição *Nganguela*, quando um homem engravida uma mulher, é obrigado a casar. Gingongo está grávida, e há suspeitas de que Fula seja o pai da criança. *É possível que Fula seja obrigado a casar.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 7 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *Fula pode ter que casar com Gingongo*. Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 6 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *Fula tem que poder casar com Gingongo*. Por fim, a terceira e última alternativa, em que se rejeita as opções anteriores, 2 participantes escolheram como resposta.

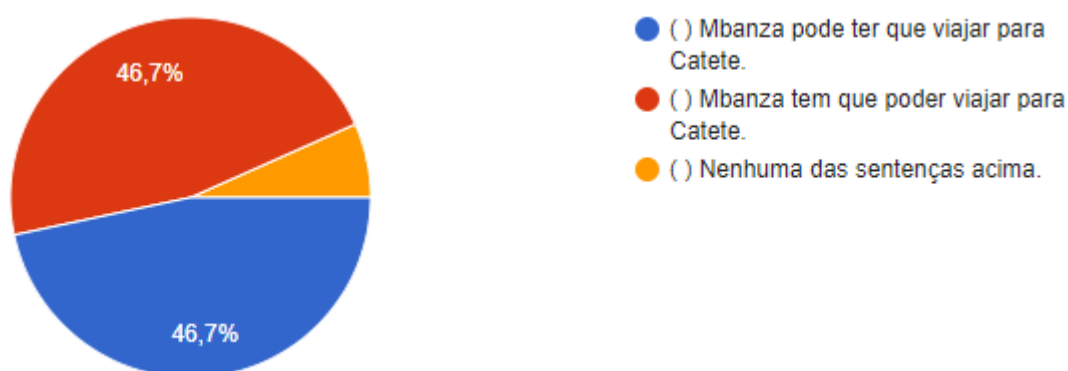
A primeira alternativa, com 46,7% das respostas, combina duas noções modais: epistêmica (*poder*) e deôntica *ought-to-do* (*ter que*), expressando a possibilidade de uma obrigação, a de que *Fula case com Gingongo*. A segunda alternativa, com 40% das respostas, também combina duas noções modais: deôntica *ought-to-be* ou bulética e deôntica *ought-to-do* ou habilitiva (de capacidade). Com a interpretação deôntica associada aos itens modais, essa alternativa expressa uma ordem dada ao interlocutor para que o evento *Fula case com Gingongo* seja permitido; com interpretação bulética e habilitativa, a sentença expressa o desejo do falante em relação a *Fula* ser capaz de casar com Gingongo. Embora ambas as sentenças sejam bem formadas, a primeira alternativa, em que

poder corresponde a um modal epistêmico; e *ter que*, a um deôntico *ought-to-do*, prevaleceu como resposta.

Contexto 3

O patrão informou que Mbanza viaja para Catete às segundas-feiras para entregar fertilizantes aos agricultores da fazenda. Hoje é segunda-feira. *Então, é possível que Mbanza seja obrigado a viajar para Catete.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 7 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *Mbanza pode ter que viajar para Catete*. Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 7 participantes também escolheram como resposta, formando a sequência: *Mbanza tem que poder viajar para Catete*. Por fim, a terceira alternativa, em que se rejeita as opções anteriores, 2 participantes escolheram como resposta.

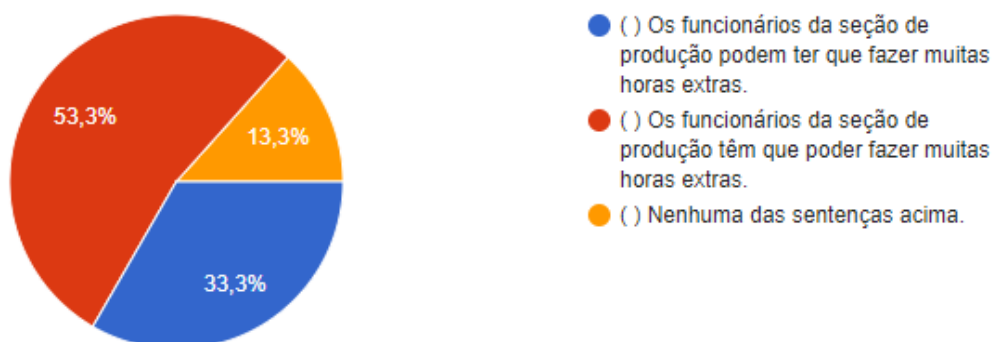
A primeira alternativa, com 46,7% das respostas, combina duas noções modais: uma de *possibilidade* e outra de *obrigação*, correspondendo à resposta esperada para este contexto (*poder* > *ter que*). Na segunda alternativa, com 46,7% das respostas, o primeiro modal da sequência tem noção de *obrigação*, e o segundo tem noção de *permissão*. A primeira e a segunda alternativas são bem formadas, mas disparam diferentes interpretações modais de acordo com a posição do item

modal na estrutura da sentença. Na primeira alternativa, em que *poder* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Modal Epistêmico > Modal Deontico Ought-to-do*. Já na segunda alternativa, em que *ter que* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Deontico Ought-to-be/Boulético > Deontico Ought-to-do/Habilitivo*.

Contexto 4

Mbiavanga é empresário há mais de 30 anos. Ele compra tecidos africanos na Ponta Negra e encaminha para alfaiates famosos criarem modelos de fatos para desfiles de moda pelo mundo. *Mbiavanga* recebeu um pedido de novas peças para entregar obrigatoriamente no curto prazo de 10 dias. *Então, Mbiavanga disse ao diretor da seção de produção que autorizasse os funcionários do setor a fazer muitas horas extras.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



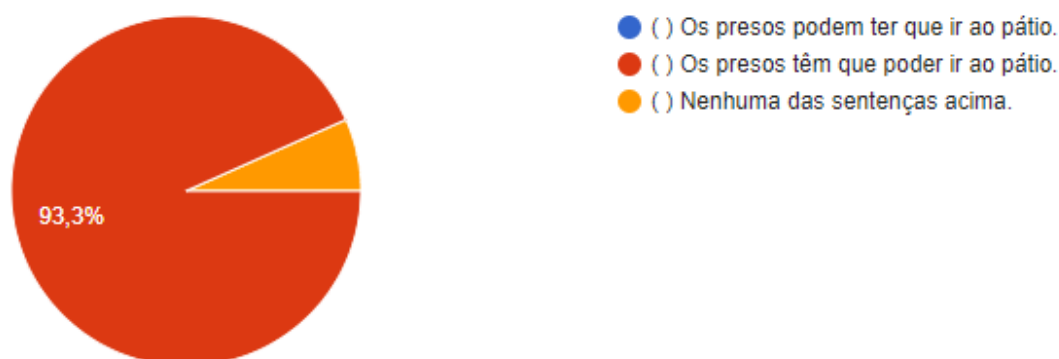
Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 5 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *os funcionários da seção de produção podem ter que fazer muitas horas extras*. Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 8 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *os funcionários da seção de produção têm que poder fazer muitas horas extras*. Por fim, a terceira alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, 2 participantes escolheram como resposta.

A primeira alternativa, com 33,3% das respostas, combina duas noções modais: epistêmica e deôntica do tipo *ought-to-do* (*poder > ter que*). A segunda alternativa, com 53,3% das respostas, também combina duas noções modais, mas dessa vez a deôntica do tipo *ought-to-be* com a deôntica *ought-to-do* ou com a habilitativa. Ambas as sentenças são bem formadas, mas disparam diferentes interpretações modais de acordo com a posição que o item modal ocupa na estrutura da sentença: modais altos figuram acima das categorias de tempo e aspecto e aparecem primeiro na sequência verbal; já modais baixos se localizam abaixo das categorias de tempo e de grande parte das categorias de aspecto e aparecem em segunda posição nas sequências verbais (Rech e Soares, 2019).

Contexto 5

O diretor da Comarca de Luanda ordenou ao guarda que permitisse aos presos irem ao pátio às 10 horas da manhã, todos os dias da semana. Hoje é quarta-feira e são 10 horas da manhã. *Então, o guarda é obrigado a permitir aos presos irem ao pátio.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, nenhum escolheu a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *os presos podem ter que ir ao pátio*. Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 14 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *os presos têm que*

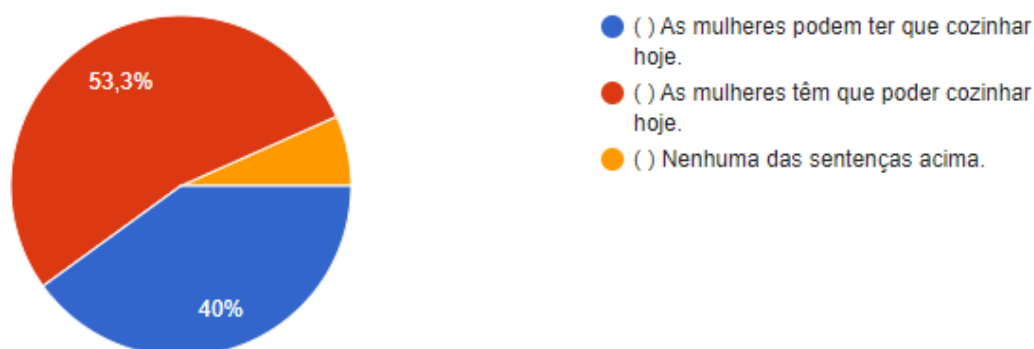
poder ir ao pátio. Por fim, a terceira alternativa, em que se rejeita as opções anteriores, apenas 1 participante escolheu como resposta.

A primeira alternativa combina duas noções modais: epistêmica e deôntica do tipo *ought-to-do* (*poder > ter que*). A segunda alternativa, com 93,3% das respostas, também combina duas noções modais. O primeiro modal pode denotar modalidade deôntica do tipo *ought-to-be* ou, então, modalidade bulética; já o segundo modal pode ser interpretado como um deôntico do tipo *ought-to-do* ou como um modal habilitivo. A primeira e a segunda alternativas são bem formadas, mas disparam diferentes interpretações modais de acordo com a posição do item modal na estrutura da sentença. Na primeira alternativa, em que *poder* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Modal Epistêmico > Modal Deôntico Ought-to-do*. Já na segunda alternativa, em que *ter que* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Modal Deôntico Ought-to-be/Bulético > Modal Deôntico Ought-to-do/habilitivo*.

Contexto 6

O Soba Ngola ordenou que as mulheres cozinhem sempre que houver óbitos na comunidade. Hoje teve óbito. *Então, é possível que as mulheres sejam obrigadas a cozinhar hoje.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



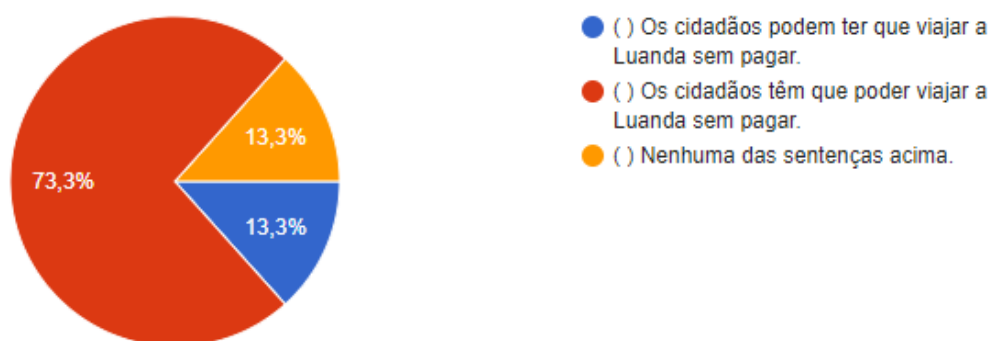
Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 6 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *as mulheres podem ter que cozinhar hoje*. Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 8 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *as mulheres têm que poder cozinhar hoje*. Por fim, a terceira alternativa, em que se rejeita todas as opções anteriores, 1 participante escolheu como resposta.

A primeira alternativa, com 40% das respostas, combina duas noções modais: epistêmica e deôntica do tipo *ought-to-do* (*poder* > *ter que*). A segunda alternativa, com 53,3% das respostas, também combina duas noções modais: deôntica *ought-to-be* ou bulética com deôntica *ought-to-do* ou habilitiva. A primeira e a segunda alternativas são bem formadas, mas disparam diferentes interpretações a depender da posição do item modal na estrutura. Na primeira alternativa, em que *poder* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Epistêmico* > *Deôntico Ought-to-do*. Já na segunda alternativa, em que *ter que* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Deôntico Ought-to-be/Bulético* > *Modal Deôntico Ought-to-do/Habilitivo*.

Contexto 7

O presidente da República ordenou ao Soba que permitisse aos cidadãos viajar a Luanda nos autocarros interprovinciais sem pagar aos domingos. Hoje é domingo. *Então, Soba é obrigado a permitir aos cidadãos viajar a Luanda sem pagar.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



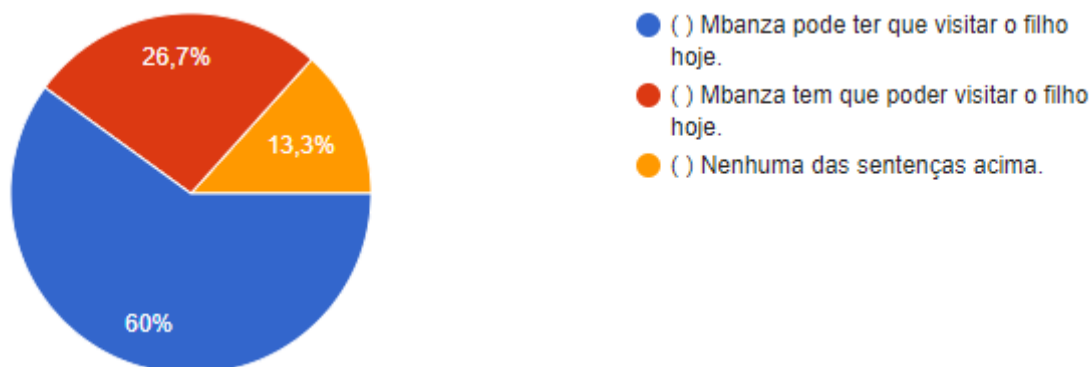
Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 2 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *os cidadãos podem ter que viajar a Luanda sem pagar*. Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 11 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *os cidadãos têm que poder viajar a Luanda sem pagar*. Por fim, a terceira alternativa, em que se rejeita as opções anteriores, 2 participantes escolheram como resposta.

A primeira alternativa, com 13,3% das respostas, combina duas noções modais: epistêmica e deôntica do tipo *ought-to-do* (*poder* > *ter que*). A segunda alternativa, com 73,3% das respostas, também combina duas noções modais: deôntica *ought-to-be* ou bulética com deôntica *ought-to-do* ou habilitiva. A primeira e a segunda alternativas são bem formadas, mas têm diferentes interpretações. Na primeira alternativa, em que *poder* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Epistêmico* > *Deôntico Ought-to-do*. Já na segunda alternativa, em que *ter que* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Deôntico Ought-to-be/Bulético* > *Deôntico Ought-to-do/Habilitivo*.

Contexto 8

Catenda sabe que Mbanza separou de Nkosi e que ele é obrigado a visitar o filho três dias na semana. Hoje é quarta-feira. *Então, é possível que Mbanza seja obrigado a visitar o filho hoje.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



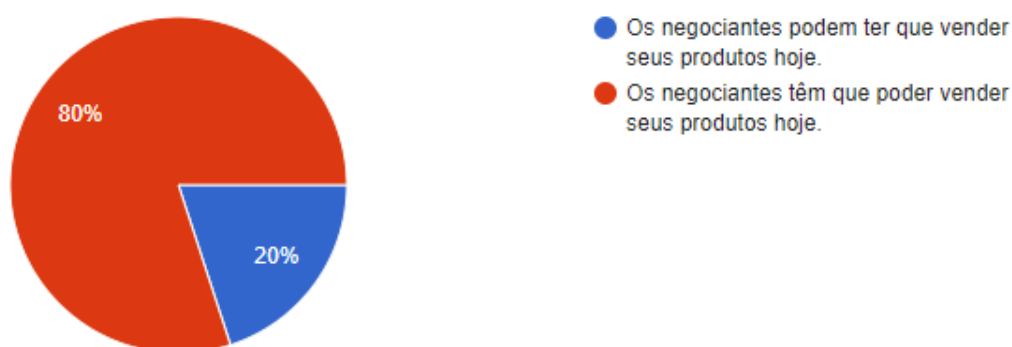
Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 9 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *Mbanza pode ter que visitar o filho hoje*. Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 4 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *Mbanza tem que poder visitar o filho hoje*. Por fim, a terceira alternativa, em que se rejeita as opções anteriores, 2 participantes escolheram como resposta.

A primeira alternativa, com 60% das respostas, combina duas noções modais: epistêmica e deôntica do tipo *ought-to-do* (*poder* > *ter que*). A segunda alternativa, com 26,7% das respostas, combina as seguintes noções modais: deôntica *ought-to-be* ou bulética com deôntica *ought-to-do* ou habilitativa. A primeira e a segunda alternativas são bem formadas, mas disparam diferentes interpretações modais de acordo com sua posição na estrutura da sentença. Na primeira alternativa, em que *poder* ocupa a posição mais alta da sequência, corresponde a alternativa esperada e apresenta o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Epistêmico* > *Deôntico Ought-to-do*. Já na segunda alternativa, em que *ter que* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Deôntico Ought-to-be/Bulético* > *Deôntico Ought-to-do/Habilitivo*.

Contexto 9

A administração do Mercado do Kwanzas disse para os fiscais permitirem aos negociantes venderem seus produtos todos os dias da semana, menos o primeiro domingo de cada mês, que é o dia da limpeza do mercado. Hoje é quinta-feira. *Então, os fiscais são obrigados a permitir aos negociantes venderem seus produtos hoje.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 3 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *os negociantes podem ter que vender seus produtos hoje*. Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 12 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *os negociantes têm que poder vender seus produtos hoje*. Por fim, a terceira e última alternativa, em que se rejeita as opções anteriores, nenhum participante escolheu como resposta.

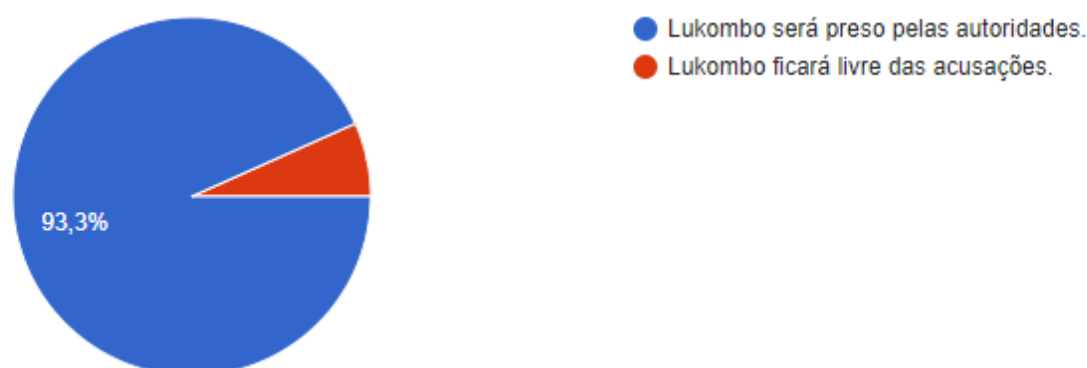
A primeira alternativa, com 20% das respostas, combina duas noções modais: epistêmica e deôntica do tipo *ought-to-do*. A segunda alternativa, com 80% das respostas, combina as noções deôntica *ought-to-be* ou bulética com deôntica *ought-to-do* ou habilitativa. Ambas as sentenças são bem formadas, mas denotam diferentes interpretações modais. À semelhança dos exemplos anteriores, quando o modal *poder* figura na primeira posição da sequência modal, o ordenamento dos núcleos modais corresponde ao seguinte: *Epistêmico > Deôntico Ought-to-do*. Quando *ter que* figura na primeira posição, ordenamento preferencial neste contexto,

a sequência corresponde a seguinte: *Deôntico Ought-to-be/Bulético > Deôntico Ought-to-do/Habilitivo*.

Contexto 10 - Controle

Lukombo está sendo acusado de subornar um agente de trânsito. O suborno às autoridades é crime em Angola. Na audiência, o agente de trânsito apresentou provas do suborno, e o juiz o declarou culpado. *Então, as autoridades receberam ordem de prender Lukombo.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

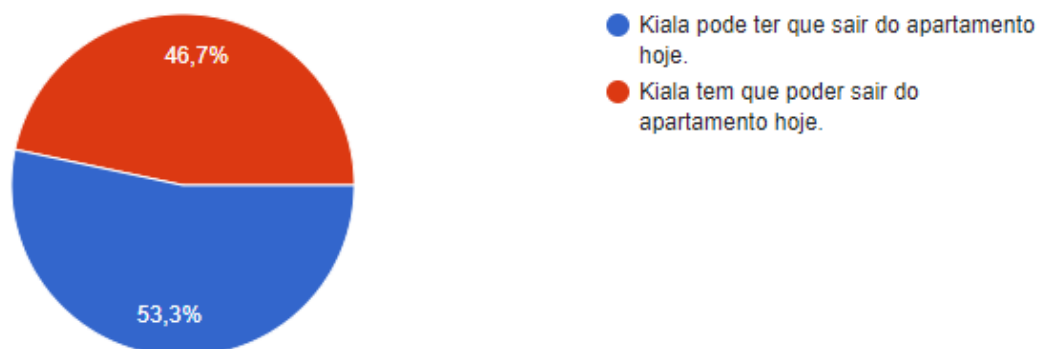


Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 14 escolheram a primeira alternativa como resposta, formando a sequência: *Lukombo será preso pelas autoridades*. Já a segunda alternativa, apenas 1 participante escolheu como resposta, formando a sequência: *Lukombo ficará livre das acusações*. Este é um contexto controle, e o resultado mostra claramente que os participantes resolveram a tarefa com atenção.

Contexto 11

De acordo com o contrato de aluguel, Kiala é obrigado a desocupar o apartamento na última semana do mês de outubro. Hoje é quarta-feira da última semana do mês de outubro. **Então, é possível que Kiala seja obrigado a sair do apartamento hoje.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, 8 escolheram a primeira alternativa como resposta, na qual o modal *poder* ocupa uma posição acima de *ter que*, formando a sequência: *Kiala pode ter que sair do apartamento hoje*. Já a segunda alternativa, na qual o modal *ter que* ocupa uma posição acima de *poder*, 7 participantes escolheram como resposta, formando a sequência: *Kiala tem que poder sair do apartamento hoje*. Por fim, a terceira e última alternativa, em que se rejeita as opções anteriores, nenhum participante escolheu como resposta.

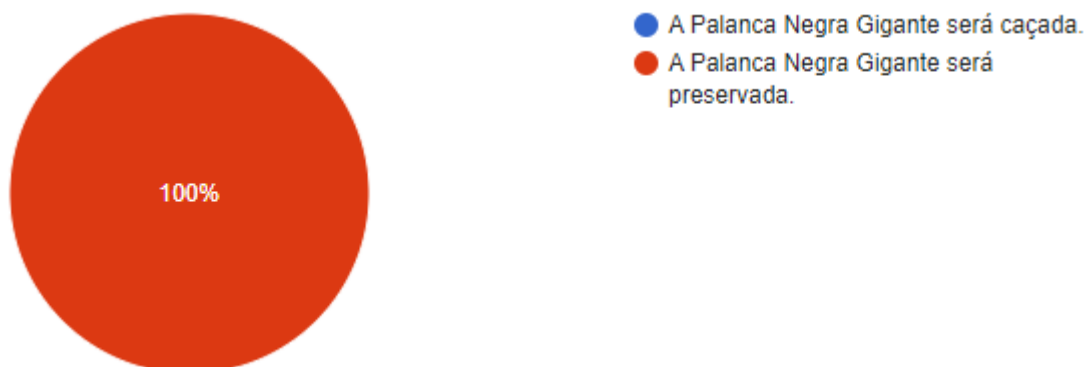
A primeira alternativa, com 53,3% das respostas, combina duas noções modais: epistêmica e deôntica do tipo *ought-to-do* (*poder > ter que*). A segunda alternativa, com 46,7% das respostas, combina igualmente duas ideias modais, sendo o primeiro um deôntico do tipo *ought-to-be* ou bulético, e o segundo um deôntico *ought-to-do* ou habilitivo. Na primeira alternativa, que é a preferencial neste contexto, *poder* ocupa a posição mais alta da sequência. Nesta, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Epistêmico > Deôntico Ought-to-do*. Já na segunda alternativa, em que *ter que* ocupa a posição mais alta da sequência, temos o seguinte ordenamento de núcleos modais: *Deôntico Ought-to-be/Bulético > Deôntico Ought-to-do/Habilitivo*.

Contexto 12 - Controle

A Palanca Negra Gigante é um animal que só existe em Angola na região da província de Malange. O Rei *Ngola Kiluanji* autorizou que os caçadores da província

de Malange cacem todos os tipos de animal, menos a Palanca Negra Gigante, que é o principal símbolo nacional. *Então, os caçadores seguiram a ordem do Rei Ngola Kiluanji.*

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto



Dos 15 participantes que realizaram a tarefa, nenhum escolheu a primeira alternativa como resposta. Já a segunda alternativa foi escolhida pelos 15 participantes. Esse resultado revela o grau de atenção com que os participantes realizaram a tarefa.

Neste questionário, vimos que os itens modais no PA seguem a hierarquia dos núcleos funcionais postulada por Cinque (1999), com os epistêmicos e os deônticos *ought-to-be* em posição alta, e os modais de raiz em posição baixa.

Não obstante a proposta de Hacquard (2012) dialogar com a de Cinque (1999), uma das diferenças entre os dois autores é que Cinque (1999) classifica os modais em epistêmicos e de raiz, e não faz a distinção entre deônticos *ought-to-be* e deônticos *ought-to-do*. Hacquard, por sua vez, mostra que há dois tipos de deônticos: *deôntico ought-to-be*, por ser alto, tem propriedades semelhantes a dos epistêmicos, como ser interpretado no tempo da enunciação, ser orientado para um participante do discurso, corresponder a um ato de fala; já o *ought-to-do*, por ser baixo, é interpretado no tempo dado na sentença, é orientado a um dos participantes do evento VP.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, estudamos os núcleos funcionais modais em relação às categorias tempo e aspecto. Além disso, a partir da perspectiva da sintaxe cartográfica, que estabelece uma posição fixa para cada tipo de modalidade dentro da estrutura da sentença, analisamos *ter que* e *poder* em situações de coocorrência na mesma sentença.

Importa referenciar que, no primeiro questionário, o apuramento dos dados do PA indicaram que o modal epistêmico pode ser interpretado com perspectiva temporal presente e passada. Esse resultado difere-se do proposto por Cinque (1999), que coloca os epistêmicos nas posições mais altas da estrutura da sentença, justamente por não pegarem marcas de tempo passado, como os modais de raiz. A preferência pelo preenchimento das alternativas com morfologia de tempo passado nos contextos que consideramos como perspectiva temporal passada indicaram que modais epistêmicos podem ser interpretados com essa perspectiva temporal no PA. Aliás, trabalhos precedentes ao nosso, como o de Condoravid (2002) e Rullmann e Matthewson (2018), também sinalizam nessa direção, sustentando que tanto modais epistêmicos quanto modais de raiz podem pegar marcas de tempo (TP > past > Epistemic > Root). Nesse aspecto, considera-se imperioso que haja mais pesquisas sobre modalidade no PA, bem como nas línguas *bantu* e *Khoisan* faladas em Angola, a fim de se verificar se existe algum morfema nessas línguas que serve para marcar tempo passado e presente, como fez Cinque (1999: 62), quando trata a respeito do “crioulo hatiano”. Por fim, em relação ao primeiro questionário, o PA também apresenta leitura modal epistêmica diferente do PB, visto que nessa língua o modal epistêmico não pega marcas de tempo, segundo Rech e Varaschin (2018), estando, sempre, portanto, ancorada no momento da enunciação do discurso, não obstante a morfologia de tempo passado (ver Ferreira, 2001b).

No que tange à categoria aspecto, espinhal dorsal do segundo questionário, modais epistêmicos no PA correspondem ao ordenamento proposto por Cinque (1999), que prevê que esse tipo de modal ocupe uma posição acima dessas categorias, o que acabou sendo constatado na maioria dos exemplos deste questionário.

No terceiro e último questionário, testamos os epistêmicos em relação a outros núcleos modais. A observação dos dados indicaram que modais epistêmicos e deônticos *ought-to-be* ocupam uma posição acima dos deônticos do tipo *ought-to-do*, que, como os modais de raiz, exemplo o de capacidade, ocupam as posições mais baixas. Por ser um tema complexo e com pouca exploração no PA, mais pesquisas são necessárias para se ter uma visão mais aguçada sobre o comportamentos dos verbos modais no PA não só nível da sintaxe, mas também da semântica e da morfologia, como nos trabalhos de Resende (2021a-b), que investiga propriedades morfológicas de *poder*, *dever* e *ter que*.

6. REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, J. E. **Tentativa de explicação de Angola**: componente etno-cultural dfa guerra civil, Vol. 1, N.º 6, Primavera. Política Internacional, 1993.
- ALTUNA, R. R. de A. **Cultura Tradicional Bantu**. Int. Mess. Pia. Soc. Filhos de S. Paulo - Angola, 2006.
- AGOSTINHO, A. T. C. F. P. **Guerra em Angola e as heranças da luta de libertação e a guerra civil**. Mestrado. Lisboa, 2011.
- ANGOLA, **Diário da República**: lei de Base do Ensino, 2016.
- ANGOLA. **Diário da república**: lei de base do sistema de educação, 2020.
- AGOSTINHO, A. L.; RECH, N. **Lessons from the field: Irrealis mood in Lung?le**. In: Jozina Vander Klok, Núbia Ferreira Rech and Simone Guesser. (Org.). *Modality in Underdescribed Languages - Introduction to Modality in underdescribed languages: Methods and insights*. 1ed. Berlim: De Gruyter Mouton, 2022, v. 357, p. 295-336.
- BÂ, A. H. **A tradição viva**. In: Ki-Zerbo, J. (Org.). *História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- BANDEIRA, M. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BHATT, R. **Ability Modals and their Actuality Entailments**. Stanford: CSLI, 1999. Disponível em: <http://people.umass.edu/bhatt/papers/wccfl-ability-modals.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2022
- BALSALOBRE, S.R. G. KANUSSE, E. F. **Língua portuguesa em Angola**: breve discussão sobre a situação de seu ensino na Província do Namibe. *Revista Interface da Educação*, 2020.
- BERNARDO, E.P.J. **Norma e variação linguística**: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 2017.

BERNARDO, E. P. J. SEVERO, C. G. **Políticas linguísticas em Angola: sobre as políticas educativas in(ex) cludentes.** Abralín, 2018.

BITTENCOURT, M. **Fissuras na luta de libertação angolana Fissuras na luta de libertação angolana.** 2012.

BOAHEN, A. A. A África diante do desafio colonial. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010a, p.1 - 20

BURTON, S.; MATTHEWSON, L. **Targeted construction storyboards in semantic fieldwork.** In. M. RYAN, B; MATTHEWSON, L (eds). Methodologies in semantic fieldwork, 135-156. Oxford & New York: Oxford university press. Acesso em: marc. 2023.

CAREGNATO, L. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, 2011.**

CÁ, L. O. **Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos países africanos de língua portuguesa.** ETD, v.13, n.1, 2010, p.207- 224, 2011.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective.** New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, G. **Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures.** New York: Oxford University Press, 2006. v.4.

CONDORAVDI, C. **Temporal interpretation of modals - modals for the present and for the past.** In: The Construction of Meaning. [S.l.]: CSLI Publications, 2002. p. 59–88.

COELHO, V. **A classificação etnográfica dos povos de Angola (1.^a parte).** Mulemba Revista Angolana de Ciências Sociais, 2015.

CORREIA, S. C. B. **O reino do Congo e os miseráveis do mar: o congo, o sonho e os holandeses no atlântico,** 2012. 213f. Dissertação (mestrado em História) -

Instituto de ciências humanas e filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

ESTEVES, V.D. **A colocação pronominal do português de Luanda: um estudo a partir do rap**. 2021. 52f. Monografia (Graduação em Letras Língua Portuguesa) – Instituto de Humanidade e Letras. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia. Bahia, 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: Desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FELDMAN, Fred. 1986. **Doing the Best We Can**. Philosophical Studies Series in Philosophy 35. Dordrecht: Reidel, 1986.

FERREIRA, M. **Modalidade com graus? Necessidade fraca e o verbo dever do português**. DELTA, 1-36, 2020a.

FERREIRA, M. **Alçamento temporal em complementos infinitivos do português**. Cad. Est. Ling, Campinas, v.62, p. 1-19, 2020b.

FERREIRA, A. C. F. NOGUEIRA, L. **A colocação dos pronomes na gramática portuguesa de Júlio Ribeiro**, 2016.

FERREIRA, N. **Auxiliares: uma subclasse dos verbos de reestruturação**. 2009. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FONSECA, D.J. **As línguas nacionais e o prestigioso português em Angola**. Anais da SIELP. vol 2, Uberlândia, 2012.

GREENBERG, J. H. **The Languages of Africa**, vol 25. Indiana, 1963.

GONÇALVES, J. **A economia de Angola: da independência à crise Mundial de 2008**. 2010. Revista tempo do mundo, 2010.

GOVERNO PORTUGUÊS, FNLA, MPLA, UNITA. **Acordo de alvor**. Portugal, 1975.

GOVERNO PORTUGUÊS. **Estatuto dos indígenas portugueses das províncias da Guiné, Angola e Moçambique**, 1954.

KATALA, C.D. PEDRO, J. D. **Descrição fonético-fonológica da monotongação no português falado em Angola como influência das línguas bantu**. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras, p.552-570, 2022.

HAEGEMAN, L. **Topicalization**, CLLD and the left periphery. ZASPapers in Linguistics, Berlin, n. 35, p. 157-192, 2004

HACQUARD, Valentine. **Aspects of modality**. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology: Cambridge, 2006.

HACQUARD, Valentine. 2010. **On the Event Relativity of Modal Auxiliaries**. Natural Language Semantics, 18(1): pp. 79-114.

KIALUNDA, S. K.; TUMUA, S. K.; BENGUI, M. P.; TIMBANE, A. A. **O kikongo e a cultura dos povos bakongo**: a cultilinguística nos nomes próprios. Revista Versalete, 2019.

KIALUNDA. K.S. **O português de Angola como língua nacional**: breves considerações sintáticas. 2020. 36f. Monografia (Graduação em Letras Língua Portuguesa) – Instituto de Humanidade e Letras. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia. Bahia, 2021.

KOLAGAR, Z.; VANDER KLOK, J. 2022. Studying modality through targeted construction storyboards. In J. Vander Klok, N. Rech and S. Guesser (eds.) Studying modality in underdescribed languages: Methods and insights. (Trends in Linguistics series). Berlin: Mouton de Gruyter.

KRATZER, A. **The notional category of modality**. In: EIKMEYER, H-J.; RIESER, H. (Org.). Word, worlds, and contexts: new approaches to word semantics. Berlin: W. de Gruyter, 1981. p. 38-74.

KRATZER, A. **Modality**. In: von Stechow, A.; Wunderlich, D. (eds). *Semantics: an international handbook of contemporary research*. Berlin; New York: W. de Gruyter, 1991. p. 639-50

KRATZER, A. 2001. **Modality**. In: STECHOW, A. von; WUNDERLICH, D. (Eds.). *Semantik: Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung*. Berlin: Mouton de Gruyter: pp. 639-650.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

MARIA DE CARVALHO, F. **Os homens do rei em Angola: sobas, governadores e capitães mores, século XVII e XVIII**. 285f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2013.

MATTHEWSON, L. 2004. **On the methodology of semantic fieldwork**, *International Journal of American Linguistics*, 70: 369-415.

MIGUEL, M. H. **Dinâmica da pronominalização no português de Luanda**. 1ª Edição. Luanda: Mayamba Editora, 2003.

MENDES, J.V. **Interações modal-temporais no português brasileiro**. 122f. (Dissertação). Curso de Linguística. Pós-graduação em Linguística Geral. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

MINGAS, A. A. **A interferência do kimbundu no português falado em Luanda**. Luanda. Ed. Caxinde, 2000.

NZAU, D.G.N. VENÂNCIO, J.C. SARDINHA, M. da G. de A. **Em torno da consagração de uma variante do português de Angola: subsídios para uma reflexão**, 2013.

NEGRÃO, E. V. VIOTTI, E. **Contato entre o kimbundu e o português clássico: impactos na impessoalização do português brasileiro e angolano**. *Linguística/Vol. 30* (2), Diciembre 2014: p.289-330.

OLDEROGGE, D. Migrações e diferenciações étnicas e linguísticas. In: KI-ZERBO, J (Org): **História Geral da África: Metodologia e pré-história da África**. vol.1. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 295-316.

PETTER, M. **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

PEREIRA, L. N. N. **Etnias de fronteira e a questão nacional: o caso dos “regressados” em Angola**. Caderno de campo, 2002.

PESSOTTO DOS SANTOS, A. L. **Força e evidência: uma análise teórico experimental da semântica de ‘pode’, ‘deve’ e ‘ter que’**. 277f. Tese (Doutorado) – Curso de Linguística, Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015.

PINTO, T. P.L. **Modernidade x Tradição: homem novo e o “problema” racial e étnico em Angola**, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

PORTNER, P.; PAK, M.; ZANUTTINI, R. **The speaker-addressee relation at the syntax-semantics interface**. Language, Washington, v. 95, n. 1, p. 1-36, 2019.

RANGER. T. O. **Iniciativas e resistência africanas em face da partilha e da conquista**. In: História geral da África VII. 1880-1935/ editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, p.51 - 72.

RESENDE, M. **A morfologia dos modais: notas sobre a caracterização morfológica de dever, poder e ter que/de**. Revista da Anpoll, Florianópolis, v. 52, n. 1, p. 236-256, 2021a.

RESENDE, M. **Contra homonímia e polissemia: em defesa de uma categoria modal para os verbos modais**. Forum lingüístic., Florianópolis, v.18, n. 3, p .6645 - 6659, 2021b.

RECH, N. F.; VARASCHIN, G. **Propriedades do modal deôntico ought-to-be**. Alfa, Araraquara, v.62, n.2, p.361–380. 2018.

RECH, N.F.; GUESSER. **Sobre a sintaxe de construções ought-to-be com e sem addressee específico**. v.66. p.1-20. 2022.

RULLMANN, H.; MATHEWSON, L. **Towards a theory of modal-temporal interaction language**. 94 (2). 281-331. 2018. Acesso em: Mar. 2023.

SAKUKUMA, A. L. S. **Angola**: Deslocamentos Narrativos em Uanhenga Xitu e Moisés Mbambi. 2016. 221f. Tese (Doutorado em Literatura) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2016.

STOWELL, T. **Tense and modals**. In: GUÉRON, J.; LECARME, J. (Org.). The syntax of time. Cambridge: MIT, 2004. p. 621-635.

SASSUCO, D. P. **Pistas essenciais para um português de Angola**. Ed. Blucher, 2016.

SANTOS, E. F. Dos. **Aspectos da língua portuguesa em Angola**. PAPIA, São Paulo, 28(1), p. 25-49, 2018.

SILVA, A.C.M. da. **Angola**: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. 2010. Neri em revista. V.4 N.5 2018.1, 2010.

SANTOS, E.F. dos. **A contribuição de Amélia Mingas para uma linguística histórica Angola**: contextualizações iniciais. Ensaio teórico. Revista Abralín, 2021.

SEBASTIÃO, A. K. M. **O processo de paz em Angola**: a dimensão internacional do conflito armado de Gbadolite à Luena. Dissertação. Lisboa, 2015.

TEIXEIRA, E. P. **A representação do sujeito pronominal no português popular angolano**. Pávia 22(1), p. 141-159, 2012.

TSAI, W. D. **On the Topography of Chinese Modals**. In: SLHONSKY, U. (ed.). Beyond Functional Sequence: The cartography of syntactic structures. Oxford: Oxford University Press, 2015. v.10. p. 275-294.

TIMBANE, A.A. DOMINGOS, Y.F. AFONSO, E.V.S. **O português angolano e a variação léxico-cultural no hip-hop**: um exemplo com Yannick Afroman, 2019.

UNDOLO, M. E. da S. **Caracterização da norma do português em Angola**. 2014. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Évora, 2014.

UZOIGWE, G. N. **Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral**. In: História geral da África VII: 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010a, p.1 - 20

VANDER KLOK, Jozina. 2022. **Discourse contexts targeting modality in fieldwork: A revised modal questionnaire**. In J. Vander Klok, N. Rech and S. Guesser (eds.) *Studying modality in underdescribed languages: Methods and insights*. (Trends in Linguistics series). Berlin: Mouton de Gruyter.

VANDER KLOK, Jozina. 2014. 'Questionnaire on modality for cross-linguistic use.' Disponível em: <http://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/questionnaires.Php> (under "Modality"). Acesso em: Mar. 2023.

von Fintel, Kai & Anthony S. Gillies. 2007. **An opinionated guide to epistemic modality**. In **Oxford studies in epistemology**: volume 2, T.S. Gendler and J. Hawthorne, Oxford: Oxford University Press, 32–62. Disponível em: <http://mit.edu/fintel/fintel-gillies-2007-ose2.pdf>. Acesso em: Mar. 2023.

YOUTUBE, **Línguas Vidas em Português**. 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JBmLzbjmhhg&t=207s//>. Acesso em: 12 dez.2021.

ZAU, D. G. D. **A língua portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização**. 2011. 204f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Artes e Letras, Universidade de Beira Interior, Covilhã, 2011.

7. ANEXOS

7.1 ANEXO 1 — Entrevista de dados do falante

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

Pesquisa: O estudo da modalidade epistêmica no PA

Material: Entrevista de dados do falante

Supervisor: Núbia Ferreira Rech

Pesquisador: Valdimiro Dias Esteves

Dados do Falante

1. Nome completo do participante: _____
2. Idade: _____ Data de nascimento: _____
3. Nacionalidade: _____ Local de Nascimento: _____
4. Local de Moradia: _____
5. Há quantos anos? _____ Onde morou antes? _____
6. Sexo: () M () F () Prefiro não informar
7. Profissão: _____
8. Estado Civil: _____
9. Nível de escolaridade: _____
10. Telefones: _____
11. E-mail: _____
12. Whats: _____

Outras informações relevantes para o estudo:

7. 2 ANEXO 2 — Entrevista de informações linguísticas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LINGUÍSTICA

Pesquisa: O estudo da modalidade epistêmica no português angolano.

Supervisora: Profa. Dra. Núbia Ferreira Rech

Pesquisador: Valdimiro Dias Esteves

Falantes de Português Angolano

Informações linguísticas

1. Quantas línguas você fala?
2. Qual ou quais dessas línguas você aprendeu quando era criança?
3. Que língua você fala ou vai falar com os seus filhos?
4. Você aprendeu a escrever nessas línguas?
5. Como você fala, entende, escreve e lê nessa(s) língua(s)? Escreva

Línguas	Bem	Médio	Rudimentar
Fala			
Compreende			
Lê			
Escreve			
Fala			
Compreende			
Lê			
Escreve			

	Fala			
	Compreende			
	Lê			
	Escreve			

6. Com que idade você começou a aprender cada uma dessas línguas?
 7. Qual ou quais dessas línguas você se sente mais à vontade para usar no dia a dia?
 8. Você se sente à vontade para conversar nessa(s) língua(s)?

Línguas	Sim	Não

9. Em que contexto(s), você aprendeu essa(s) língua(s)? (Ex.: em casa, na rua, na escola, na interação no dia a dia, morou no exterior)?

Língua	Contexto

10. Você mora num país onde nenhuma de suas línguas maternas é o idioma oficial?

sim

não

7.3 ANEXO 3 — QUESTIONÁRIO 1

Instrução:

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre a cultura de Angola. A pesquisa está organizada em forma de questionário. São descritas 14 (catorze) situações em português de Angola, solicitando ao participante da pesquisa uma tarefa de preenchimento de lacuna na sentença destacada em negrito. O objetivo da pesquisa é verificar como os angolanos expressam seu conhecimento sobre os fatos em diferentes situações. A sua participação na pesquisa é voluntária, e o seu nome não será divulgado. Antes de assinalar uma das alternativas, é importante **LER ATENTAMENTE O CONTEXTO DESCRITO, POIS A ALTERNATIVA ESCOLHIDA PRECISA LEVAR EM CONTA AS INFORMAÇÕES DADAS NO CONTEXTO**

Pesquisador: Valdimiro Dias Esteves (habildollar@gmail.com)

Supervisora: Profa. Dra. Núbia Ferreira Rech (nubiarech19971@gmail.com)

* Indica uma pergunta obrigatória

1. O professor Nsimba é responsável. Ele não costuma faltar no serviço e nem chegar atrasado. Ele comentou com os alunos na aula de ontem que estava a se sentir mal e que faria o teste da COVID depois que saísse da escola. No outro dia, o professor Nsimba não foi à escola. O que você acha que os alunos estão pensando: **O professor Nsimba _____ estar doente.**

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores.

2. Os amigos Bumba e Quissanga marcaram de se encontrar às 9 horas na Mediateca Zé Dú (próximo ao largo 1ª de maio em Luanda) para fazerem um trabalho juntos. Bumba chegou no horário combinado e está a esperar o Quissanga já faz uns 40 minutos. Bumba sabe que Quissanga costuma ser pontual. O que você acha que Bumba está pensar neste momento?

Quissanga _____ estar preso no engarrafamento.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

3. Matondo, filho de Maviluka e de Matumona, começou a trabalhar como segurança no Banco BFA. No meio da noite, Maviluka telefonou para o telefone do filho sem ter

nada de importante para dizer. De manhã, Matumona perguntou para Mavilukaa a razão de ela ter ligado para o filho no meio da noite. Então, ela respondeu:

Matondo _____ estar dormindo no trabalho.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores.

4. Ngola e Nzinga combinaram de fazer exercícios na casa de Ngola na segunda-feira no início da tarde. Às 13 horas de segunda-feira, Nzinga foi até a casa do Ngola e bateu insistentemente o portão, mesmo notando que todas as janelas estavam fechadas. No dia seguinte, o vizinho de Ngola encontrou-se com a Nzinga e perguntou por que ela bateu insistentemente o portão se a casa de Ngola estava toda fechada. Ela, então, respondeu:

Ngola _____ estar a dormir.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

5. Samba tem alergia a pêlos de animais, e é uma pena para ele quando visita seu amigo Cacoba, porque o Cacoba tem muitos animais em casa. Você sabe que Samba está visitando Cacoba agora. O que você pensa?

Samba _____ estar com olhos avermelhados e a lacrimejar.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

6. Weza comprou um vestido para o final do ano no site Aliexpress. A entrega estava prevista para às 10 horas do dia seguinte, mas já se passaram 2 dias, e o vestido ainda não chegou. Ela está tentando contato com a boutique, mas ninguém atende, nem responde as mensagens. Weza, então, comenta com a mãe:

O vendedor _____ ser um burlador.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

7. Mussunda almoça com as crianças do orfanato todas as sextas-feiras. Mesmo se ele estiver doente, não deixa de ir. Não é obrigatório que Mussunda almoce com as

crianças do orfanato todas as sextas-feiras, ele simplesmente vai até lá e faz isso semanalmente. Hoje é sexta-feira e estamos na hora do almoço. O que você acha que Mussunda está fazendo agora?

Mussunda _____ estar no orfanato almoçando com as crianças.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

8. Lemba está jogando sueca com os seus amigos. Ela tem 4 cartas do trunfo. Desatenta ao jogo, quando seu parceiro fez recolha de trunfos, na hora de apanhar uma manilha, colocou bora um conde, passando a vez para outra pessoa jogar. Ao perceber seu erro, Lemba fica visivelmente frustrada. Kiala, sua dupla no jogo, pergunta o que aconteceu. Ela, então, responde:

Eu _____ apanhar uma manilha.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

9. Katenda é um menino de apenas 6 anos de idade e gosta muito de ajudar sua mãe a preparar as refeições. A mãe de Katenda está a se preparar para fazer moqueca, e Katenda, para ajudar, começou a separar os ingredientes para fazer a receita. Ao perceber que katenda abriu e fechou a porta da geladeira sem pegar nada, perguntou ao filho: "Por que você abriu a geleira?"

O óleo de palma _____ estar na geleira.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

10. Você está a sentir uma dor nos olhos que não passa, então, você foi ao oftalmologista. Os exames não revelaram nenhum problema na vista. Então, você pensa:

_____ ser apenas cansaço.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

11. O professor de matemática diz: A bola está em A ou em B ou em C. Não está em A. Não está em B. Portanto:

A bola _____ estar em C.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

12. Welwitschia pediu à sua mãe para brincar com os amigos. Sua mãe disse para lavar os pratos antes de brincar. Depois de lavar todos os pratos, ela pediu novamente à sua mãe, que lhe disse:

Welwitschia, agora você _____ brincar com seus amigos.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

13. A Gingongo, amiga da Sabrita, foi passar as férias no Bengo (província onde vivem seus avós). Depois de duas horas de viagem, Gingongo telefona para Sabrita, pedindo que ela fosse até sua casa verificar se estava tudo em ordem. Sabrita foi até a casa da Gingongo e não notou nada de estranho, então ligou de volta para sua amiga e perguntou: "Por que você pediu para eu ir até sua casa ver se estava tudo bem?". Então, Gingongo respondeu:

O forno _____ estar ligado.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode
- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

14. Nvunji está fora de Angola desde os 5 anos de idade e já faz 25 anos que ele vive na Alemanha, para onde foi levado por seu tio, porque seus pais não tinham condições de criá-lo. Durante todo esse tempo, Nvunji não recebeu notícias dos pais. Ao voltar em Angola com sua família, ele bateu na porta da casa onde morou com seus pais quando menino. Uma mulher que ele não conhecia atendeu, então ele disse que foi um engano. A esposa de Nvunji, sem entender o que estava acontecer, lhe perguntou a razão de ele ter batido naquela porta. Então, nvunji respondeu:

Minha mãe _____ morar aqui.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase:

- podia
- pode

- devia
- deve
- nenhuma das alternativas anteriores

7.4 ANEXO 4 — QUESTIONÁRIO 2

Instrução:

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre a cultura de Angola. A pesquisa está organizada em forma de questionário. São 12 (doze) situações em português de Angola, solicitando ao participante da pesquisa que escolha, dentre duas alternativas, a mais adequada ao contexto descrito. O objetivo da pesquisa é verificar como os angolanos expressam seu conhecimento sobre os fatos em diferentes situações. A sua participação na pesquisa é voluntária, e o seu nome não será divulgado. Antes de assinalar uma das alternativas, é importante **LER ATENTAMENTE O CONTEXTO DESCRITO, POIS A ALTERNATIVA ESCOLHIDA PRECISA LEVAR EM CONTA AS INFORMAÇÕES DADAS NO CONTEXTO.**

Pesquisador: Valdimiro Dias Esteves (habildollar@gmail.com)

Supervisora: Profa. Dr^a. Núbia Ferreira Rech (nubiarech19971@gmail.com)

1. Kizua tem excesso de peso e isso está lhe provocando muitos problemas de saúde. Depois de uma semana de internamento, os médicos deram-lhe alta para continuar o tratamento em casa. A mulher do Kizua acredita que o marido seguirá as ordens médicas.

Assinale a alternativa que expressa o pensamento da mulher do Kizua:

Kizua pode começar a fazer exercícios

Kizua começou a poder fazer exercícios

2. Há rumores nas redes sociais de que o grande craque da seleção angolana de futebol e o autor do golo que classificou Angola para o mundial de 2006 na Alemanha, Fabrice Alcebíades Maieco, vulgarmente conhecido por Akwá, irá abandonar o futebol depois da grave lesão que sofreu. A maioria dos torcedores não acredita nisso.

Assinale a alternativa que expressa o pensamento da maioria dos torcedores:

Akwá pode voltar a jogar futebol profissional

Akwá voltou a poder jogar futebol profissional

3. Lueji e seu esposo têm o costume de correr todos os dias a partir das 18h. Hoje, seu esposo chegou à casa tarde, depois das 18h, e percebeu que Lueji não está em casa. Então, ele pensa o seguinte:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento do esposo da Lueji.

A Lueji pode estar a correr.

A Lueji está podendo correr.

4. A construção de barragens de retenção das águas das chuvas vai ajudar o executivo angolano e o Governo da província do Cunene no combate à seca que lá se regista há mais de 3 anos. Os moradores da província acreditam que essa ação seja o início de um processo de desenvolvimento da província do Cunene.

Assinale a alternativa que expressa o pensamento dos moradores da província do Cunene

O executivo angolano pode começar a trazer desenvolvimento para a província.

O executivo angolano começou a poder trazer desenvolvimento para a província.

5. Kuaba nasceu e cresceu na província da Huíla, no município do Lubango. Aos 23 anos, ele se mudou para Luanda para fazer faculdade e trabalhar. Os seus pais e irmãos continuaram vivendo na província da Huíla. A família de Kuaba sempre foi muito unida, mas já faz algum tempo que Kuaba não os visita, por estar muito ocupado com o trabalho e com os estudos. Com muitas saudades do filho, a mãe de Kuaba pensa:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento da mãe do Kuaba:

Kuaba pode parar de visitar a família

Kuaba parou de poder visitar a família

6. Até 2021 Angola ainda não tinha erradicado a malária como a principal causa de morte na província do Cuando Cubango. Kiluanji pensa que essa situação é por falta de boas políticas públicas voltadas ao sector da saúde.

Assinale a alternativa que expressa o pensamento de Kiluanji:

O executivo angolano pode continuar a combater a malária na província do Cuando Cubango.

O executivo angolano continua podendo combater a malária na província do Cuando Cubango.

7. Pombolo gosta muito de ler e toda semana empresta livros na biblioteca do IMEL. Essa semana, quando ele foi para emprestar alguns livros, seu cartão não estava na mochila. Para não ficar sem ler, pediu ao seu colega Nguma para emprestar alguns livros na biblioteca para ele. Na semana seguinte, ao saber que seu colega Pombolo conseguiu fazer um novo cartão da biblioteca, Nguma pensa:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento de Nguma ao saber que Pombolo tem uma nova carteirinha da biblioteca:

Pombolo pode voltar a emprestar livros na biblioteca.

Pombolo voltou a poder emprestar livros na biblioteca.

8. Lukombo se candidatou para a vaga de professor na Universidade Agostinho Neto, para lecionar as disciplinas de máquinas elétricas e práticas oficinais elétricas (POE). Por ter um currículo muito qualificado, todos consideram que:

Assinale a alternativa que expressa a expectativa das pessoas sobre Lukombo:

Lukombo vai trabalhar na Universidade Agostinho Neto como professor

Lukombo quer trabalhar na Universidade Agostinho Neto como professor

9. Todas as sextas-feiras pela manhã, Ngamadia compra os ingredientes para o preparo das refeições das crianças do lar Kuzola em Luanda. Mesmo se ela estiver cansada, ela não deixa de fazer isso. Hoje é sexta-feira e agora são 10 horas da manhã. Então, você pensa:

Assinale a alternativa que expressa o teu pensamento sobre onde Ngamadia está neste momento:

Ngamadia pode estar a comprar os ingredientes para o preparo das refeições das crianças.

Ngamadia está a poder comprar os ingredientes para o preparo das refeições das crianças.

10. Desde 2010 que Angola vem traçando novas políticas públicas para diversificação da sua economia de forma a reduzir a dependência do Petróleo no Orçamento Geral do Estado. A província do Bengo tem recebido cada vez mais investimentos do Governo e de empresas privadas no sector agrícola. Sabendo sobre os recorrentes investimentos feitos pelo Governo e pelas empresas privadas no setor agrícola, o pensamento dos moradores da província do Bengo é o seguinte:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento dos moradores da província:

O Governo e as empresas privadas podem continuar a investir no sector agrícola.

O Governo e as empresas privadas continuam podendo investir no sector agrícola.

11. Nanako é capitã da seleção angolana de handebol. Pela seleção nacional, ela já conquistou três títulos de campeã africana, sendo a principal destaque da seleção angolana de handebol. No último treino, antes do início do campeonato africano de handebol, a Nanako se lesionou. Sem a divulgação de notícias sobre a sua recuperação, os adeptos desejam que:

Assinale a alternativa que expressa o desejo dos adeptos:

Nanako consiga jogar com a equipa a partir da próxima semana.

Nanako queira jogar com a equipa a partir da próxima semana.

12. Na palestra realizada hoje na Universidade Católica de Angola, o médico e palestrante Kavukila chamou atenção sobre o risco que as mulheres correm ao usarem a pílula do dia seguinte regularmente, como um comprimido normal. Nguma, uma jovem de 18 anos que tem esse costume, assistiu a palestra com sua amiga Lueji. No final da palestra, Lueji percebeu a aflição de Nguma e pensou:

Assinale a alternativa que expressa o pensamento de Lueji no final da palestra:

Nguma pode parar de usar a pílula do dia seguinte

Nguma parou de poder usar a pílula do dia seguinte

7.5 ANEXO 5 — QUESTIONÁRIO 3

Instrução:

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre a cultura de Angola. A pesquisa está organizada em forma de questionário. São descritas 12 (doze) situações em português de Angola, solicitando ao participante da pesquisa uma tarefa de escolha de alternativas. O objetivo da pesquisa é verificar como os angolanos expressam seu conhecimento sobre os fatos em diferentes situações ou, ainda, como recebem ou dão ordem e/ou permissão. A sua participação na pesquisa é voluntária, e o seu nome não será divulgado. Antes de assinalar uma das alternativas, é importante **LER ATENTAMENTE O CONTEXTO DESCRITO, POIS A ALTERNATIVA ESCOLHIDA PRECISA LEVAR EM CONTA AS INFORMAÇÕES DADAS NO CONTEXTO.**

Pesquisador: Valdimiro Dias Esteves (habildollar@gmail.com)

Supervisora: Profa. Dra. Núbia Ferreira Rech (nubiarech19971@gmail.com)

1. A Direção Provincial da Educação determinou que a direção das escolas ofereça todas as refeições para as crianças de segunda-feira a sexta-feira. Hoje é quinta-feira. Portanto, **a direção das escolas é obrigada a permitir que as crianças façam as refeições na escola.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- () As crianças podem ter que fazer as refeições na escola.
- () As crianças têm que poder fazer as refeições na escola.
- () Nenhuma das sentenças acima.

2. Na tradição Nganguela, quando um homem engravida uma mulher, é obrigado a casar. Gingongo está grávida, e há suspeitas de que Fula seja o pai da criança. **É possível que Fula seja obrigado a casar.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- () Fula pode ter que casar com Gingongo.
- () Fula tem que poder casar com Gingongo.
- () Nenhuma das sentenças acima.

3. O patrão informou que Mbanza viaja para Catete às segundas-feiras para entregar fertilizantes aos agricultores da fazenda. Hoje é segunda-feira. **Então, é possível que Mbanza seja obrigado a viajar para Catete.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- Mbanza pode ter que viajar para Catete
- Mbanza tem que poder viajar para Catete
- Nenhuma das sentenças acima.

4. Mbiavanga é empresário há mais de 30 anos. Ele compra tecidos africanos na Ponta Negra e encaminha para alfaiates famosos criarem modelos de fatos para desfiles de moda pelo mundo. Mbiavanga recebeu um pedido de novas peças para entregar obrigatoriamente no curto prazo de 10 dias. **Então, Mbiavanga disse ao diretor da seção de produção que autorizasse os funcionários do setor a fazer muitas horas extras.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- Os funcionários da seção de produção podem ter que fazer muitas horas extras.
- Os funcionários da seção de produção têm que poder fazer muitas horas extras.
- Nenhuma das sentenças acima.

5. O diretor da Comarca de Luanda ordenou ao guarda que permitisse aos presos irem ao pátio às 10 horas da manhã, todos os dias da semana. Hoje é quarta-feira e são 10 horas da manhã. **Então, o guarda é obrigado a permitir aos presos irem ao pátio.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- Os presos podem ter que ir ao pátio
- Os presos têm que poder ir ao pátio
- Nenhuma das sentenças acima.

6. O Soba Ngola ordenou que as mulheres cozinhem sempre que houver óbitos na comunidade. Hoje teve óbito. **Então, é possível que as mulheres sejam obrigadas a cozinhar hoje.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- () As mulheres podem ter que cozinhar hoje
- () As mulheres têm que poder cozinhar hoje
- () Nenhuma das sentenças acima

7. O presidente da República ordenou ao Soba que permitisse aos cidadãos viajar a Luanda nos autocarros interprovinciais sem pagar aos domingos. Hoje é domingo. **Então, o Soba é obrigado a permitir aos cidadãos viajar a Luanda sem pagar.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- () Os cidadãos podem ter que viajar a Luanda sem pagar.
- () Os cidadãos têm que poder viajar a Luanda sem pagar.
- () Nenhuma das sentenças acima.

8. Catenda sabe que Mbanza se separou de Nkosi e que ele é obrigado a visitar o filho três dias na semana. Hoje é quarta-feira. **Então, é possível que Mbanza seja obrigado a visitar o filho hoje.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

- () Mbanza pode ter que visitar o filho hoje.
- () Mbanza tem que poder visitar o filho hoje.
- () Nenhuma das sentenças acima.

9. A administração do Mercado do Kwanzas disse para os fiscais permitirem aos negociantes venderem seus produtos todos os dias da semana, menos o primeiro domingo de cada mês, que é o dia da limpeza do mercado. Hoje é quinta-feira. **Então, os fiscais são obrigados a permitir aos negociantes venderem seus produtos hoje.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

Os negociantes podem ter que vender seus produtos hoje.

Os negociantes têm que poder vender seus produtos hoje.

10. Lukombo está sendo acusado de subornar um agente de trânsito. O suborno às autoridades é crime em Angola. Na audiência, o agente de trânsito apresentou provas do suborno, e o juiz o declarou culpado. **Então, as autoridades receberam ordem de prender Lukombo.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

Lukombo será preso pelas autoridades.

Lukombo ficará livre das acusações.

11. De acordo com o contrato de aluguel, Kiala é obrigado a desocupar o apartamento na última semana do mês de outubro. Hoje é quarta-feira da última semana do mês de outubro. **Então, é possível que Kiala seja obrigada a sair do apartamento hoje.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto:

Marcar apenas uma alternativa.

Kiala pode ter que sair do apartamento hoje.

Kiala tem que poder sair do apartamento hoje.

12. A Palanca Negra Gigante é um animal que só existe em Angola, na região da província de Malange. O Rei Ngola Kiluanji autorizou que os caçadores da província de Malange cacem todos os tipos de animal, menos a Palanca Negra Gigante, que é o principal símbolo nacional. **Então, os caçadores seguiram a ordem do Rei Ngola Kiluanji.**

Assinale qual das sentenças abaixo expressa o mesmo sentido da sentença em destaque no contexto

Marcar apenas uma alternativa.

A Palanca Negra Gigante será caçada.

A Palanca Negra Gigante será preservada.